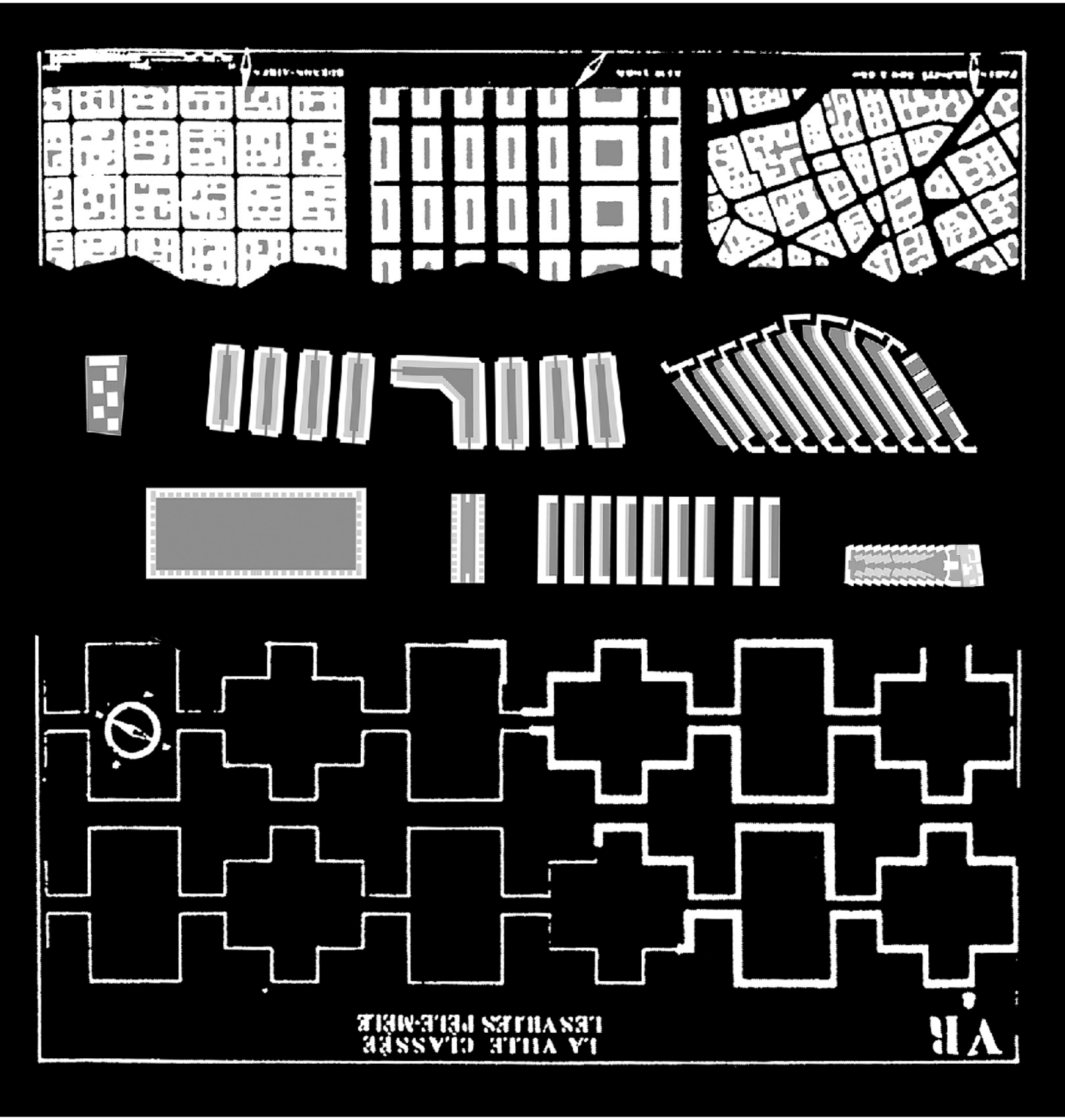
Entre o quarteirão e o bloco:

Espaços exteriores de uso residencial na habitação colectiva alemã e holandesa dos anos 20



Dissertação de Mestrado - FAUP - ano lectivo 2009/2010 - Nilton Cezar Anes Marques

Orientador

Arquitecto Álvaro Fernandes Vítor Andrade

Agradecimentos

Aos meus pais, Domingos e Maria, por tudo.

Gostaria de registar aqui minha gratidão a todos que me apoiaram e auxiliaram durante a elaboração desta dissertação.

À família, pelo amor incondicional a distância. Aos amigos, pelo apoio e as mais variadas ajudas durante este percurso.

Agradeço especialmente a paciência e o labor do meu orientador, o arquitecto Álvaro Vítor Fernandes Andrade, que com sabedoria e paciência me guiou e auxiliou, não apenas nesse trabalho, mas sim deste o principio até ao fim do meu percurso como aluno na **F**aculdade de **A**rquitectura da **U**niversidade do **P**orto.

Resumo

Este trabalho debruça-se sobre alguns aspectos das possibilidades da qualificação da habitação colectiva, através da sua articulação com espaços exteriores apropriáveis por seus moradores. Com auxílio de uma breve retrospectiva do seu papel ao longo da história, em particular sobre o arco temporal da segunda década do século XX, no qual se analisam especificamente 6 exemplos, procura-se reflectir sobre as hipóteses da reincorporação no "estirador" destes espaços, que tantas vezes se verificam pouco ponderados nas preocupações de projecto.

Estes espaços residenciais foram palco de diversas transformações ao longo da história da arquitectura, principalmente no último século onde, após milénios de presença constante na cidade, foram questionados e abandonados pela urbanística modernista. Assim, como suporte a qualquer ponderação eficaz da sua consideração actual, considera-se fundamental esta oportunidade de reflexão sobre as possibilidades, que procura desvendar os processos do seu desaparecimento e posteriores defesas da sua recuperação.

Na progressiva abertura do quarteirão, e consequente exposição dos espaços privados de logradouro, verifica-se que, durante o intervalo definido e nas experiências analisadas, estes se tornam objecto específico de reflexão e projecto arquitectónico, com relações com o questionamento geral da morfologia urbana e desta com as questões específicas da intimidade e da domesticidade.

Algumas questões relacionadas com o reaparecimento recente destes espaços de uso privado, em processos muitas vezes de fora para dentro da arquitectura, como nos fenómenos dos condomínios fechados, formaram o enquadramento da motivação e pertinência da investigação, face ao objectivo de fundo de permitir construir conhecimento sobre as hipóteses da consideração de espaços privados que não sejam perniciosos e desestruturadores da urbanidade.

Abstract

This paper focuses on some aspects of the qualification possibilities of collective housing, through its connection with external spaces appropriated by its residents. With the aid of a brief review of its role throughout history, particularly on the temporal arc of the second decade of the twentieth century, which analyzes six specific examples, we seek to reflect on the assumptions of reincorporation in the "drawing board" of these spaces that often encountered little weighted on the concerns of project.

These residential areas were the scene of several transformations throughout the history of architecture, especially in the last century where, after millennia of constant presence in the city, were questioned and abandoned by modernist urban planning. Thus, as support for any effective consideration of its current account, it is considered essential for this opportunity to reflect on the possibilities, which seeks to unravel the processes of their disappearance and subsequent defenses of his recovery.

The progressive opening of the block, and consequent exposure of the private spaces of public place, it appears that during the interval defined in the experiments and analyzed, these become the specific object of reflection and architectural design, with relations with the general questioning of urban morphology and this with the specific issues of intimacy and domesticity.

Some issues related to the recent resurgence of these spaces for private use, often in processes from the outside of architecture, as in the phenomenon of gated communities, formed the framework of motivation and relevance of research to the aim of enabling the fund to build knowledge assumptions about the consideration of private spaces that are not harmful and destructive of urbanity.

Índice

1 Introdução 9
1.1 Objecto 13
1.2 Objectivos 13
1.3 Metodologia 15
2 Do modelo tradicional ao contra-modelo modernista 17
2.1 Modelo tradicional 18
2.2 Saturação da cidade tradicional 21
2.3 Racionalização da cidade saturada 24
2.4 Do quarteirão ao bloco 31
2.4.1 Desenvolvimento da linha de pensamento da reforma pragmática da cidade saturada 32
2.4.2 Desenvolvimento da linha de pensamento da cidade-jardim 40
2.5 Contra-modelo modernista 47
3 A forma urbana após a cidade modernista 53
3.1 Crítica ao contra-modelo modernista e revalorização da cidade tradicional 54
3.2 Recuperação (cenográfica?) do modelo tradicional 60
3.3 Tendências de aproximação entre modelos 66
4 Experiências de espaços exteriores na habitação colectiva holandesa e alemã nos anos 20 77
4.1 Tusschendijken - J.J.P. Oud (1919) 79
4.2 Siedlung Niederrad ou Zick-Zack-Hausen – Ernst May (1926) 84
4.3 Nirwana Flats - Johannes Duiker e Jan Wiebenga (1927) 88
4.4 Ernst May e Franz Roeckle – Siedlung Heimat (1928) 92
4.5 J.J.P. Oud - Blijdorp (1931) 96
4.5 Le Corbusier – Immueble Villas (1922-1925) 100
4.7 Síntese dos exemplos 105
5 Considerações finais 109
5.1 Incorporação dos espaços livres residenciais no estirador 109
5.2 Contributo para um conceito mais amplo do quarteirão na contemporaneidade 110
Bibliografia 112
Crédito das imagens 115

1. Introdução

"Conseguimos viajar no espaço mas, em se tratando do que fazer com o planeta, não sabemos sobre qual ideia nos apoiarmos para fazer um pedaço de cidade" (Portzamparc, 1997: 39).

Questões recentes como a proliferação de espaços privados de uso colectivo, sejam de acesso mais livre como no caso dos centros comerciais; ou mais contratualizado como em diversos parques temáticos e de lazer; ou ainda o surgimento e proliferação dos fenómenos dos condomínios fechados; relançam na actualidade o debate, questionamento e reflexão sobre as relações entre os espaços públicos e os privados.

Sem arrogar a capacidade de questionamento geral e universal das relações entre público e privado, e sem desejar abordar em particular nenhum dos fenómenos referidos, este trabalho elege o âmbito da habitação colectiva como o foco a partir do qual se reflecte sobre a dialéctica destas grandes esferas, esses pólos duais da existência social e cultural.

Construindo a partir da memória da experiência do trabalho de Projecto III, onde, para surpresa de um brasileiro recém-chegado, estas relações eram discutidas de forma central no desenvolvimento do trabalho, se instalou uma crescente inquietação que culminou na sua eleição como tema para este exercício final do curso de Arquitectura da FAUP.

A partir de uma experiência empírica pessoal, que decorre entre a imersão num contexto sob grande influência modernista na cidade de São Paulo, e a verificação quotidiana de encerramentos informais de muitos espaços exteriores resultantes desta influência, aproveitar esta oportunidade para reflectir sobre as questões envolvidas entre o desejo arquitectónico e a vontade informal, pareceu ser adequado.

Desejava-se saber se esta busca por espaços exteriores apropriáveis nas habitações colectivas, que remetem aos jardins individuais das habitações unifamiliares, podia ser ponderada ainda no estirador. Ou seja, de que forma seria possível proporcionar às pessoas que viverão nossos projectos espaços exteriores privados, como parece ser a sua expectativa, sem com isso pôr em causa valores mais altos de urbanidade e civilidade?

Uma aproximação, ainda que superficial, da cidade clássica tradicional parecia apontar nesse sentido. Além de se encontrar espaços exteriores residenciais articulados às habitações, foi possível verificar um claro encerramento destes espaços através do edificado periférico dos quarteirões. Entretanto, não se pode deixar de

salientar que estas formas urbanas eram compostas, em linhas gerais, por habitações unifamiliares.

Com a finalidade subjacente de aprender da história para a prática contemporânea de um arquitecto brasileiro, este não seria o exemplo mais eficaz. O crescimento demográfico nas cidades brasileiras contribui diariamente para um adensamento de seus tecidos urbanos e, consequentemente, para uma progressiva substituição das formas urbanas constituídas por habitações unifamiliares por outras compostas por habitações colectivas.

A par disso, com excepção de pequenas áreas históricas "tombadas" no tempo, não temos qualquer tradição com este tipo de cidade europeia. O crescimento das cidades brasileiras foi recente e abrupto (no inicio do século XX São Paulo não passava de uma vila), e nestas condições muito influenciado pelos conceitos da urbanística modernista, com óbvio destaque para Brasília.

Desta forma, procurou-se recuar na história à procura das motivações, e do momento em que estes espaços exteriores residenciais, presentes nos tecidos mais antigos das cidades como logradouros ou pátios, deixaram se ser considerados em projectos de habitações colectivas.

No decorrer desta busca, foi possível verificar que entre as primeiras respostas alternativas à degradação de qualidade de vida ocorrida sobre os tecidos urbanos tradicionais no século XIX (sistematizadas nas obras de Haussman e Cerdá e na Cidade-Jardim) e a estabilização e generalização canónica da Cidade Modernista, existia um intervalo de tempo onde era já possível perceber muitos dos elementos do Movimento Moderno, mas coexistindo ainda com elementos estruturais da cidade tradicional.

Ou seja, um arco temporal onde parecia ser possível verificar algumas das perturbações identificáveis com as procuras modernistas, mas ainda a evidente persistência de uma herança estrutural da cidade clássica. Exemplos já da presença do "sol, espaço e verdura como os elementos do urbanismo", mas articulados com uma definição inequívoca do que são, por um lado, espaços públicos, de convivência e encontro universal e irrestrito, e, por outro, espaços privados, colectivos e/ou individuais, que permitem prolongar o habitar para o espaço exterior, de uma forma apropriável e vivida. Aparentemente uma coexistência de alguns elementos que ainda hoje concorrem para uma forte apetência pela habitação unifamiliar, com as vantagens urbanas da habitação colectiva.

Neste contexto funda-se o enquadramento do que virá a ser o Objecto deste trabalho: as formas urbanas da habitação colectiva dos anos 20, onde coexistam uma estrutura geral ainda referenciável à cidade tradicional, mas já claramente marcada pela influência do pensamento moderno sobre a arquitectura e o urbanismo. E igualmente onde se verifique a coexistência de espaços públicos de estruturação e

articulação urbana, com espaços privados de prolongamento e relação da habitação colectiva com espaços exteriores próprios.

Um dos objectivos, tal como subentendido logo no início desta introdução, seria o de promover uma investigação dos exemplos que correspondessem aos critérios expostos, analisando-os em termos de morfologia urbana[1], isto é, da análise das formas na correlação com os fenómenos que lhes deram origem (Lamas, 1992: 37), com ênfase nos referidos espaços exteriores residenciais.

A estrutura deste trabalho constrói-se sob alguns aspectos na correspondência aos passos processuais da metodologia desenvolvida. Um capítulo dois com a sistematização de uma breve viagem sobre a história da cidade abordando, muito breve e sinteticamente, quer as características essenciais do que aqui se designa por cidade tradicional, quer as da cidade modernista. Serão destacados nesse percurso, quer as tentativas de resposta às insuficiências geradas pela pressão industrial, quer, essencialmente, o percurso que conduz do quarteirão fechado ao bloco livre.

De seguida, no capítulo 3, e com o objectivo de alargar a capacidade crítica da grelha de análise sobre os exemplos escolhidos, a investigação conduz-se no sentido de interiorizar quer a síntese das críticas que o modelo modernista desencadeou, quer algumas das respostas que, também em função das mesmas, alguns arquitectos e urbanistas procuraram estruturar. Em traços largos este momento histórico será caracterizado a partir da evidenciação da revalorização da cidade existente, bem como de algumas realizações que procuram resgatar o modelo da cidade tradicional. Conclui-se esta parte da investigação com a síntese de alguns processos contemporâneos onde é possível verificar a procura de compatibilidades e coexistências entre o modelo e o contra-modelo que se refere a partir de Portas (1987). Ou seja de alguns exemplos que parecem apontar no sentido de um dos questionamentos centrais deste trabalho: de que formas, com que processos, equilibrar espaços públicos e privados na habitação colectiva contemporânea.

Em termos metodológicos pretende-se que a estruturação destas duas partes concorra para o aprofundamento de uma grelha de análise, de um *instrumento de*

[1] *"A morfologia (urbana) é o estudo da forma do meio urbano nas suas partes físicas exteriores, ou elementos morfológicos, e na sua produção e transformação no tempo. Todavia, é necessário sublinhar que um estudo morfológico não se ocupa do processo de urbanização, quer dizer, do conjunto de fenómenos sociais, económicos e outros, motores de urbanização. Estes convergem na morfologia como explicação da produção da forma, mas não como objecto de estudo.*

Um estudo de morfologia urbana ocupa-se da divisão do meio urbano em partes (elementos morfológicos) e da articulação destes entre si e com o conjunto que definem - os lugares que constituem o espaço urbano. O que remete de imediato para as necessidades de identificação e clarificação dos elementos morfológicos, quer em ordem à leitura ou análise do espaço quer em ordem à sua concepção ou produção.

Um estudo morfológico deve necessariamente tomar em consideração os níveis ou momentos de produção do espaço urbano. Níveis esses que possuem, dentro da disciplina urbanístico-arquitectónica, a sua lógica própria, articulada sobre estratégias político-sociais. Um estudo morfológico deve também identificar os níveis de produção da forma urbana e as suas inter-relações." (Lamas, 1992: 38).

leitura que hierarquize a importância dos diferentes elementos da forma (Cerasi, 1967[2]).

O quarto capítulo é composto pelo corpo de análise dos exemplos seleccionados, estruturando a sua relação individual quer com esta teoria de fundo, quer com o Objecto e os Objectivos. O desenvolvimento da investigação determinou que os casos escolhidos, mais do que casos de estudo estruturados e coerentes, se afirmassem como exemplos das diversidades encontradas na análise específica deste período histórico, desde o ponto de vista dos espaços exteriores residenciais da habitação colectiva.

Também devido a esta circunstância, este trabalho encerra com um capítulo sobre Considerações Finais, mais do que Conclusões. Mais do que resultados definitivos, pensa-se que se conseguiu alcançar alguma estabilização do conhecimento, são mais as questões que agora se colocam do que aquelas que à partida se manifestavam.

[2] *"Para descrever ou analisar a forma física de uma cidade ou mesmo de um edifício, pressupõem-se já a existência de um instrumento de leitura que hierarquize a importância dos diferentes elementos da forma. Assim, os fios de electricidade de uma rua não têm a mesma importância na descrição do espaço físico dessa rua com a altura dos edifícios, etc. Portanto a leitura, mesmo querendo-se objectiva, passa já por uma operação da cultura que selecciona os elementos, os hierarquiza e lhes atribui valores*" CERASI, Maurício (1967); Lettura del Ambiente; Milano; Cooperativa Libraria Univesitaria del Politécnico – Facolta di Architettura del Politécnico di Milano, 1973 (4ª edição) p.26; cit. in Lamas, 1992: 37.

1.1.Objecto

O objecto desta dissertação define-se nas relações estabelecidas entre os espaços exteriores privados de uso residencial e as formas construídas em projectos de habitação colectiva, nomeadamente no contexto alemão e holandês dos anos 20, durante os processos de dissolução do quarteirão.

Procura-se, na sequência da investigação de Lamas (1992), *na urbanística formal da primeira metade do século XX (…) a relação dialéctica entre os diferentes elementos morfológicos, entre as estruturas formais e as organizações distributivas*.

1.2.Objectivos

Num sentido quase do todo para o particular, alargando de novo no fim, os objectivos mais gerais que se definiram para esta investigação são:

Concorrer para o questionamento sobre o rácio adequado entre espaços de uso público e espaços de uso privado, adequado à nossa contemporaneidade.

Face aos limites e insuficiências ou excessos, da globalidade de uso público dos espaços urbanos não construídos, ou ao outro extremo contemporâneo, conduzido pelo mercado da oferta imobiliária, de uma excessiva privatização, importa reflectir, a partir do papel da arquitectura na construção da cidade, sobre as possibilidades de equilíbrio e dotação qualificada de espaços públicos e privados, que possam contribuir para o reforço simultâneo da domesticidade e da urbanidade.

Questionar a diversidade de processos e formas pelas quais se pode "*tornar nítida separação entre o espaço público e o privado*" (Jacobs, 1961).

Dependendo o objectivo anterior de elementos físicos de delimitação e mediação entre os espaços, e parecendo pouco pertinente na actualidade o retorno à edificação perimetral contínua, a questão do "limite" torna-se, também aqui, tema central de reflexão arquitectónica. De tal forma, percebe-se no final, que se poderia constituir como tema específico de investigações semelhantes.

Contribuir para o conhecimento disciplinar sobre a reestruturação de espaços exteriores existentes, nomadamente de estrutura modernista.

Entre temas recentes com a "résidentialisation" francesa, que elege esta reestruturação como tema central, e a desqualificação carceral de alguns resultados informais das cidades brasileiras, afirma-se a pertinência e a urgência de os arquitectos

intervirem e terem um papel liderante sobre matérias que lhes dizem directamente respeito e que contribuem para a qualificação, ou desqualificação, do espaço físico.

Na sequência e como objectivo mais operativo

Continuar a lógica da história como instrumento operante para o "estirador".

Forte tradição e elemento de diferenciação da FAUP, pretende-se que este trabalho seja, no mínimo a nível pessoal, uma fonte de informação criticamente reflectida de apoio directo ao projecto contemporâneo. No aprofundamento da reflexão e da distância crítica existe o propósito de formular ferramentas operativas para a consideração dos espaços exteriores residenciais no projecto da habitação colectiva.

No alargamento referido

Questionar as possibilidades de realização contemporânea de *"un concepto más amplio y abstracto"* do quarteirão (Arís, 1995):

Entre a possibilidade de utilização crítica simultânea do modelo tradicional e do contra-modelo modernista, e a consideração explícita da recuperação dos espaços privados na formação dos logradouros, que liguem e dêem consistência ao edificado disperso, permitir na actualidade entender não o edifício singular mas sim um novo quarteirão como a unidade relevante na construção da cidade.

1.3.Metodologia

Como referido acima os passos da construção da metodologia correspondem, grosso modo, à estrutura da dissertação.

Os primeiros longos momentos da investigação, nomeadamente da procura da definição e construção do Objecto, do Problema e dos Objectivos, tiveram como base principal a consulta e posterior análise aprofundada de fontes documentais, em particular as bibliográficas, mas sem descuidar outras de maior especificidade arquitectónica.

Face a uma debilidade de formação específica sobre a história da cidade europeia, o investimento inicial centrou-se na revisão das necessárias fontes bibliográficas que permitissem a construção desse conhecimento, com progressivo foco nas matérias que iam derivando da afinação do Objecto e dos Objectivos. Em particular, quase como objectivo processual, abordar sob a óptica da morfologia urbana as relações estabelecidas entre o edificado e os espaços exteriores residenciais, durante o curto espaço de tempo onde decorre a diluição do quarteirão em direcção às formas livres modernistas.

Já muito a par com a análise específica de fontes documentais gráficas, e face às insuficiências de consideração e reflexão que se notavam, procedeu-se a um recentrar de novo nas fontes bibliográficas, com o objectivo de alargar a capacidade analítica, na construção de conhecimento sobre os tempos posteriores à generalização da modernidade. Embora o objecto se centrasse numa era anterior, as experiências que na altura se efectuaram, e o alargamento para um desejo de questionamento destas face à contemporaneidade, evidenciou a necessidade de empreender os passos necessários para suprir essas faltas.

Tanto mais que em termos de metodologia também se definia a necessidade de construção de uma grelha de análise que permitisse operar de uma forma mais correcta e eficaz sobre os exemplos de estudo que se iam avolumando. Passo metodológico com exigências próprias, o momento seguinte foi então o de definir e afinar instrumentos mais específicos que permitissem operar sobre as restantes fontes. Neste sentido, e com o objectivo de evidenciar nessas fontes gráficas os temas e matérias relevantes para a investigação, procedeu-se a um tratamento gráfico que permitisse de uma forma rápida e clara apresentar o estatuto dos espaços não construídos. Este processo foi sempre acompanhado pela revisão e alargamento constante dos textos que pudessem esclarecer e complementar as ambiguidades da informação, tanto mais que se revelou impossível qualquer consulta às fontes originais dos exemplos.

2. Do modelo tradicional ao contra-modelo modernista

Ao longo dos vários séculos da história urbana podem ser identificadas diferentes formas de crescimento e de desenho urbano, formalizando cidades que, sob diferentes níveis de análise, se apresentam muito diferentes entre si. Na consciência deste facto no entanto, no âmbito desta investigação, assume-se ao longo deste capítulo um ponto de vista, construído a partir de vários autores (Portas, 1987; Arís, 1991; Lamas, 1992; Andrade, 2004; Igualada, 2005), que permite olhar para a cidade pré-modernista como "uma única cidade".

Partindo da verificação de um mesmo *sistema básico de relações*, da *constância de regras morfológicas*, identificam a presença de um "código genético"[3], de "denominadores comuns"[4], com os quais se permitem caracterizar e definir as cidades ocidentais até o primeiro quarto do século XX.

Assim, neste contexto e no âmbito deste trabalho, se entenderá o modelo tradicional como base de organismos urbanos que se desenvolveram ao longo de um largo processo histórico[5] produzindo, para além da enorme diversidade interna, uma sedimentação que lhe atribuiu uma identidade e homogeneidade externas.

Para o que remete para o corpo central desta dissertação convém clarificar que se essa diversidade interna é facilmente identificável na sucessão das estruturas e formas das cidades ao longo dos sucessivos períodos históricos[6], em qualquer um deles os limites são muito precisos e definidos. Seja numa leitura mais global, onde o que não é urbano é rural, muitas vezes em forma de corte abrupto por muralhas defensivas, ou na relação mais particular entre vários elementos morfológicos onde, por exemplo, o que não é público é privado.

Esta clareza, onde cada definição encontra sentido no seu inverso, permitia a leitura da cidade tradicional e de seus elementos como equilibrados, bem definidos e homogéneos. É em grande parte esta clareza e o equilíbrio das relações entre os elementos que compõem a cidade tradicional que permitem a leitura de (uni)cidade referida no primeiro parágrafo, a que acresce a simplicidade da sua consideração e múltipla articulação:

[3] Nuno Portas, 2002, Conferência "Formas Urbanas", Exponor - «Concreta», 01 de Novembro de 2002; cit. por Andrade, 2004:20.

[4] *"… um denominador comum para a produção urbana até ao período moderno. Quaisquer que tenham sido os processos de crescimento urbano, as regras morfológicas foram constantes e serviram a diferentes objectivos culturais, estéticos, programáticos e funcionais"* (Lamas, 1992:136).

[5] "*Por volta de 2500 a.C., todas as características essenciais da cidade tinham tomado forma e haviam encontrado para si um lugar na cidadela, senão na comunidade urbana total. O recinto murado, a rua, o quarteirão de casas, o mercado, o recinto do templo com os seus pátios interiores, o recinto administrativo, o recinto das oficinas – tudo isso existia pelo menos em forma rudimentar; e a própria cidade como símbolo estético, completo e poderoso, a ampliar e enriquecer, a potencialidade humana, achava-se visível. A durabilidade dessas instituições e formas é quase tão espantosa quanto a ampla gama de variações às quais se prestaram*" (Mumford,1961:104).

[6] A estrutura e as formas dos tecidos medievais são claramente distintos, por exemplo, da estrutura e das formas dos organismos renascentistas.

"Neste sistema, os elementos constituintes são basicamente três: os espaços públicos de circulação e acesso; a edificação marginal em quarteirão; o espaço não construído de logradouro. Cada um destes elementos podia tomar formas e dimensões bastante distintas arrastando alterações nos restantes sem que, no entanto, destruísse o sistema básico de relações." (Portas, 1987:105) [s.i.].

A rua e a praça conformam o espaço livre público, o espaço livre privado encontra-se no interior dos quarteirões, a mediação e o filtro entre esses espaços é feito fisicamente, na sua maioria, pelo edificado disposto marginalmente nos quarteirões, ou por outros elementos morfológicos complementares como muros, grades, ou várias formas de vegetação (Lamas, 1992). Os limites entre público e privado são claros, desprovidos de ambiguidades de leitura ou percepção. Os logradouros privados não construídos, a edificação marginal e o sistema viário constituem o positivo e negativo da subdivisão do solo urbano. Nas fachadas marginais do edificado, coincide tanto a delimitação física (edificado/não edificado, vazio/cheio) como a jurídica entre os espaços públicos e privados[7].

Desta forma, neste modelo, o edificado e o espaço público (rua, praça, etc.) formam uma relação de mutualismo, onde a própria definição de cada um é inter-dependente da do outro. O carácter sólido e contínuo do edificado é o que caracteriza e dá sentido ao inverso, o vazio das ruas e praças, como elementos de excepção, tornam-se legíveis e pontos singulares na estrutura urbana. Assim, a chamada "rua-corredor", assume grande parte da condição do urbano, subdivide o solo, marcando os limites dos quarteirões e, consequentemente, do público e do privado, para além de canalizar o tráfico e os acessos directos ao edificado marginal.

O quarteirão e seu edificado adquirem também, neste contexto, protagonismo na definição dos espaços públicos e privados[8]. Subdividido em lotes adjacentes, é composto por um contínuo de edifícios contíguos dispostos de forma periférica nos lotes, é delimitado por três ou mais vias, responsáveis pelo acesso directo a estes edifícios. Assim ao mesmo tempo que suas fachadas coincidem com os limites da via pública, a implantação tem como consequência a criação de vazios privados adjacentes a cada um dos edifícios, logradouros ou pátios, descontínuos física e juridicamente, na correspondência à divisão em lotes. Face a esta estrutura geral e à regra quase universal da continuidade física do contorno do quarteirão[9] estes espaços não

[7] Javier Igualada, quando defende que na cidade tradicional podemos encontrar três modalidades de ocupação de solo:

"- Espacio libre público, física y jurídicamente continuo y con papel estructurante: son las calles y plazas

- Espacio edificado privado, jurídicamente discontinuo (subdividido en diferentes propiedades) pero físicamente continuo: su lectura de conjunto es la del lleno, la del sólido compacto, dada la continuidad de las edificaciones entre medianeras.

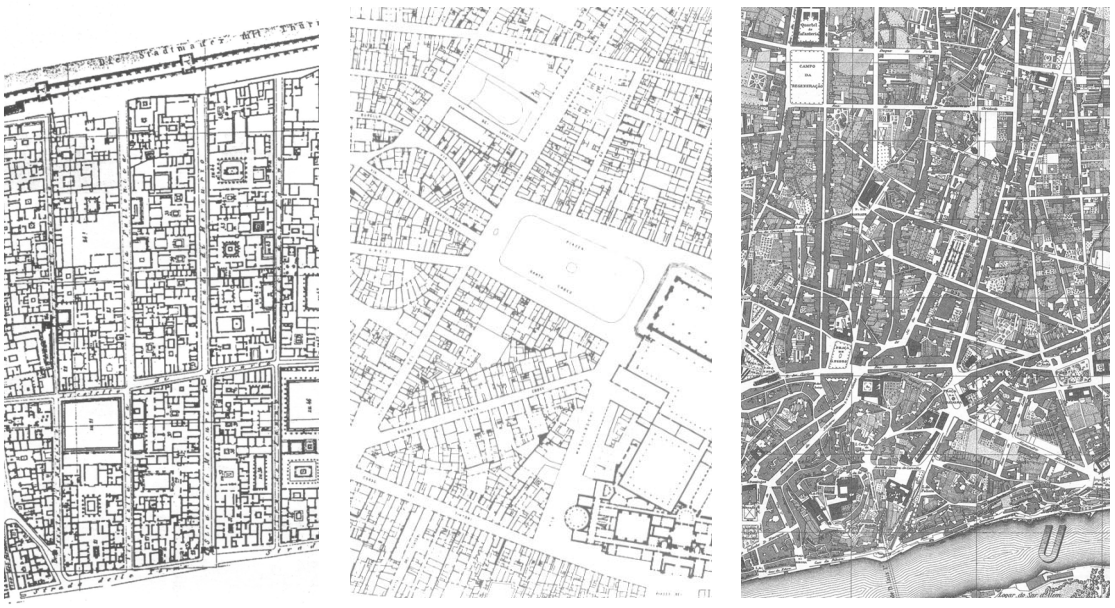
- Espacio libre privado, física y jurídicamente discontinuo y separado del espacio libre" (Igualada, 2005: 13).

[8] *"É sobre o quarteirão que vão incidir maiores transformações até o seu completo desaparecimento no século XX. Porque, sendo um elemento morfológico que interliga e estrutura vários outros, é também no quarteirão que se processa a separação entre o domínio público e privado, estruturando as práticas sociais e sua utilização"* (Lamas: 136).

[9] Sabe-se, no seio da diversidade interna já referida, de várias situações onde esta linha contínua de física separação entre público e privado se inflecte para o "interior" do quarteirão: as ilhas do Porto, as courées francesas ou as alcoves inglesas, os pátios de Lisboa, de Espanha ou de Itália, como meros exemplos.

construídos de logradouros ou pátios, seguem física e visualmente separados dos espaços livres privados pela edificação.

Nesta brevíssima caracterização do modelo tradicional, e uma vez que o objecto de estudo se inter-relaciona com a habitação colectiva, importa salientar que, a edificação que compõe os quarteirões das cidades tradicionais era basicamente composta por habitações unifamiliares, desde os quarteirões compostos por casas pátio nas civilizações clássicas mediterrânicas, aos quarteirões das cidades europeias medievais formados por parcelas estreitas com habitações góticas-mercantis[10]. Esta situação se verificará até a saturação do tecido urbano nas cidades do século XIX, como será explanado a seguir.



01, 02 e 03: Plantas de Pompeia, Florença e Porto. Três cidades distintas, três contextos diferentes, entretanto é possível claramente se reconhecer o mesmo *sistema básico de relações* ou *código genético.*

[10] *"En la ciudad tradicional, el tejido urbano estaba compuesto básicamente por casas unifamiliares. En las civilizaciones clásicas mediterráneas la ciudad se construyó a partir de lo tipo de la casas patio (…). En la ciudad medieval europea prevalecía la casa gótica-mercantil, formada por la parcela estrecha e profunda…"* (Arís, 1991: 15).

2.2.Saturação da cidade tradicional

A história universal registra o século XIX como a época das grandes alterações e transformações, essencialmente de escala e de velocidade. O termo "revolução" em conjunto ao adjectivo "industrial" reforça claramente esta leitura. Obviamente a arquitectura e o urbanismo não são alheios a estas transformações, e de tal forma que várias fontes colocam aqui a origem da modernidade e/ou dos factores que lhe estão subjacentes[11].

Com o advento da indústria, a ocorrência de um grande êxodo rural, uma forte especulação imobiliária, e outros factores que concorrem para um desequilíbrio entre a oferta e a procura de habitação, assiste-se à saturação dos tecidos urbanos das cidades oitocentistas. Nestas, apesar de o desenho urbano manter as regras e elementos de composição anteriores[12], ocorre uma ruptura de escala em consequência de um grande salto demográfico urbano, as muralhas são derrubadas, a cidade deixa de se apresentar como uma entidade física clara e delimitada para se alastrar pelo território.

Centrando as questões no âmbito deste trabalho, pois não se pretende aqui fazer um estudo minucioso da enorme complexidade deste século, segundo Carlos Martí Arís as referidas rupturas de velocidade e de escala são responsáveis por substanciais alterações na estrutura urbana, destacando este autor *la transformación de los tipos residenciales* e *el papel de las infraestructuras* (1991:14).

Relativamente à transformação dos tipos residenciais, a pressão demográfica nas cidades do século XIX e a consequente especulação imobiliária provocam uma densificação em altura e profundidade do tecido urbano. Essa densificação, até ao ponto de saturação, resulta numa alteração das tipologias predominantes nos quarteirões. Enquanto nas cidades anteriores o tecido residencial era, basicamente, composto por casas unifamiliares, na cidade oitocentista o tecido é constituído, predominantemente, por habitações colectivas em propriedade horizontal.

Entretanto, a saturação do tecido urbano não ocorre pela simples alteração da tipologia predominante dos quarteirões. Como já mencionado, a densificação não ocorre apenas em altura mas também em profundidade, ou seja, a edificação deixa de se implantar apenas marginalmente nos quarteirões e, em busca de um

[11] *Vg. Benevolo, 1963. "A ruptura morfológica que se processa no século XIX é de dimensão, escala e forma geral da cidade. No século XIX, a cidade deixa de ser uma entidade física delimitada para alastrar pelo território, dando início ao aparecimento de ocupações dispersas e à indefinição dos perímetros urbanos. É esta a primeira grande ruptura na morfologia tradicional, que será seguida mais tarde pela ruptura produzida pela cidade moderna*" (Lamas, 1992: 203).

[12] *"Todavia verifico que, no século XIX, o desenho urbano vai continuar as regras tradicionais de composição do espaço e de relacionamento de suas partes, ou «elementos morfológicos». A rua, a praça, a avenida, as relações entre edifício fachada-espaço urbano, a utilização de quadrículas e traçados, etc*" (Lamas, 1992: 203).

aproveitamento especulativo do solo, alastra-se para os espaços vazios privados do interior dos quarteirões. Os antigos logradouros das casas unifamiliares são saturados por uma diversidade de ocupações e edificações, que sendo colectivas em altura, os reduzem a indignos e constrangidos saguões de ventilação. Como é possível perceber a partir de Benevolo (1963), em muitas áreas das cidades, todo o m^2 livre tendia a ser construído.

A construção destas novas habitações especulativas por iniciativa privada não apenas reduz e degrada os anteriores espaços livres privados como também, por motivos financeiros, reduz ao mínimo possível a consideração dos espaços públicos. Assim este é restringido às ruas mínimas e estreitas de suporte e acesso às habitações. A supressão dos espaços livres do interior dos quarteirões a par com esta concepção miserável dos públicos, acabará por provocar inúmeros problemas de higiene e salubridade para as pessoas que vivem nas habitações desses conjuntos[13].

Ao mencionar o espaço público da rua, importa salientar que é na sua relação com o edificado que reside a outra transformação significativa da cidade industrial acima referida a partir de Arís. Na cidade pré-industrial as ruas e os edifícios formam um conjunto indissociável, a rua nasce da relação que o edificado estabelece entre si e por sua vez com o espaço público comum entre eles. A partir desta altura o sistema viário aparece como um sistema autónomo, prévio aos edifícios e determinante no parcelamento do solo edificável.

Assim, e também graças ao rápido crescimento e incorporação dos sistemas de transporte colectivo, o espaço público tende a ser pensado de forma autónoma, e por aí também passível de tratamento e controlo independentes. É um dos contributos para o conceito de "infra-estrutura" ao qual se associam novos mecanismos de projecto, planejamento e gestão[14].

Do grande esforço de síntese e compressão que se processou nesta alínea, salienta-se para o desenvolvimento do trabalho a caracterização desta cidade industrial, como a de uma cidade produto de uma fortíssima especulação imobiliária que a conduz à saturação. Sob vários aspectos prescindindo das regras de desenho e composição urbana desenvolvidas nos séculos anteriores, compõem-se de fragmentações de infra-estruturas viárias de suporte a tecidos residenciais colectivos, também os saturando ao ponto em que não apenas ocupam o perímetro dos quarteirões mas também seu interior. Transformando o espaço livre privado de logradouro em exíguos saguões de ventilação, e/ou ocupando estes com casebres inumanos com condições inacreditáveis, revelaram-se fonte de várias doenças e

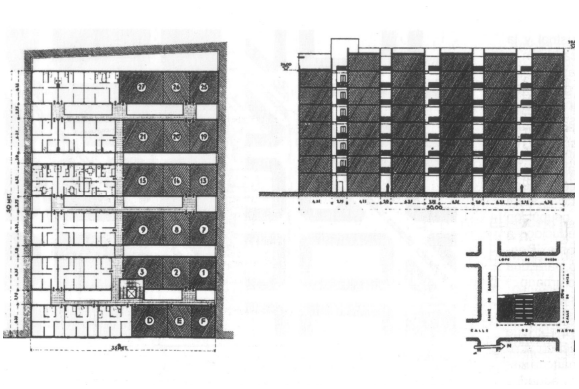
[13] *"...o adensamento e a extensão sem precedentes dos bairros operários tornam quase impossível o escoamento dos detritos; ao longo das ruas correm os regos dos esgotos a descoberto, e qualquer recanto afastado está cheio de amontoados de imundícies"* (Benevolo, 1963: 35).

[14] *"Es el nuevo concepto de infraestructura, que va asociado a nuevos mecanismos de gestión entre los que se encuentra el urbanismo, como disciplina que trata del proyecto de esas calles"* (Igualada, 2005: 13).

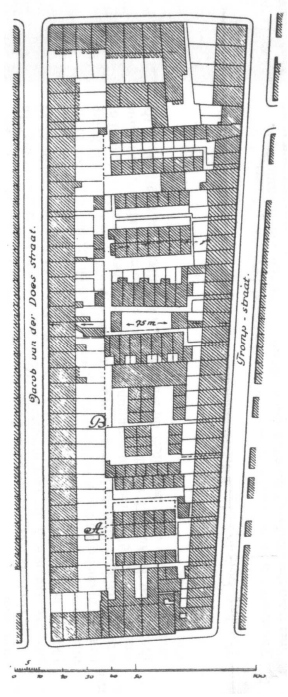
epidemias. É com essa realidade que os arquitectos do século XIX e XX se vão confrontar, e lutar para alterar e melhorar seus problemas de higiene e salubridade.



04. Edifício especulativo de habitação colectiva no inicio do século XX, Madrid.



05. Planta e corte de mais um edifício de habitação especulativa em Madrid.



06. Quarteirão saturado em Haia.



07. Fotografia de construções no interior de um quarteirão em Haia.

2.3.Racionalização da cidade saturada

Durante a segunda metade do século XIX, aparecem propostas de diferentes organizações e formas urbanas alternativas à cidade especulativa industrial que, com enfoque na melhoria das questões sanitárias, procuram também respostas às transformações sociais, económicas e demográficas. As propostas variam entre práticas e teóricas. Do lado prático são incontornáveis as reformas de Haussmann em Paris ou a expansão urbana de Barcelona por Cerdà. Na vertente teórica, para além de uma série de propostas "utópicas"[15], serão de destacar a proposta para a Cité Industrielle de Tony Garnier (pela influência directa que terá em Le Corbusier) e o modelo de expansão urbana constituído pela cidade-jardim de Ebenezer Howard.

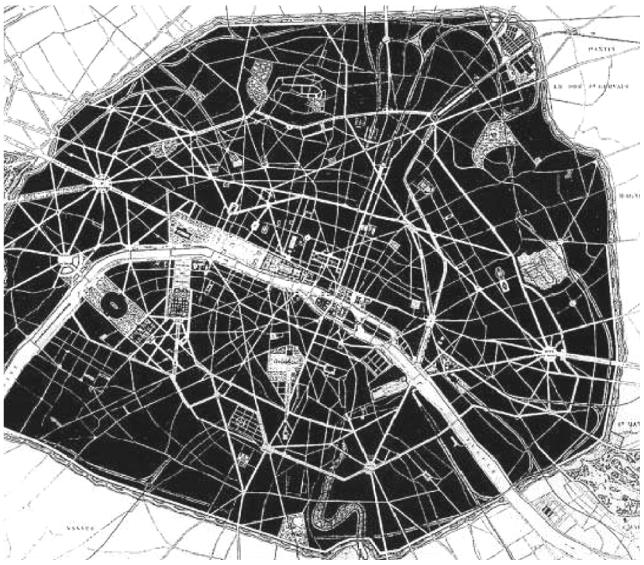
O plano de Haussmann incidia, fundamentalmente, no casco velho de Paris. São renovações que através de novos traçados, reestruturação fundiária e construção de infra-estruturas procuram resolver os problemas de circulação, insalubridade, de revalorização, reenquadramento e articulação de monumentos e espaços públicos através de perspectivas e reestruturação do sistema viário (Lamas, 1992:212). As vias eram pensadas como eixos de articulação entre pontos notáveis da cidade, a edificação era simplesmente feita nos espaços intersticiais dos cruzamentos das vias, o que consequentemente formava quarteirões de diversas formas e tamanhos.

A morfologia dos quarteirões da intervenção apresenta um edificado contínuo composto por edifícios de habitação colectiva. A implantação dos edifícios, combinada com sua elevada densidade, agravada por significativas ocupações em profundidade (principalmente dos rés-do-chão), resulta principalmente nos quarteirões mais constrangidos em espaços livres no interior que pouco mais são do que elementos de iluminação e ventilação. No entanto uma prática corrente de associar as implantações em U e L, permitindo que os pátios dos diferentes cadastros combinem-se entre si, resultando em melhores qualidades salubres do que nos anteriores saguões da cidade saturada.

Entretanto, com muito maior protagonismo na proposta de Haussmann, inclusive na melhoria das condições de salubridade e higiene, surge o espaço público. O alargamento das vias, o seu tratamento como *boulevard*, a uniformidade e continuidade do edificado como pano de fundo, contribuem para uma grande valorização do espaço público viário, e surge, face à manutenção do mesmo código genético, como o principal elemento diferenciador para o existente[16] e referenciador

[15] Entre aspas porque várias delas foram de facto construídas. Destcando a New Harmony de Robert Owen, o "Falanstério" de Charles Fourier (não construído) ou o "Familistério" de Jean Baptiste Godin.

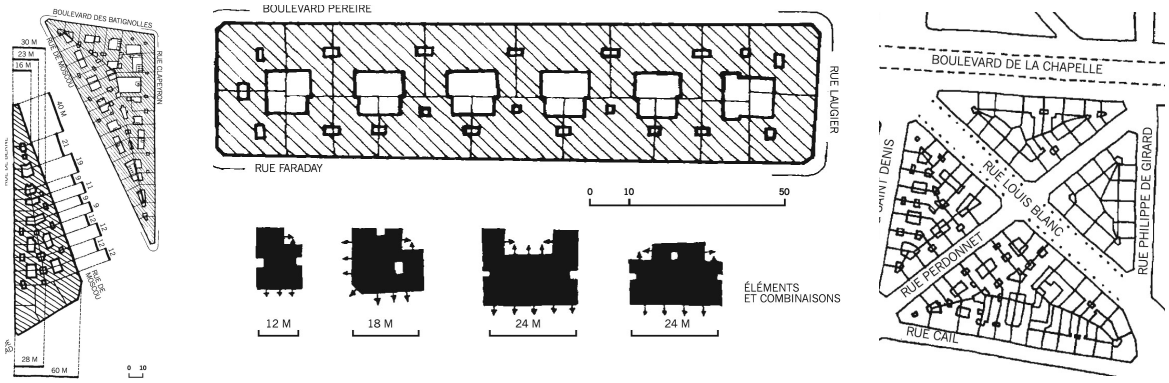
[16] *"The haussmannien block continued to function as the indispensable element for the structuring of the city. Like the old block, it was a unit that could be assembled with others and the city was seen as a combination of blocks. The haussmannien and the pre-haussmannien blocks were compatible in spite of their differences, and the*



08. Plano das intervenções de Haussmann



09. Fotografia da avenida da Ópera de Paris.



10, 11 e 12: Alguns exemplos da diversidade de formas dos quarteirões resultantes das intervenções de Haussmann em Paris.

first outcome of this compatibility was the maintenance of a rigorous continuity of the urban landscape. If the image of the city was identified with this continuity, following the uninterrupted rows of facades on both sides of the streets, then the haussmannien block can be said to contribute to an eminently urban image. This image, exaggerated into a caricature of itself and simplified, is often but a reduction of the image rich in meaning, which was typical of the old urban landscape. It does not matter: there was no interruption and no gap. The subdivided blocks were quickly closed up without leaving any gaps. The public space was rigorously enclosed by the line of facades and it was carefully contained by a well-defined walled enclosure. (…) Under Haussmann there was even a tendency to overvalue the public to the detriment of the private (we refer of course, to external spaces and not to private living areas). All the public space became monumental and this included the ordinary streets" (Panerai et.al., 1986: 27).

para propostas futuras, desde Berlage em Amesterdão Sul até Unwin nas suas cidades-jardim[17].

No caso de Barcelona, em 1859 é aprovado o plano de expansão da cidade. Com autoria de Ildefonso Cerdà, o plano prevê a organização da expansão da cidade através de uma quadrícula de sete quilómetros de extensão e previsão de 800.000 habitantes. A quadrícula, que busca uma organização urbana policêntrica, "*…justificada pelo princípio da igualdade de oportunidades…"*[18], é definida por vias de 20 metros de largura e por quarteirões de 113 metros, de largura e comprimento, e 16 metros de altura.

Os quarteirões construídos no âmbito da expansão apresentam as relações do modelo tradicional, compostos por habitações colectivas, são parcelados em lotes e a sua edificação marginal continua a manter um papel predominante na separação e delimitação dos espaços públicos e privados. Salienta-se, entretanto, que se é claramente possível verificar um generoso espaço entre as fachadas posteriores dos lotes, os espaços livres privados no rés-do-chão acabaram por ser genericamente construídos, como extensão das funções comerciais do rés-do-chão.

Sendo que este é o estado actual conhecido por todos, sabe-se no entanto que as intenções de Cerdá eram bem diferentes. No plano de Barcelona e nos textos publicados em *Teoria General de la Urbanizacion* (1867), sugere duas hipóteses de ocupação que rompem com a construção marginal e contínua do modelo tradicional:

> *"A primeira corresponde à ocupação periférica do quarteirão em apenas dois dos lados (…) A construção não excederia dois terços da superfície do quarteirão, os blocos seriam paralelos e, no espaço entre eles, criar-se-iam «corredores» arborizados e com equipamentos. Na segunda hipótese, os edifícios adquiriam maior liberdade na implantação e podendo dispor-se em I e com quatro LL formar uma praça no cruzamento de duas vias"* (Lamas, 1992: 218).

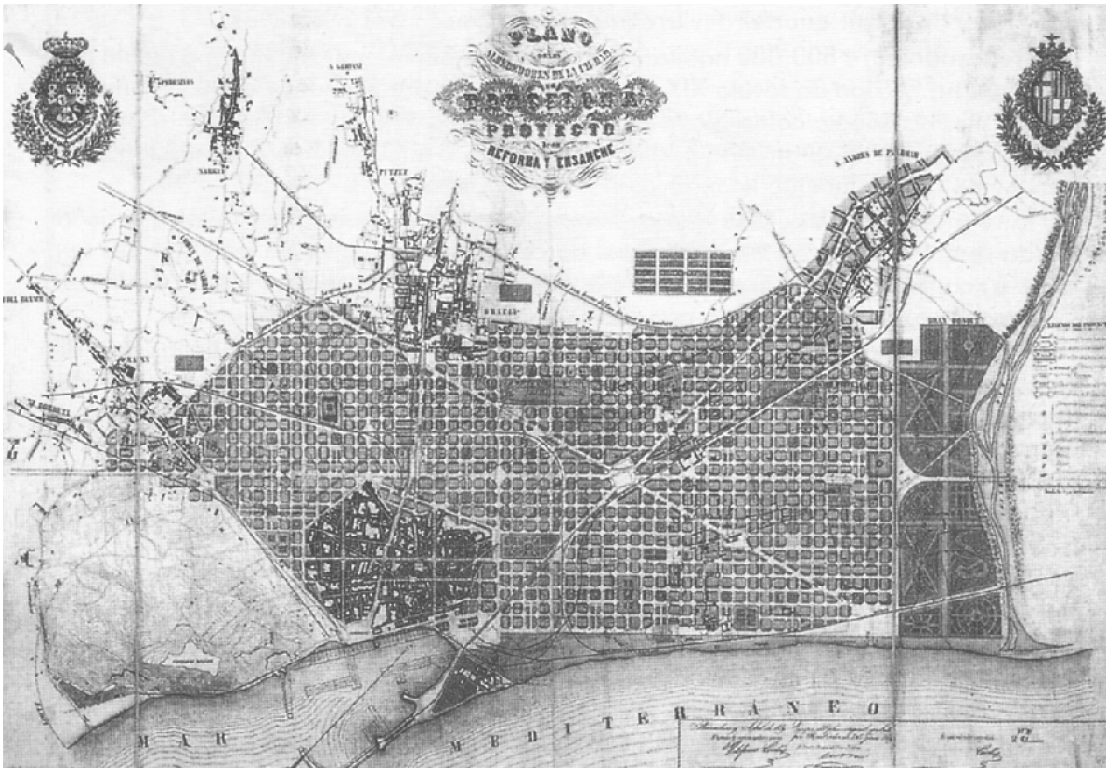
Estas ocupações definiriam relações inovadoras para a época com os espaços livres do "interior" de quarteirão. Estes espaços seriam genericamente de acesso público, formalizados como parques ou contendo equipamentos públicos. "*Deste modo ultrapassa-se o relacionamento entre quarteirão, edifício e rua, ou seja, o perímetro deixa de ser o limite do espaço público*". Não resistindo a outras pressões esta inovação no entanto não chegaria ser concretizada[19].

---

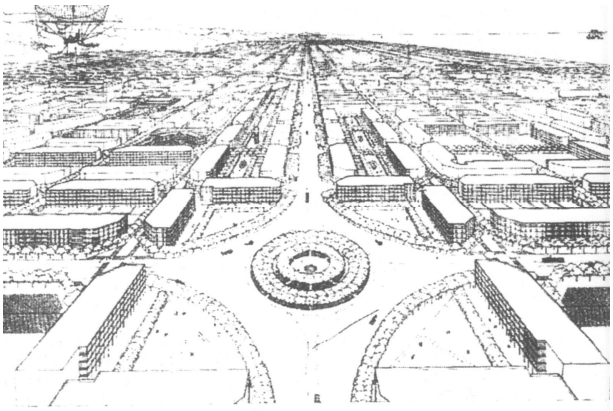
[17] *"In Unwin as in Berlage, the classical tradition and the Haussmann influence appeared together and also underlie the principles used – an overall, clearly ordered composition achieved by means of monumentality, symmetry, convergence and axiality"*(Panerai et.al., 1986: 140).

[18] *"A grelha base é justificada pelo princípio de igualdade de oportunidades para os proprietários, definida pela trama viária, (…) sobrepõem-se outras grelhas, virtuais, relativas à localização dos equipamentos colectivos e, designadamente, a localização de escolas. De forma a assegurar uma* isoacessibilidade *aos serviços que facilitasse uma fruição igualitária da cidade e um* policentrismo*, contrariando a polarização absoluta da cidade histórica.* (Portas, 1980:78).

[19] *"Como é sabido, este conjunto de propostas "subversivas" que desvaloriza a propriedade, não saturando a infra-estrutura instalada, que vai ser logo traída na execução do ensanche: os quarteirões vão ser fechados e os seus*



13. Planta da expansão de Barcelona por Cerdà



14. Ocupação dos quarteirões proposta por Cerdà.



15. Implantação da infra-estrutura viária previamente aos edifícios.

interiores ocupados por construções privadas; as frentes de construção vão engrossar e subir com andares recuados; os espaços livres para os equipamentos serão tragados, como o resto, pela lógica implacável da renda" (Portas, 1980: 79).

Grosso modo no mesmo período, mas claramente como alternativa a densidade das cidades oitocentistas, surge o conceito de Cidade-Jardim, que, enunciado por Ebenezer Howard em 1890[20], se recusa a aceitar a densidade existente nas cidades oitocentistas e sua composição por habitações colectivas e, em seu lugar, sugere uma recuperação da habitação unifamiliar como elemento base para constituição dos tecidos residenciais de baixa densidade nas expansões urbanas.

Enquanto Howard é responsável apenas pela teorização do conceito, a sua aplicação prática ocorre já no inicio do século XX pelas mãos de dois jovens arquitectos, Raymond Unwin e Barry Parker. Em projectos de cidades como Letchworth (1904), Hampstead (1909) e Welwyn (1919), aplicam os princípios básicos propostos por Howard: predomínio da vegetação, amplas parcelas com espaço livres privados para cada vivenda, combinações de casas isoladas com pequenos núcleos de habitações unifamiliares, sistema viário com traçado orgânico para limitar as perspectivas, e formação de ruas em *cul-de-sac*, neste caso chamadas de "close".

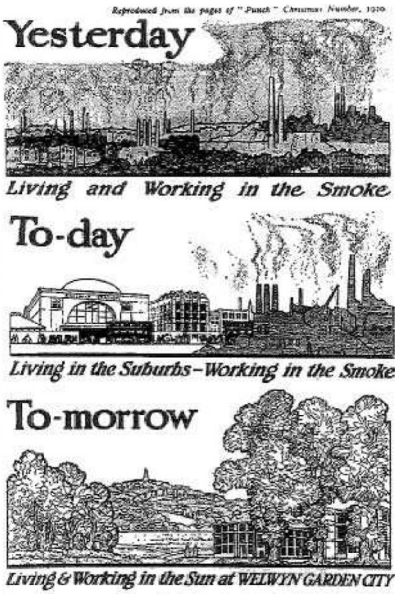
A aprovação na Inglaterra em 1909 do chamado "Housing and Town Planning Act", que fixava as densidades de construção em cada parcela e standards para a construção de habitações, em conjunto com a publicação do livro *Town Planning in Pratice* de Unwin, o conceito da Cidade-Jardim afirmou-se como principal alternativa à cidade densificada e compacta, e influencia grande parte dos planos de expansão urbana, não só de cidades europeias como também americanas (caso de Radburn).

Importa realçar que apesar da ruptura com a densidade da cidade oitocentista, e de apresentar uma imagem urbana distante da cidade tradicional, é possível reconhecer na Cidade-Jardim um mero "refrescamento" do *sistema básico de relações* (pág.19 cap. 2.1) do modelo tradicional[21]. Em linhas gerais, a grande diferença reside na implantação do edificado, que deixa de ser perimetral, contínua e contígua como na cidade tradicional, e na consequente diferente relação com o espaço público, geralmente mediada por pequenos jardins. Ela solta-se na sua parcela das construções vizinhas e também do sistema viário através de recuos, mas analisando a estrutura rua/edificado/lote, reconhece-se ainda o mesmo *código genético*.

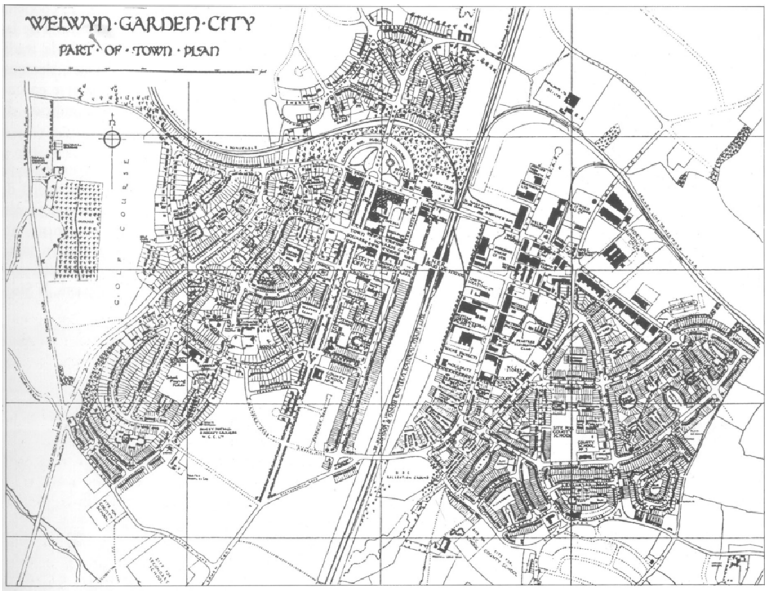
No entanto, as particularidades da liberdade com que estes elementos morfológicos são reinterpretados já prenunciam claramente o que está para vir. A implantação não contígua, o recuo desta na parcela, o recuo de algumas parcelas relativamente às vias de suporte, a visibilidade para os espaços exteriores privados das

[20] A teoria das Cidades-Jardim satélites foi enunciada por Ebenezer Howard em 1890, e publicada em 1898 com o título Tomorrow: A Peaceful Path to Real Reform e republicada em 1902 com o nome de Garden Cities of Tomorrow. Howard propõe como solução para as expansões das cidades, a implantação de uma coroa de cidades satélites de baixa densidade separadas da cidade consolidada por grandes parques, mas dependentes do centro metropolitano por estes "satélites" terem um carácter estritamente residencial, ele defende que esta é a forma mais económica para o crescimento das cidades (Panerai et.al., 1986:33).

[21] *"Apesar das alterações introduzidas, (…) são os mesmos princípios, os mesmos elementos morfológicos (rua, edifício, logradouro), inter-relacionados de forma idêntica na sua articulação estrutural, mas com um disposição mais solta, livre, arejada, espaçada"* (Andrade, 2004: 113).

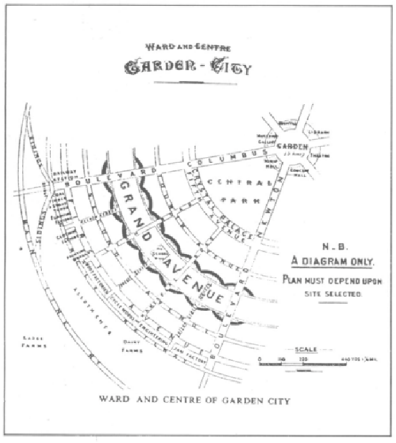


16. Publicidade sobre Welwyn.



17. Planta da cidade-jardim de Welwyn.

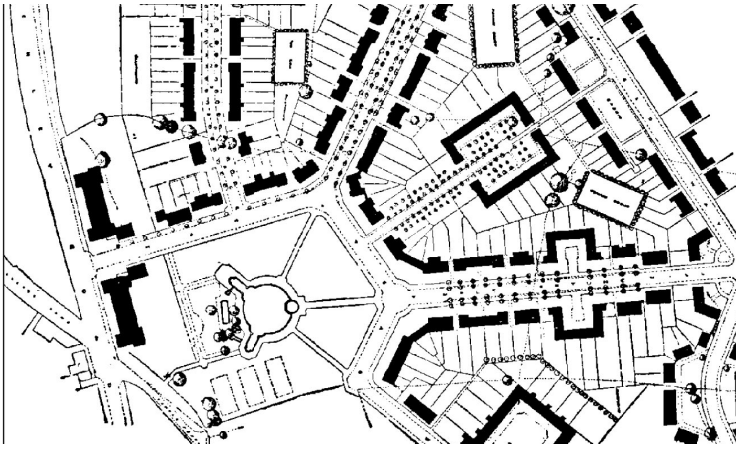




18. Diagramas gerais de Howard sobre o modelo da cidade-jardim.



19. Algumas habitações unifamiliares de Welwyn.



20. Trecho da Planta de Hampstead.

traseiras do lote, são características de muitas realizações. Se as delimitações entre público e privado são quase sempre claras e inequívocas, se ainda delimitam claramente uma "frente" (público e espaço entre a casa e a rua) e um "atrás " (privado, logradouro ou jardim traseiro), verifica-se uma exposição e, por aí, uma ambiguidade nos espaços livres privados que até o momento não existia. Nas primeiras décadas do século XX estas características serão ampliadas contribuindo para a progressiva abertura do quarteirão.

Como síntese da breve caracterização sobre alguns dos remédios operatórios sobre as degradadas condições de habitabilidade, será de reter que apesar da significativa quantidade de diferenças, quer para o que está antes, quer entre eles, cada um deles se inscreve nas *regras morfológicas* (p. 18) da cidade tradicional, aceitando os seus princípios (em particular em Haussman e Cerdá) mas tratando de os reequacionar:

> *"… las propuestas residenciales de la cultura moderna (tanto en el frente de la ciudad jardín como en el de la ciudad concentrada) tienden a restablecer los nexos equilibrados entre edificación y espacio libre que se han obscurecido a causa de los procesos especulativos que acompañan a la ciudad industrial. Esta búsqueda de un nuevo equilibrio entre edificación y espacio libre se lleva a cabo a través de la crítica a la ciudad heredada y de una relectura, en clave conceptual, de la historia urbana, tratando de extraer de dicho análisis herramientas operativas capaces de situar las soluciones propuestas al nivel y escala de los nuevos problemas"* (Arís, 2000:31).

De diversas formas, pressupondo diferentes pontos de partida e diferentes pontos de vista para os mesmos problemas (resultantes das péssimas condições de vida na cidade saturada) as duas correntes atrás identificadas ("reformadores pragmáticos da cidade industrial" – Haussman e Cerdá – e "românticos organicistas da cidade-jardim" (Andrade, 2004)) apresentam as primeiras pistas para o que será o percurso de dissolução do quarteirão e o aparecimento do bloco livre.

Construindo a partir do livro de referência com o mesmo nome desta alínea[22] e de sua articulação com Martí Arís (1991), se permite não apenas verificar o exposto, como também perceber que é a partir do desenvolvimento de cada uma dessas fontes que se estruturam a generalidade dos percursos que conduzem ao culminar da referida dissolução já no prenúncio da cidade modernista.

Verifica-se ainda que enquanto nas propostas de Haussman, Cerdá e Howard o ponto de vista é da cidade para a habitação, esta última vai progressivamente ganhando hierarquia nas prioridades estabelecidas nas considerações teóricas e práticas, ao ponto de quase perceber-se a inversão desta relação. Ou seja, de perceber um questionamento de como se faz cidade a partir da habitação. Isto torna-se mais claro entre o que diz Arís[23] e a verificação de que as propostas que desenvolvem a "linha cidade-jardim", serem mais referenciadas ao *in Pratice* de Unwin do que ao próprio Howard.

[22] PANERAI, Philippe R.; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles (1980); *Formes Urbaines: de l'îlot à la barre*, Paris: Bordas.

[23] "*El tema de la residencia, es decir, el tema de la vivienda del hombre y de su relación con los demás elementos del espacio habitable, se convierte en Europa, durante las primeras décadas del siglo XX, en el núcleo central de la investigación desarrollada en el ámbito disciplinar da arquitectura. […] Es, pues, en cierto modo licita la identificación entre ciudad moderna y propuestas residenciales de la arquitectura moderna, ya que éstas constituyen la trama de fondo sobre la que se asienta la idea de ciudad elaborada por la cultura arquitectónica de la primera mitad del siglo XX*" (Arís, 1991: 13).

2.4.1.Desenvolvimento da linha de pensamento da reforma pragmática da cidade saturada

Influenciada pelas propostas de referência citadas, verifica-se nesta corrente uma continuação da investigação centrada em densidades relativamente elevadas, baseadas em habitação colectiva, na referência à imagem herdada do quarteirão (ocupação periférica contígua, atenção aos gavetos, alinhamento e relação mutualista com o espaço público, …) e numa estruturação urbana claramente filiada no código genético tradicional. Surgirá, como alteração significativa, uma progressiva maior atenção aos espaços privados internos dos quarteirões, procurando impedir as atrocidades verificadas na cidade industrial, que em alguns exemplos já apresentam equipamentos e jardins de uso colectivo.

Inserem-se neste contexto experiências como as dos Hof[24] vienenses, os bairros operários de Hamburgo e, com maior expressão, as da Holanda com exemplos em todo território, das quais o mais expressivo e conhecido será o da expansão de Amesterdão Sul. Quer por esta maior expressão, quer por aquilo que ela permite de análise extensiva e não isolada, escolheu-se este último caso para o desenvolvimento do estudo desta alínea. Reforçam esta escolha dois dados: as relações explícitas verificadas entre a Paris de Haussman e o plano de Berlage[25], e o facto conhecido de este mesmo plano incluir uma hesitação entre as duas correntes trabalhadas neste subcapítulo[26].

O plano de expansão de Amesterdão Sul se enquadra dentro de uma política de expansões e anexações de territórios de municípios vizinhos. Em 1904, baseado na ideia de implantação de uma cidade-jardim separada da cidade existente por um parque urbano, Berlage apresenta o primeiro plano para a expansão que, tendo sido aprovado em 1905 nunca foi implementado devido à baixa densidade que definia.

Profundamente revisado dez anos depois, face à dura realidade comparada com a primeira versão[27], é novamente aprovado e desta vez dois anos depois (1917) começa a ser implementado.

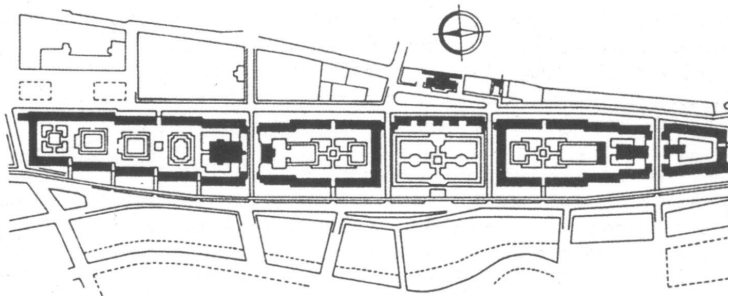
---

[24] "*Os hoff estabelecem um modo particular de ruptura com a morfologia do quarteirão. (…) As formas propostas decorrem do urbanismo tradicional, mas, como instrumentos de uma política habitacional socialista, implicam a apropriação colectiva do solo e a eliminação do loteamento. O quarteirão torna-se um logradouro colectivo, lugar de equipamentos, espaço livre ou verde*" (Lamas, 1992: 334).

[25] *"Berlage went back to Haussmann's principles. He knew about Haussmann's Paris, of which, in 1883, he had written that it was 'the most beautiful modern city', and the 1889 exhibition had given him the opportunity to visit it again" (Panerai, et.al.: 1986: 138).*

[26] *"Influenced by Ruskin and Viollet-le-Duc's books, Berlage was seduced by the garden city, as can be seen in his first project for south Amsterdam (1903) and in the plan of the Vreewijk district in Rotterdam (1914)" (Panerai, et.al.: 1986: 138).* "*The plan, elaborated according to Stübben´s principles and incorporating ideas of the `Sitte School´, combined the picturesque with the monumental: a winding network of canals and streets, two vast squares, various lakes and green spaces, a web of housing districts with varying building densities*" (Casciato, 1987:122)

[27] *"the eminently urban conditions that had finally been imposed did not fit with Unwin's compromise and Berlage went back to Haussmann's principles*" (Panerai, et.al.: 1986: 138).



21. Planta do Karl Marx Hof em Viena, arquitecto K. Ehn.



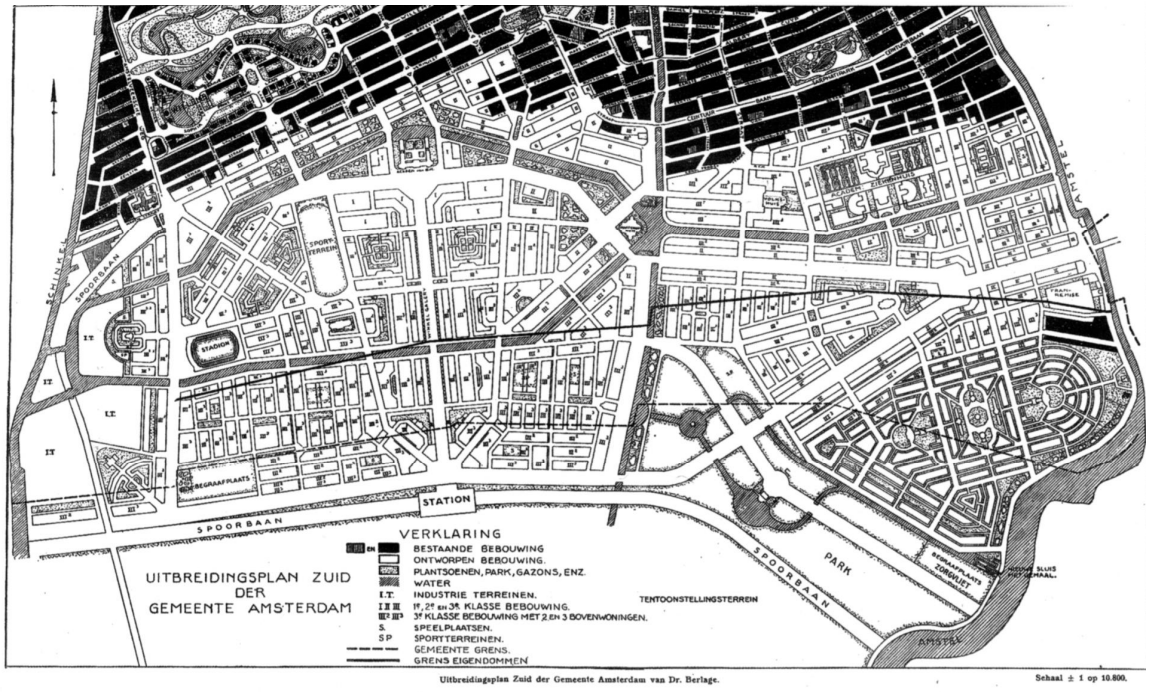
22. Vista do pátio público no interior.



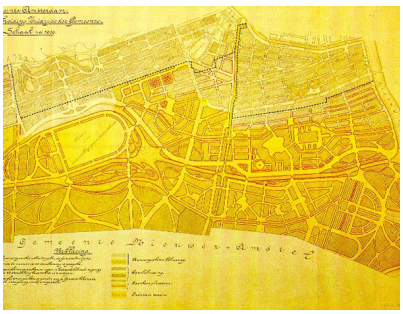
23. Planta do conjunto de Jarrestadt em Hambugo, arquitecto Karl Schneider.



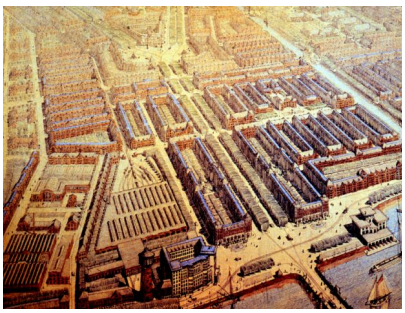
24. Perspectiva do conjunto.



25. Planta da versão de 1915 da expansão de Amesterdão Sul por Berlage.



26. Versão de 1905 do plano.



27. Perspectiva geral do plano.



28. Perspectiva geral do plano.

Em termos da concepção geral da estrutura urbana e viária, o plano se baseia na sobreposição de dois sistemas viários, um de vias arteriais monumentalizadas (à semelhança das intervenções de Haussmann), e um secundário de vias locais[28]. A conjugação destes dois sistemas determina uma malha que seria ocupada pelos diferentes programas especificados, com destaque para os quarteirões residenciais de habitação colectiva.

Apesar de apresentarem organizações espaciais claras e uniformes que seguem o plano de Berlage, verifica-se, através do cadastro proposto, que os vários quarteirões são compostos por um conjunto de lotes e, consequentemente, por diferentes edifícios projectados por diferentes arquitectos. A uniformidade de cada quarteirão, e de vários entre si, é consequência de consensos e de princípios de linguagem arquitectónica comuns entre os diferentes arquitectos intervenientes, mediados pelo próprio Berlage. Este, nas recomendações às empresas construtoras, sugere plantas e diferentes sistemas de organização das habitações, criando assim uma base de trabalho que facilita o consenso entre arquitectos. E que importará no que acarreta para a relação do espaço interior de cada um dos fogos, com os espaços exteriores do quarteirão e destes com os espaços públicos de suporte e referência. A criação dos consensos é ainda reforçada pela especificidade da instabilidade do solo holandês, que obrigava a concluir cada quarteirão e garantir sua estabilidade antes de se iniciar outro.

Para Berlage[29] a uniformidade e clareza dos quarteirões da intervenção permitia uma execução mais racionalizada das edificações, e uma importante diferenciação da qualidade da expansão em comparação as construções da cidade saturada do século XIX, até por permitir o controle de desenho e ocupação dos espaços exteriores. A uniformidade da organização e da imagem dos quarteirões da expansão acaba por a caracterizar e criar um modo de ocupação que se populariza e é aplicado em diversas cidades holandesas.

[28] *"The monumental system is based on simple, classical figures: symmetry, alignment and façade arrangements. The treatment of corners emphasizes symmetry and indicates the hierarchy of the respective roads. […] The secondary system ensures continuity, but, with the exception of Rijnstraat, its perspectives are deliberately broken. As a support for the facilities (churches, administrative buildings) and commerce, it is not globally legible, but continuously refers back to the monumental system, especially so in the corner treatment"* (Panerai et.al., 1986:79).

[29] "*Berlage´s explanation in 1915 for his extension proposal for Amsterdam South consisted for the most part of a description of the actual plan and the defense of the building block.* (…) *…the beneficial effects on city unity, which was necessary because of the large increase in scale of the project. Nothing that the building of a detached house was becoming more and more of an exception, he stressed that the construction of dwellings was increasingly becoming mass construction. He observed that building blocks had been built earlier, but considered this the exception to the rule in which each house was separate, and visual unity was provided through the unity of building style of the various subparts. In the Renaissance and Napoleonic eras the building block began to be applied on a large scale, but Berlage believed this tradition was lost in the nineteenth century, when the monotonous row houses only appeared to answer the principle of unity. Thus believing in the use of block had to be accepted again"* (Grinberg, 1982: 44).

Genericamente, os quarteirões da expansão apresentam uma forma rectangular de 40 a 60 metros de largura, por 100 metros de comprimento, e altura de três ou quatro pisos. O edificado contínuo e localizado no perímetro das parcelas, em contacto directo com a rua, define o interior não edificado. As habitações, geralmente, em duplex, apresentam características semelhantes às unifamiliares, como acesso directo a partir da rua, jardim privado para as do rés-do-chão e generosas varandas e terraços para os pisos superiores, uma vez que estes não tinham contacto físico com os jardins privados. Com estes aspectos em comum, os quarteirões, em linhas gerais, diferenciavam-se nas variações de dois temas: a resolução de suas esquinas e na consideração da relação periferia/centro, ou interior/exterior[30].

No âmbito deste trabalho, importa abordar as variações nas relações entre a periferia construída e o interior não construído que em Amesterdão apresentam algumas características próprias, e que são importantes naquilo que significam para a progressiva dissolução do quarteirão (e relacionado desaparecimento posterior dos espaços privados de uso associado ao interior das habitações).

Entre a longa tradição dos *hof* nos países germânicos (e as variações mais encerradas ou mais abertas dos pátios que os caracterizam[31]), as recomendações de higiene do comité de habitação de Amesterdão (para a inserção de acessos ao interior dos quarteirões, e/ou a não construção dos topos dos mesmos[32]), e a influência de alguns conceitos de Sitte em Berlage sobre a implantação dos jardins em espaço urbano[33], esta linha herdeira da cidade compacta vai progressivamente promover o questionamento do papel e das funções dos espaços interiores dos quarteirões. Por

[30] *"The blocks, built in a group by one architect or resulting from the grouping of buildings carried out by different designers show precise qualities, which we can link together to form an abstract object: the type. The Amstel block is formed by a continuous perimeter of buildings, which encircle a central – usually rectangular, unbuilt space, its width varying between 40 and 45 meters up to 60 meters in some cases. Its height is of four floors, sometimes three.(…) Overall, the block juxtaposes two opposing concepts: long sides/corners; edge/centre (or exterior/interior)"* (Panerai et.al., 1986: 81)

[31] *"A type of pre-industrial housing in which the enclosed space was consciously created was the hofje. The word `hof´ has long been used in Dutch language to mean garden, (…) with its spatial, judicial, and amorous meanings. However, the diminutive, `hofje´,(…) denote the philanthropic almshouses for orphans, the elderly, or the pious which existed as early as the thirteenth century. Entrances to the various rooms of these institutions fronted on a courtyard, which was a functional and symbolic focal point. Some of the larger hofjes were self-supporting, and the enclosure was necessary as a defense against plunderers. (…) The quality of the inner world found within the hofjes parallels what has been said above in regard to the towns: spatial enclosure did not preclude spaciousness. The sense of inner and outer, and of the symbolic center where one found a pump or a formal garden, are features that were reinterpreted for the first communal gardens in workers´ housing in the twentieth century"* (Grinberg, 1982: 18) [s.i.].

[32] *"If the northern and southern end of the buildings blocks (of course by designing as much as possible with this orientation) were not build up or provided with through passages, then these inner courts would become accessible oases amidst the crowdedness of the big city for every pedestrian. These oases would have great significance both as "city lungs" and as recreation places for children, old people, and adults after work."* (Grinberg, 1982:67).

[33] *"In explaining Sitte to his audience, Berlage said that the aesthetic of closure ´is useful for the people and is daily of direct influence`. He applied this direct to dwellings: `gardens should be more or less at a distance from each other and not openly situated to the street, but totally surrounded by houses and accessible by two or more dissimilar portals. Through this the gardens are protected and the long rows of houses as a result become of great value.´ This was, of course, a description of a type of housing site planning that eventually saw widespread application in the Netherlands"* (Grinberg, 1982: 42).

aqui se vai promover uma diversidade de experiências sobre o espaço não construído do interior e sobre a relação deste com os restantes espaços públicos.

Assim, a par com concepções onde é possível verificar uma clara relação de frente pública, de representação e imagem urbana, e traseiras privadas, de uso reservado aos moradores dos edifícios adjacentes, e propício a uma apropriação individual/familiar (exemplo A), um conjunto de "perturbações"/variações vão sendo registradas. Destacam-se a criação de percursos de acesso directo aos espaços públicos, que se genericamente têm uma função de serviço inerente aos logradouros (manutenção, armazenamento de bicicletas, etc.), não deixam de permitir o acesso e a visibilidade a qualquer um (exemplo B) e, principalmente, casos onde no interior desses quarteirões agora acessíveis a qualquer um são implantados espaços de uso colectivo, como brinquedos infantis (exemplo C).

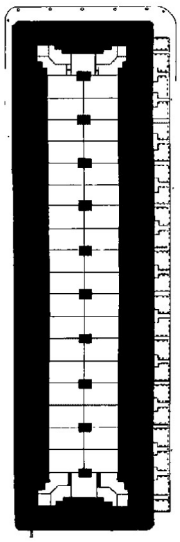
É possível ainda encontrar casos que se poderiam designar de intermédios. Isto é, embora mantendo o espaço interno privado e portanto sem qualquer acesso a partir das ruas, este passa a incluir formalizações que permitem usos colectivos para a totalidade dos moradores dos edifícios desse quarteirão. Estes acontecem quer em conjunto com a permanência de logradouros individuais na continuidade das habitações do rés-do-chão [34], quer nos casos em que estes desaparecem para dar lugar a meras varandas ou terraços semelhantes aos dos pisos superiores (exemplo D).

Ocorrendo simultaneamente no tempo, grosso modo entre 1917 e 1930, estes conjuntos de hipóteses diversas perturbam a concepção tradicional dos espaços de logradouro como individualmente compartimentados e visualmente inacessíveis desde o deambular público. Mais ainda, não são meras experiências individuais e isoladas como as que ocorreram anteriormente[35]. Surgem dentro do contexto da referida criação de consensos para a execução do plano, com a correspondente generalização e divulgação da discussão, e com o que esta é alimentada pela diversidade de hipóteses que está a acontecer ao mesmo tempo. Todo este processo permite criar massa crítica que contribuirá para a popularização dos conceitos.

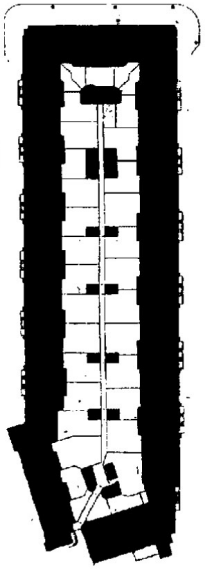
Paralelamente concorre para variações simbólicas de questionamento quer da própria noção de "interior", quer da relação expressiva e de significado dos vários alçados com o público e o urbano. Relativamente à primeira, salienta-se um progressivo maior cuidado de desenho, continuidade e uniformidade seja dos alçados

[34] *"In parallel, another variation involved reducing the dimensions of individual gardens and creating a common space in the centre, usually planted, to reduce overlooking. This provided a play area for children, especially for those who lived on the upper floors, who, up till then, had been less favoured than those of the ground floor. This garden, which was accessible from the dwellings, is rarely accessible from the street"* (Panerai et.al., 1986: 88).

[35] Segundo Donal Grinberg, um dos primeiros projectos que equaciona os espaços livres privados comuns é o da "*Housing Association Rochdale"* em 1912 de autoria de J.E. Van Der Pek. "*Including one of the first communal gardens for worker´s in Netherlands, this project contained the seeds of a new approach to residential space. Based on a 1909 study commission´s recommendations*" (Grinberg, 1982: 68).



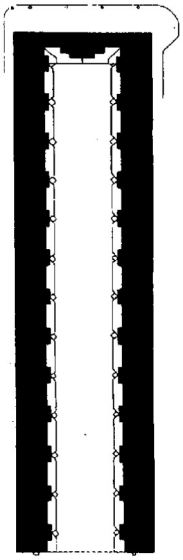
29. Planta exemplo A



30. Planta exemplo B



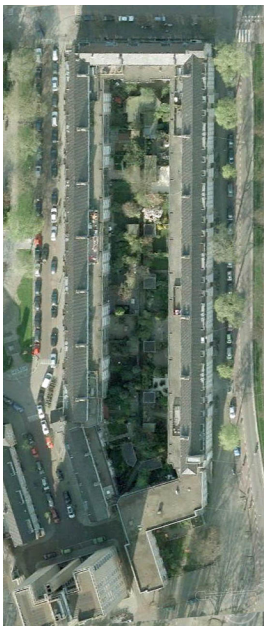
31. Planta exemplo C



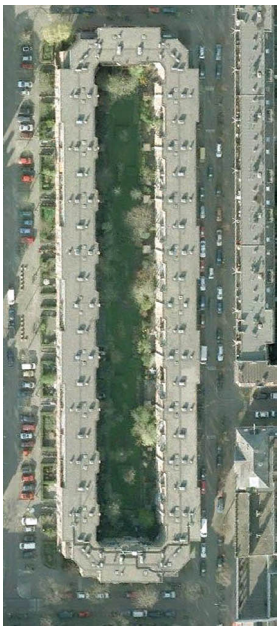
32. Planta exemplo D



32. Situação actual expl. A



33. Situação actual expl. B



34. Situação actual expl. C



35. Situação actual expl.D



36. Alguns quarteirões da expansão de Amesterdão Sul.



37. Fotografia do interior de um quarteirão

posteriores seja dos espaços privados, aproximando uns e outros de regras e lógicas anteriormente reservadas aos públicos. Quanto ao segundo lembrando que durante este mesmo período se assiste à afirmações como as de Theo van Doesburg:

> *"The new architecture is formless… it does not recognize fundamental and unchanging patterns, it shuns symmetry and the frontal approach developing its many sided plastic nature in space… and it does not distinguish a front for a rear, right or left, and if possible even up or down"*[36].

No percurso entre o quarteirão e o bloco abordado aqui, tomando como referência de estudo o Plano de Amesterdão Sul, os dois casos mais significativos, ou mais próximos do bloco, serão o exemplo F (ca.1930) e o edifício da rua Zomerdijkstraat de 1934.

No primeiro caso a par com o desaparecimento dos espaços privados do rés-do-chão para dar lugar à totalidade de um espaço colectivo, desaparecem as tipologias em duplex e os acessos às habitações passam a ser feitos por uma galeria no alçado interno que substitui o acesso directo desde a rua. Prescindindo da construção do topo sul, a imagem do quarteirão deixa de ser caracterizada pelo perímetro contínuo, formalizando uma planta em U, onde se criam ambiguidades em conceitos como fora/dentro, interior/exterior, frente/traseiras, público/privado.

No segundo, a dissolução do quarteirão atinge um estágio em que já não é possível falar deste. Apesar de alinhado pelas ruas envolventes, trata-se de facto um bloco livre, que não só não estabelece relações de reciprocidade com outros edifícios na mesma parcela, como não procura qualquer relação específica, delimitação ou apropriação de espaços exteriores. Em correspondência o cadastro coincide com a implantação[37].

Em conjunto com casos anteriores noutras cidades[38] estes exemplos simbolizam o esgotamento desta corrente de pensamento referenciada à Paris haussmaniana já sob a confluência de ideias que conduziria da perda de influência da "Escola de Amesterdão" à Carta de Atenas[39].

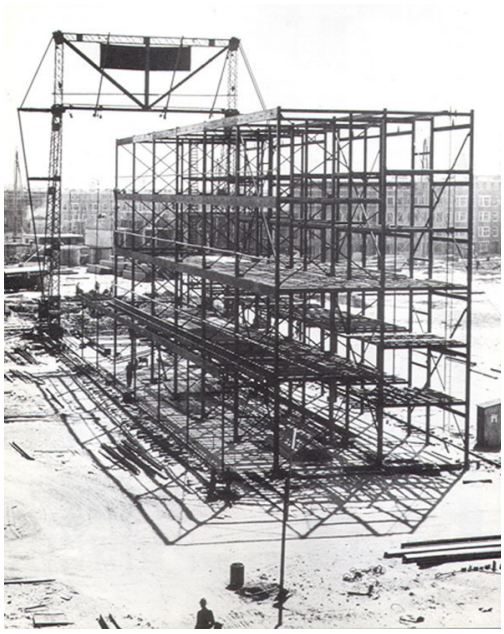
---

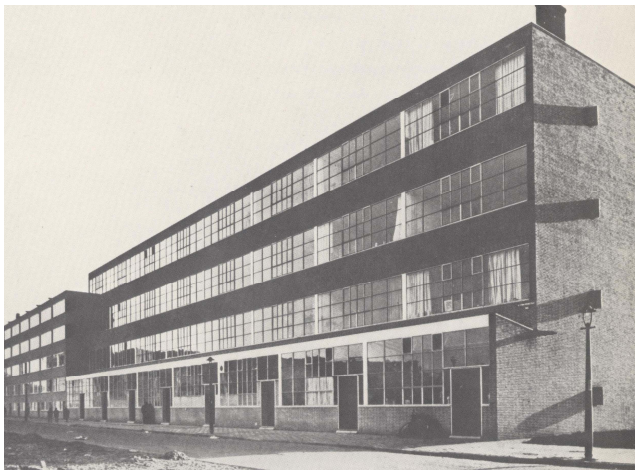
[36] *«De architectur als synthese der nieuwe beeldibg»,* De Stijl n.6-7 1924 cit. in TESTA Peter (1984) The Architecture of Alvaro Siza, Cambridge: Massachussetts Institute of Technology, Department of Architecture, Program in History, Theory and Criticism, Theresholdsworking pafer 4 (ver. port. A Arquitectura de Álvaro Siza. Porto: Edições da FAUP, 1988 – tradução de José Quintão).

[37] *"The last step was taken at Amsterdam south extension in 1934 with the buildings of artists' studios in Zomerdijkstraat by Zanstra, Glesen and Sijmons. The building, a simple structure of six floors, was not conceived within a tissue, the built-up area did no more than give rise to an external space. The southern facade contained the access and the loggias or balconies, which were at the same time spaces for display as well as private extensions of the living rooms. The arrangement of space was based solely on a solar orientation."*(Panerai et.al., 1986: 89).

[38] *"The Hague, with the Nirvana building by J. Duiker (1926–9) and Rotterdam with the Bergpolder building by J. A. Brinkman and L. C. van der Vlugt 1932–4), had preceded Amsterdam in the practice of abandoning the concept of the urban block"* (Panerai et.al., 1986: 89).

[39] "*The appointment of Van Eesteren to the direction of the town planning services (1930) well symbolizes Amsterdam's rallying to the new ideals and the abandonment of the principles that, since Berlage, had guided the development of the city and its architecture. With the decline of the Amsterdam School at the beginning of the thirties, Holland no more had the driving role it had ten years earlier. […] during and after the crisis, the Amsterdam School suffered from attacks by the functionalist architects. The first demonstration of this is the school of Duiker (1930), who introduced a different concept of the block. This concept, which was tentatively shown at the edge of*





38 e 39: Fotografias do edifício *Zomerdijkstraat*, em construção e concluído.

the south plan by the open blocks of Kennedylaan, was to flourish in the Boos en Lommer district" (Panerai et.al., 1986: 89 e 78).

2.4.2.Desenvolvimento da linha de pensamento da cidade-jardim

A outra grande corrente que desenvolve experiências sobre as possibilidades de se obter uma resposta aos problemas encontrados na cidade saturada é a inspirada na cidade-jardim[40].

No entanto, interessará ao contexto deste trabalho, referir que as propostas que para ele mais concorrem, se filiam muito mais em Unwin e no seu livre *Town Planning in Pratice*, do que na teoria fundadora de Howard. Isto é, são propostas que de uma forma mais pragmática aceitam a continuidade da expansão das cidades existentes[41], apenas defendendo que ela deva ser feita tendo por base os princípios morfológicos da teoria que as suporta.

O que isto acarreta, face ao que se estuda de forma mais particular neste trabalho, é a ponderação de formas urbanas de menor densidade do que as consideradas pelos defensores da corrente anterior, e um princípio de fundo de maior importância atribuída à relação entre os espaços internos da casa e os exteriores de uso privado. Estas duas características decorrem do facto de, em alternativa à excessiva densidade da cidade industrial, se contrapôr a preferência por habitações unifamiliares como programa base para os tecidos residenciais.

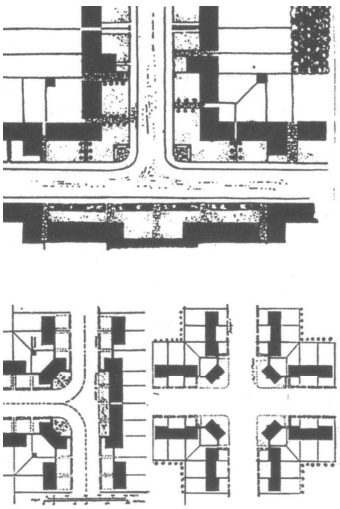
Parece também ser possível verificar que, há medida em que esta corrente vai integrando outras pressões pragmáticas, como seja a da necessidade de um aumento da densidade, e portanto introduzindo também experiências que abordam já habitações colectivas, a imagem geral dos projectos realizados vai-se aproximando e em vários aspectos confundindo com as desenvolvidas pela outra corrente.

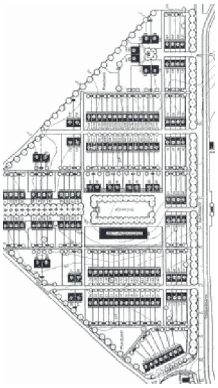
Emergirá como principal marca distintiva o aprofundamento do *zeilenbau* (edifício linear), possível de ligar à fonte original de Unwin[42], que se distingue das morfologias de quarteirão mais fechadas dos reformadores pragmáticos. Casos como os Siedlung "Freidorf", Hannes Meyer 1919 ou o "Freie Scholle", Bruno Taut 1924 são já exemplos claros desta série de implantação de"edifício lineares". Em outros como o "Im Vogelsang" de Hans Bernoulli de 1924 ou o "Italienischer garten", Otto Haesler

[40] *"Much off the new construction continued in the vein of the German Garden City movement and the ideas of the conservative Heimatstil, the "style of the homeland". Beginning in Celle, near Hannover, however, Otto Haesler had already begun to apply the new methods at his Siedlung Italienischer Garten, begun in 1923. Haesler´s work was paralleled by projects by Bruno Taut and others in Berlin and by Gropius and the Bauhaus faculty´s Siedlung Törten in Dessau*" (Munford, 2000: 29).

[41] Ao contrário do que defende Howard de que deve ser abandonada a expansão contínua das cidades existentes em favor da sua contenção e canalização da expansão para "new tows" articuladas, se necessário, com as que já existem.

[42] "*La experiencia de las Siedlungen debe mucho al precedente de la ciudad jardín. En realidad la Siedlung moderna surge de una larga reflexión en la que el modelo de la ciudad jardín es sometido a una estricta depuración conceptual en relación a temas tales como la estructura viaria, las condiciones de asoleo o la jerarquía de espacios públicos y privados.*" (Arís, 1991: 21).

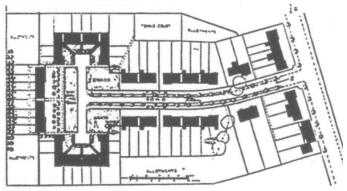


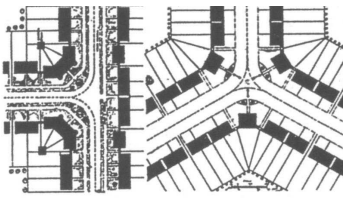


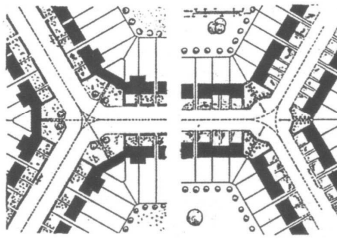
42. Planta Freidorf.

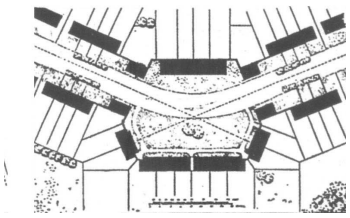


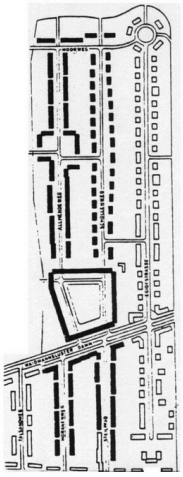
41. Fotografia do Siedlung "Freidorf", Hannes Meyer.











44. Planta Freie Scholle.



43.Fotografia do Siedlung Freie Scholle, de Bruno Taut.

40. Diferentes desenhos de Unwin no ivro *Town Planning in Partice.*



45. Imagem do Siedlung Italienischer garten de Otto Haesler.



46. Imagem do Siedlung Italienischer garten.

1923, são já identificáveis elementos de perturbação ou aproximação à linha acima referida. Este último em particular ao conjugar uma imagem geral de cidade-jardim, com habitações sobredimensionadas, pois verifica-se serem plurifamiliares.

No entanto, mais uma vez à semelhança do subcapítulo anterior, a análise será centrada num caso que permite ultrapassar a análise de experiências mais isoladas e pontuais. De facto, até pela explícita teoria que desenvolve acerca das realizações práticas, o caso de Ernst May em Frankfurt permite aprofundar e articular alguns aspectos particulares do caminho traçado entre o quarteirão e o bloco[43].

As propostas de Ernst May surgem num contexto marcado pela combinação de um período economicamente próspero (República de Weimar), e a urgência na construção de habitações que supram o aumento demográfico. Neste contexto a câmara de Frankfurt organiza um departamento de planeamento e arquitectura que, sob as ordens de Ernst May, será responsável pelo financiamento, aquisição de terrenos, planos de expansão, projectos, construção e gestão. A posse municipal do terreno permite reequacionar o processo de parcelamento e cadastro, e influenciará de forma significativa a evolução das formas urbanas residenciais.

Talvez a melhor maneira para se abordar a evolução das formas urbanas desenvolvidas por Ernst May seja através dos seus célebres desenhos publicados na revista *Das Neue Frankfurt* em 1930 (imagem 50). May sintetiza de forma concisa em quatro desenhos a evolução do tecido urbano nas primeiras décadas do século XX.

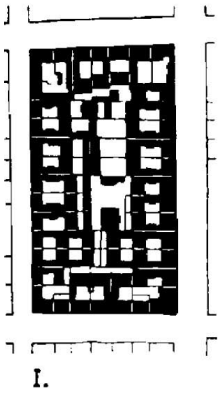
No primeiro desenho, May representa o típico quarteirão denso e congestionado do século XIX, com construções não apenas no perímetro, mas também no interior do quarteirão reduzindo os logradouros a pequenos saguões de ventilação para habitações.

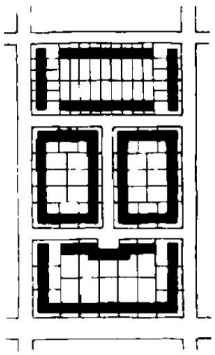
Já no segundo, o mesmo espaço ocupado pelo quarteirão saturado agora é ocupado por quatro menores, similares aos quarteirões encontrados na expansão de Amesterdão Sul, com espaços livres interiores e um perímetro edificado a demarcar o limite entre o público e o privado. Este modelo de quarteirão, baseado na revisão das formas da cidade oitocentista (cidade concentrada), é utilizado por Ernst May no seu projecto do Siedlung Niederrad[44].

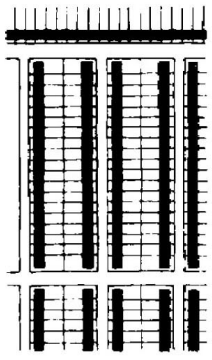
O terceiro desenho apresenta-se já sem construção nos topos, portanto com menor densidade por quarteirão e abandonado a ocupação perimetral contínua, em favor de uma forma já claramente linear. Tendo por base o aumento da exposição

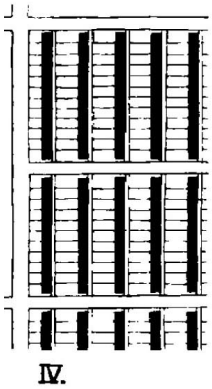
[43] "*In comparison with only thirty dwellings by Le Corbusier at Pessac, at Frankfurt 15,000 were built. It is also consciously experimented with the block, making it disappear and be replaced by another type of urban form – from which we are only now with great difficulty managing to escape*" (Panerai et.al., 1986: 90)

[44] O Siedlung Niederrad de Ernst May será devidamente abordado no cap. 4.2, pág. 56.

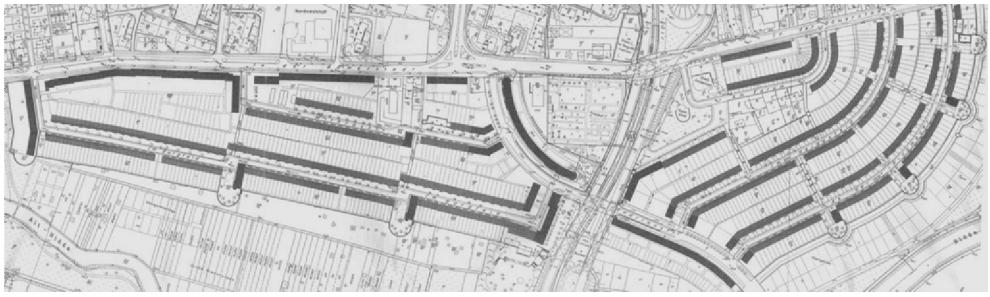




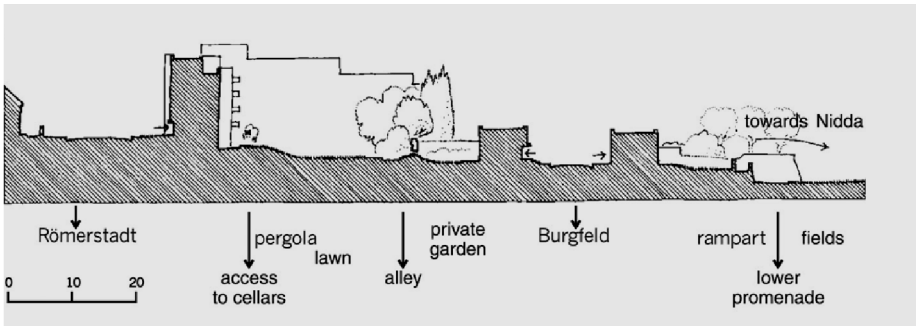




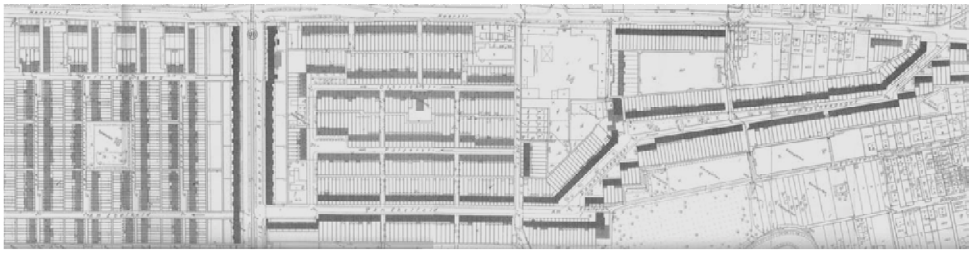
50. Desenhos de Ernst May, ilustrando a evolução das formas urbanas nas primeiras décadas do século XX.



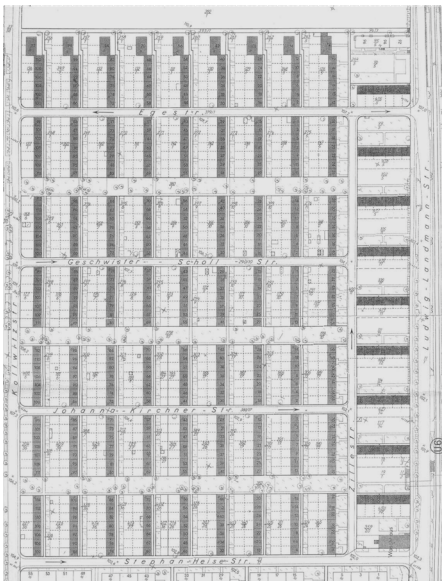
47. Planta de Römerstadt.



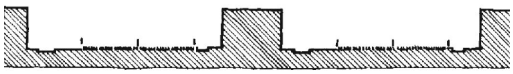
48. Perfil de Römerstadt.



49. Planta de Praunheim.



51. Planta de Westhausen



21. Perfil de Westhausen



53. Percurso pedonal público

solar e da ventilação, esta implantação influencia as propostas para Römerstadt, Praunheim e Heimat[45].

No quarto, e último, desenho é já muito evidente o *zeilenbau*. Não só pela forma geral, já presente nos quarteirões do 3º desenho, mas essencialmente pelo alinhamento paralelo e já não simétrico do edificado e dos espaços adjacentes, com os edifícios todos com a mesma orientação. A edificação deixa de estar directamente relacionada com a estrutura viária, implantando-se mais distanciada e perpendicularmente a esta. Para permitir esta implantação geral introduzem-se percursos pedonais que ligam à rua (separando igualmente o trânsito pedonal do automóvel). Este exemplo mais acabado de dissolução do quarteirão[46] na obra de May orienta a execução do Siedlung Westhausen, de 1929.

Todo este percurso, articulado com as operações de pré-fabricação e standardização associadas, implicará grandes alterações nas relações entre o edificado e os espaços não construídos[47]. A industrialização da construção parece ter desempenhado também o seu papel, a par com reflexões de outra índole, quer para a transformação das formas urbanas, quer destas com a edificação, quer com os espaços exteriores produzidos.

Quer na primeira fase de Praunheim (1926) quer em Römerstadt (1927) pode ainda se verificar uma relação directa entre estrutura urbana e acesso às habitações, em conjunto com a influência dos princípios pitorescos de Unwin[48] nos traçados curvos das vias interiores, com o objectivo de diferenciar os bairros e controlar as perspectivas. No entanto muito pouco tempo depois (última fase de Praunheim em 1928), com uma presença forte dos processos de industrialização[49], abandonam-se as irregularidades pitorescas para se adotar uma construção mais racionalizada, onde a repetição dos objectos permitia uma redução de seus custos de produção, ao mesmo tempo que uma indiferenciação dos quarteirões e dos bairros.

[45] O Siedlung Heimat sera abordado no cap. 4.6, pág. 65.

[46] *"Westhausen is the last housing estate designed and constructed under the direction of Ernst May. For reasons of economy and to give every flat the same orientation, the row of houses and the roads here were separated from each other – the first layout of this kind – and superimposed with a network of foot-paths and open spaces. Westhausen marked a break with the traditional and functional layout of house and street…*" (Dreysse, 1988: 20).

[47] "*From this time onwards the relationship of the building and its surrounding space was no longer the same. In the tall buildings the subtle differentiation between the facades, which could be noticed in Römerstadt, had disappeared.(…) An exception was that the central space of the block, which had been protected from sight and out of the way from the public domain, ceased to exist.*" (Panerai et.al., 1986: 110) [s.i].

[48] "*This first urban phase was followed by a group of Siedlungen, where May created a synthesis between the environment of the garden cities and the vocabulary of modern architecture. Römerstadt and Praunheim, the two most important realizations of this period, are a direct extension of Unwin's principles.*(…) *The closeness of the dates of the projects and the presence of the same collaborators (H. Böhm, C. H. Rudloff) showed that it was the case of two sides of the same thought. In both cases, the reference to the context and the concern for obtaining some variety counted as much as the wish for rationalization.*" (Panerai et.al., 1986: 108).

[49] "*With the last phase of Praunheim (1928), the rationalist principles took over from the picturesque nature of the garden city. Exceptions such as staggered blocks, the corners or ends of rows treatment, are progressively abandoned while industrialization and standardization into types developed. The large Siedlungen no more played on the grid differences in the interior of the same development, as in the previous phases, nor on the affirmation of a pre-existing urban order, but on the systematic repetition of a unit (the row) and on the affirmation of an internal logic, independent of the contextual conditions of the site.*" (Panerai et.al., 1986: 110).

Assim, enquanto em Praunheim e Römerstadt a relação entre os espaços construídos e não construídos é mais próxima da tradicional, ou seja, o sistema viário como elemento de suporte e acesso ao edificado, e os logradouros adjacentes à edificação como manifestação dos espaços livres privados (espaços privados colectivos no caso da habitação colectiva de Römersadt); em Westhausen esta relação é equacionada de forma completamente distinta. O edificado torna-se independente tanto do sistema viário, ligado a este por percursos pedonais, quanto dos espaços livres "privados". Estes ainda aparecem na proposta, mas separados das habitações por percursos públicos e sem delimitações físicas, ou seja, nada impede o acesso e o uso público.

A desconexão entre o edificado e os espaços livres privados acaba por resultar na delimitação do perímetro dos edifícios, e já não dos quarteirões, por percursos pedonais públicos. A relação que existia entre

rua | edificação | logradouro | logradouro | edificação | rua
(público|privado|privado|público)

transforma-se em

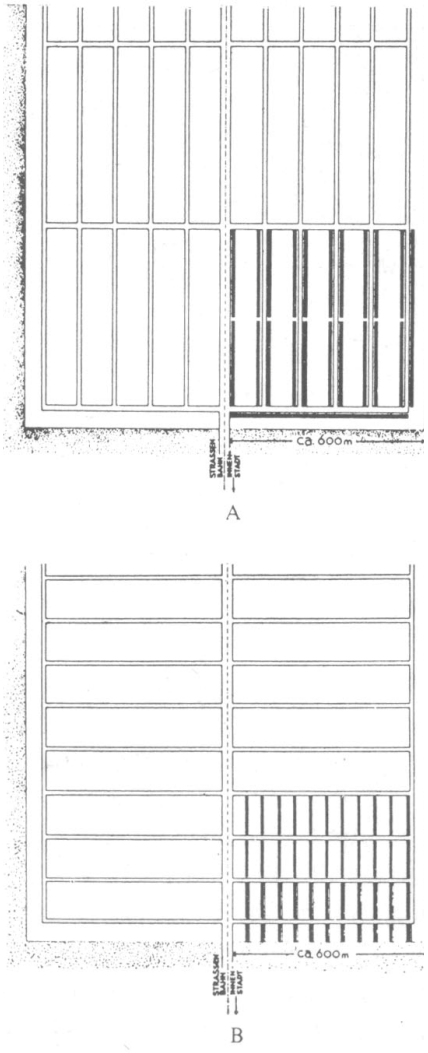
rua|edifício|ac.pedonal|jardim|ac.pedonal|edifício|ac.pedonal|jardim|edifício|rua
(público|privado|público|privado|público).

A delimitação entre o público e privado coincide com a implantação de cada edifício, o que resulta em uma exposição pública de todos os seus alçados. Esta conduz a uma homogeneização de alçados e uma perda da referenciação da relação frente e traseiras. De resto bem correspondendo ao espírito da época (v.g. citação de van Doesburg, p. 38).

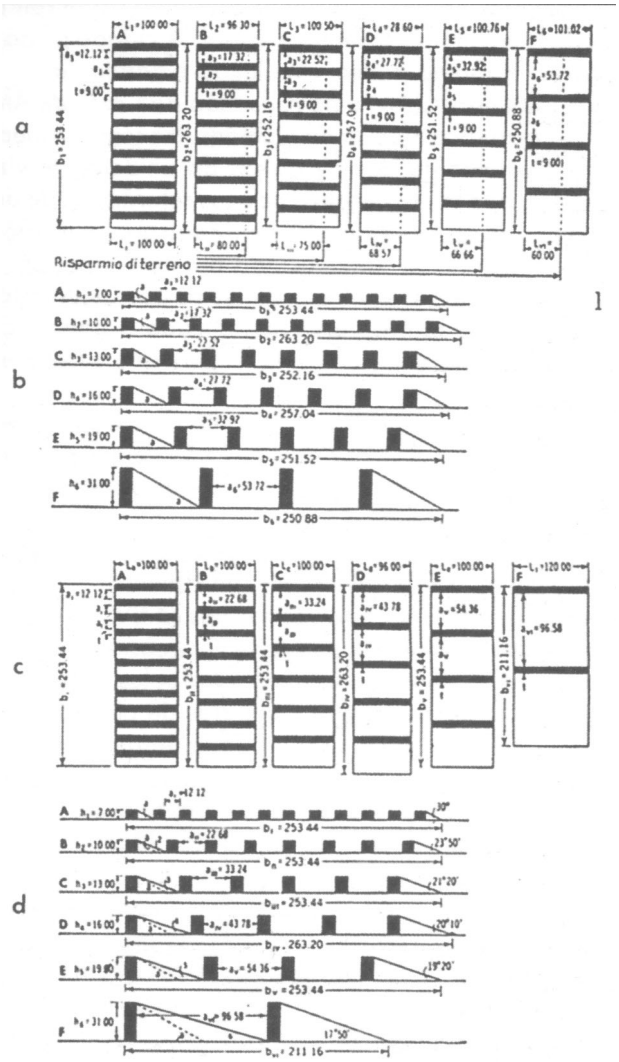
Esta morfologia seria consagrada no ano seguinte no 3º CIAM, em Bruxelas. Sob o tema geral de *Formas construídas e formas do solo – Parcelamento Racional das Cidades*, Herbert Boehm e Eugen Kaufmann apresentam aos congressistas um modelo com edificado linear equidistante, paralelo entre si e perpendicular ao sistema viário, como alternativa ao quarteirão composto por duas linhas edificadas simétricas. Tornando o edificado independente do alinhamento viário e do cadastro estes arquitectos consideram o modelo como o único capaz da igualdade de todas as habitações, quer em relação ao usufruto das orientações solares quer dos espaços livres exteriores (Igualada, 2005).

Ainda nesta edição do CIAM, Walter Gropius, na sua célebre conferência (casas unifamiliares, edifícios médios ou blocos altos) apresenta esquemas gráficos que relacionam a densidades, alturas e distâncias ideais entre edifícios lineares paralelos. O esquema mostra que com uma densidade habitacional constante, quando maior a

altura dos edifícios melhores condições têm as habitações em relação à exposição solar e quantidade de solo livre liberto entre os edifícios.



54. Herbert Boehm e Eugen Kaufmann.



55. Walter Gropius.

Além das duas grandes sistematizações possíveis de se identificar à volta dos *reformadores pragmáticos da cidade industrial* e dos *românticos organicistas da cidade-jardim*, uma terceira, que se viria a verificar de maior sucesso e influência, organiza-se com base nos racionalistas funcionalistas da Carta de Atenas (CA). Ao contrário dos anteriores, estes últimos negam qualquer hipótese redentora ao código genético milenar da cidade, defendendo uma nova e radical alternativa. Nem por correcções "pontuais", nem pelo "arejamento" das cidades-jardim, que Corbusier como principal mentor desta corrente, critica violentamente[50], se poderiam alcançar as necessidades do novo homem urbano.

A força das ideias desenvolvidas por esta linha de pensamento, e a sua maior adequação à cultura da época, na busca do *novo*, da *modernidade*, da ruptura definitiva com o passado pesado, permitirá, nomeadamente à volta dos primeiros CIAM, senão um consenso, pelo menos um acordo alargado sobre o caminho a seguir para resolver os diversos problemas da cidade saturada. Este caminho será desenvolvido a partir do slogan da *morte da rua corredor*[51] e das consequências que acarretava para a forma urbana tradicional. Parte delas já se identificam na defesa da edificação linear paralela com a mesma orientação referida no final da alínea anterior.

Este acordo generalizado entre os arquitectos modernistas é sintetizado na elaboração da Carta de Atenas (CA) no 4º CIAM em 1933. Como fundamentação das propostas que o seguirão, o documento registra uma extensa crítica às cidades industriais saturadas[52]. Densidade excessiva, péssimas condições de habitabilidade, incompatibilidade e insuficiência do sistema viário, desadequação e desestruturação das estruturas urbanas existentes, poluição, desordem e violência, falta de superfícies verdes disponíveis, forte especulação imobiliária, subjugação e subserviência aos

[50] Corbusier escreve: *"Os fomentadores das cidades-jardins e os responsáveis pela desarticulação das cidades proclamaram bem alto: cada um deve ter o seu pequeno jardim, a sua casinha, e a sua liberdade assegurada. Mentira e abuso de confiança!"* (Corbusier, 1943: 10). *"Muitas pessoas pensam compensar o desgaste nervoso e os mil aborrecimentos da cidade habitando pequenas moradias na periferia. (…) Mas como essa evasão se traduz em factos? Pela proliferação (pseudo-evasão!) anárquica de pequenas cidades, carcomendo a natureza e degradando as belas comunas rurais, pelos gastos vertiginosos (transportes públicos, complicado sistema viário, canalizações, correios, etc.) que ao Estado provoca o ingurgitamento doentio das nossas cidades. Este desperdício gigantesco – a desorganização do fenómeno urbano – constitui um dos mais pesados encargos da sociedade moderna*." (Corbusier, 1943: 9). *"Como o respeito da função tempo-distância restabelece as condições humanas (…) a reforma situar-se-á na edificação de cidades jardins verticais, que substituirão aqui as cidades jardins horizontais"* (Corbusier, 1943: 59).

[51] "*Que seja proibido o alinhamento das habitações ao longo das vias de comunicação* (…) *os passeios, criados no tempo dos cavalos, e somente depois da introdução das carroças, para evitar os atropelamentos, são um remédio irrisório desde que as velocidades mecânicas introduziram nas ruas uma verdadeira ameaça de morte. A cidade actual abre as inumeráveis portas das suas casas para esta ameaça, e as suas inumeráveis janelas para os ruídos, as poeiras e os gases nocivos, produzidos por uma circulação mecânica intensa*" (C.A., 1933: 27). *"Abolida a tirania da rua, todas as esperanças são permitidas"* (Corbusier, 1943: 82).

[52] Durante o 4º congresso foi apresentado o diagnóstico sobre 33 cidades, cujo estudo havia sido decidido no congresso de 1930.

interesses privados, são alguns dos problemas explicitamente registrados no documento.

Face a estas barbaridades, que para os autores da CA não seriam resolvidas por outras alternativas, seria necessária uma abordagem[53] radicalmente nova, onde: "o *sol, a verdura, o espaço, são os três primeiros materiais do urbanismo*" (C.A., 1933: 12). Este novo urbanismo assim fundado, complementado pela organização urbana em zonas funcionais[54], seria o responsável pelo fim do anterior *sistema básico de relações* (Portas, 1987).

No que se refere às aproximações mais arquitectónicas,

> *"o edifício deixa então de ser o simples resultado proveniente da intersecção de três ou quatro ruas; e a rua deixa de ser um corredor entre fachadas erguidas ao longo das suas bermas e no interior do qual se precipitam, no maior aperto, as coisas mais díspares: peões, cavalos, automóveis, camiões e eléctricos. Reforma cujo magnifico fruto será uma nova aparência da construção, senhora dos espaços livres circundantes, aparência magnificamente arquitectónica dos bairros de habitação ou dos locais de trabalho*." (Corbusier, 1943: 36).

A nova imagem urbana que resultaria daqui também passa pela edificação em altura[55] de "unidades de habitação" de tal forma que "*implantadas a grande distância umas das outras libertem o solo em favor de amplas superfícies verdes*" (C.A., 1933: 29).

Interessará em particular a este trabalho, verificar que os grandes espaços verdes assim produzidos marcam também uma ruptura fundamental com o passado:

> *"Contrariamente ao que se passa nas cidades-jardins, as superfícies verdes não serão compartimentadas em pequenos elementos de uso privado, mas sim consagradas à liberdade das diversas actividades comuns que formarão o prolongamento do alojamento".* (C.A., 1933: 35).

E igualmente a percepção de que o cadastro, ou a sua ausência, tem um papel fundamental na equação da urbanística modernista[56]. O facto de grande parte das intervenções modernistas serem associadas a iniciativas nas quais o Estado, ou o Município, detêm a totalidade do solo permite grande liberdade na definição dos espaços exteriores do projecto e da livre disposição dos edifícios nos mesmos.

---

[53] *"…a nova urbanística não poderia reduzir-se à melhoria da urbanística existente, mas constituir uma alternativa com inspiração ideológica e política distinta"* (Lamas, 1990: 337).

[54] *"O zoning, considerando as funções-chave, habitar, trabalhar, recrear-se, porá em ordem o território urbano. A circulação, essa quarta função não deve ter senão um fim: pôr as três outras em comunicação, duma forma útil."* (C.A., 1933: 15).

[55] "*A conquista da altura traz em si a solução de problemas essenciais postos pela urbanização das cidades modernas, a saber: a possibilidade do restabelecimento das condições da natureza (sol, espaço, verdura); a separação do peão e do automóvel; …*"(Corbusier, 1943: 27).

[56] "*A questão fundiária assume um lugar conceptual, ideológico e político importante. Não se trata apenas de dispor edifícios isolados no terreno e dar aos habitantes um máximo de solo livre. Trata-se também do estatuto da propriedade relacionada com as ideologias sociais democráticas e socialistas e o seu entendimento da cidade. (…) o debate nos CIAM é intensamente politizado, sobretudo pelos arquitectos centro-europeus e alemães. (…) a questão fundiária entronca profundamente na morfologia da cidade Moderna, constituindo um dos seus alicerces fundamentais: sem necessidade de lotear, com o solo livre de parcelamento, arquitectos e urbanistas tinham facilitada tarefa de dispor os edifícios no terreno, organizando livremente a forma do bairro e da cidade*." (Lamas, 1991:307).

A liberdade na equação do parcelamento e a intensa crítica à propriedade privada[57], contribuem para o desaparecimento dos espaços livres de uso privado para, em substituição, dar lugar a uma totalidade de espaço público. Muitas vezes mesmo o solo onde o edifício se suporta, graças à utilização de pilotis é libertado para uso público.

Publicada em 1941 a Carta, a par com outros textos de Corbusier progressivamente divulgados, tiveram uma influência decisiva no abandono do código genético milenar, e na sua substituição por um novo modelo, ou contra-modelo como chama Portas[58], que claramente se opunha à cidade, e ao modelo, tradicional.

Os desenhos de Corbusier, (imagem 58) publicados no seu livro de 1943 *Manière de penser l'urbanisme* , reforçam ainda mais a proposta subjacente à teoria enunciada.

Desde o registo dos enormes problemas da cidade saturada e do cadastro privado como base dos problemas, as soluções intermédias dos reformadores pragmáticos ou da cidade-jardim são, para Corbusier, meros paliativos para uma doença mortal[59]. Só com a "*situação resultante dos princípios desenvolvidos ao longo do nosso estudo"* (Corbusier, 1943: 82) a solução poderia ser encontrada.

À primeira vista, o proposto era uma forma de habitar em edifícios colectivos de maior porte, isolados uns dos outros, com o objectivo de liberar entre eles espaços abertos suficientes para conterem as vias de acessos, os equipamentos e generosas áreas verdes dotadas de sol. As relações estabelecidas na cidade tradicional entre edificação, lote, quarteirão e cidade são substituídas pela relação entre alojamento, edifício, bairro e cidade.

Com a questão do alojamento a dominar a preocupação dos arquitectos[60], a metodologia de concepção da cidade moderna baseia-se numa sequência de relações nas quais a célula habitacional é o elemento base, o agrupamento de células forma edifícios, o agrupamento destes forma bairros e o agrupamento destes constitui a cidade.

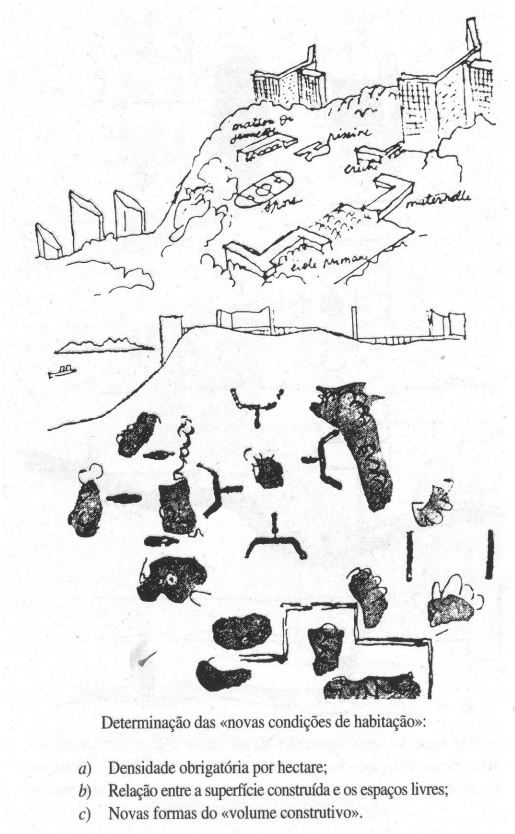
---

[57] "*A proeminência das iniciativas privadas, inspiradas pelo interesse pessoal e a mira do lucro, é a base deste lamentável estado de* coisas (…) *Hoje está feito o mal. As cidades são desumanas e da ferocidade de alguns interesses privados nasceu a infelicidade de numerosas pessoa*" (C.A., 1933: 72). "*O direito individual não tem relações com o vulgar interesse privado […]. Deve ser em tudo subordinado ao interesse colectivo"* (C.A., 1933: 95) [s.i.];

[58] Portas refere-se ao contra modelo modernista ou divórcio como *"…o terramoto cultural que abalaria, pelo menos por umas décadas, o sistema de relações físicas entre os elementos urbanos fundamentais que, ao longo de séculos, tinham sido capazes de servir a mutação das técnicas, dos valores sociais e das estéticas urbanas. (…) Uma revolução cultural porque, pela primeira vez na história urbana ocidental, se rompia, para o inverter, o sistema de relações de espaços que aludi no início; não haveria mais lugar para os arruamentos e logradouros delimitados pela edificação: não haveria mais lugar para os contínuos edificados de baixa ou média altura formando quarteirões até ai determinados pela forma dos espaços exteriores"* (1987:109).

[59] "*1- A rua continua a ser um corredor, o lugar comum de passagem dos peões, dos carros, dos autocarros, dos eléctricos, etc.2- As fachadas (as suas Janelas) abrem para o barulho e para a poeira da rua ou para pátios; 3- A orientação continua arbitrária, tributária de traçados de ruas que não tem qualquer ligação de direito com o regime do sol; 4- A verdura, neste caso, fica limitada ao embelezamento dos pátios, não participando na decoração da rua, o que representa uma pesada falta a ser anulada pela cidade.*" (Corbusier, 1943: 81).

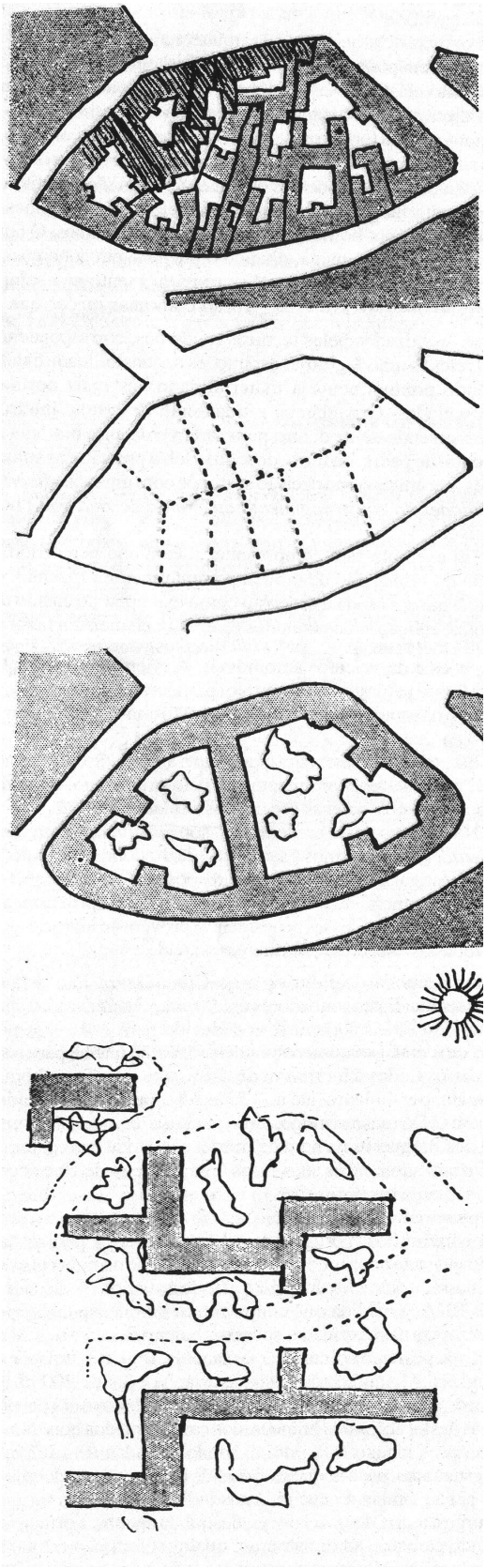
[60] "*O problema do alojamento – da habitação – supera todos os outros*." (C.A., 1933: 40).



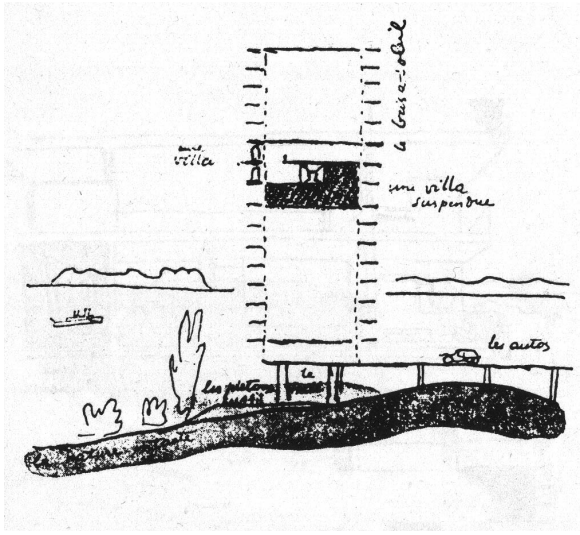
Determinação das «novas condições de habitação»:

a) Densidade obrigatória por hectare;
b) Relação entre a superfície construída e os espaços livres;
c) Novas formas do «volume construtivo».

56. As novas formas de habitação, segundo Corbusier.



58. Desenhos onde Corbusier compara a *"situação resultante dos princípios desenvolvidos ao longo do nosso estudo"* ao quarteirão tradicional e a sua racionalização.



57. Perfil da implantação das «novas unidades de habitação», que pousadas sobre pilotis permitem inclusive o solo que as suporta se torne público.

Após o fim da segunda guerra mundial, a destruição das cidades europeias combinada com um crescimento demográfico de um êxodo rural em direcção as cidades, torna o deficit de habitação uma questão urgente. Era necessário reconstruir as cidades, construir novos bairros habitacionais, novas expansões, construir rapidamente e com economia de meios em escalas e ritmos impressionantes para suprir a demanda por habitações.

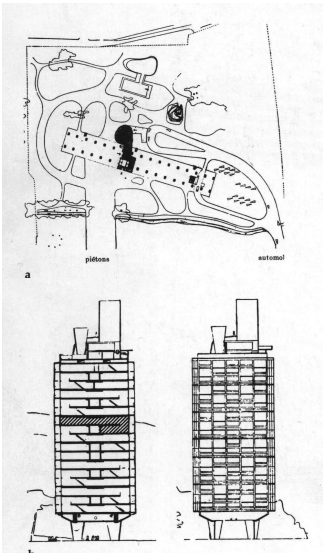
Revelando-se muito adequada a este encadeamento de necessidades, a urbanística modernista demonstra-se de grande eficácia tanto na reconstrução quanto na construção de novas habitações. A importância atribuída à industrialização e pré-fabricação, também relacionadas com a racionalização e o funcionalismo permite construir a cidade por sistemas independentes (vias, infra-estruturas, edifícios e equipamentos), e a construção simultânea de diversas peças do puzzle sem grande necessidade de coordenação e inter-relação entre seus elementos[61].

Formalizadas muito sinteticamente as linhas gerais deste contra-modelo, importará reter que com a sua generalizada implementação assiste-se então ao desaparecimento do quarteirão tal como a cultura urbana o houvera conhecido nos milénios anteriores e, no processo, desaparecem também os espaços privados que durante esse tempo serviram de complemento à habitação colectiva, e que apenas alguns anos antes eram objecto de atenção e projecto arquitectónico.

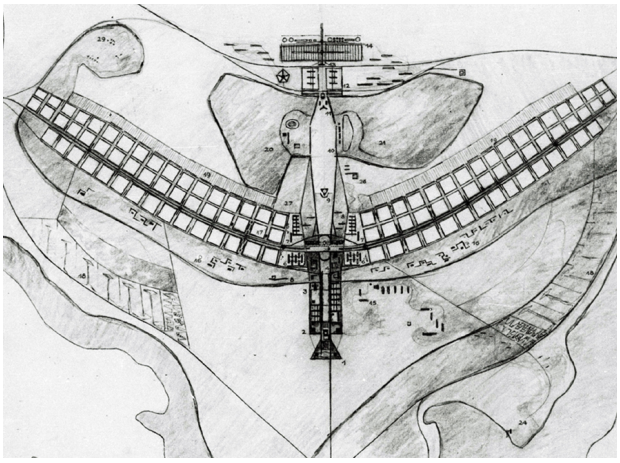
[61] "*O novo sistema – ou anti-sistema, tão divorciados eram os seus elementos – separaria ainda as especialidades da arquitectura e da engenharia de infra-estruturas e, mais tarde, da arquitectura paisagista, como já os havia separado antes dos urbanistas ou planeadores: cada um com seu problema tão isolado que até a legislação viria a permitir que os respectivos processos se entregassem em fases separadas.*" (Portas, 1987: 112).



59. Unidade de habitação de Marselha, o objecto, pousado sobre pilotis no território, permite que inclusive o solo que o suporta torne-se público.



60. Perfil e implantação da unidade da unidade de Habitação.



61. Plano piloto de Brasília, por Lúcio Costa.



62. Superquadras de Brasília, onde «o sol, a verdura, o espaço, são os três primeiros materiais do urbanismo».

3. A forma urbana após a cidade modernista

3.1.Crítica ao contra-modelo modernista e revalorização da cidade tradicional

Os fenómenos referidos no final da última alínea, associados a outros derivados[62], se por um lado foram decisivos para a implementação dos princípios da Carta de Atenas, por outro também revelaram-se como objecto de reparos e críticas face a algumas consequências que iam sendo sentidas. A enormidade das necessidades[63], a grande fragilidade económica, a urgência da resolução, e o carácter radicalmente novo da proposta teórica que a sustenta, provocaram soluções progressivamente menos qualificadas.

Para além das grandes obras e dos grandes projectos dos maiores arquitectos do Movimento Moderno, a rápida massificação deste (contra)modelo revelou consequências inesperadas para os ideais progressistas dos grandes mestres.

Os factores económicos têm um papel fundamental para as várias deturpações das intenções iniciais (Lamas falará de uma "urbanística operacional [na] burocracia que constrói a cidade" (1992: 361ss.). No compreensível objectivo da redução de custos, muitos bairros se tornam simples repetições *ad nauseum* do mesmo edifício, e as lógicas de implantação derivam da reflexão sobre as questões da exposição solar e da salubridade, para a prioridade da optimização do funcionamento das gruas[64].

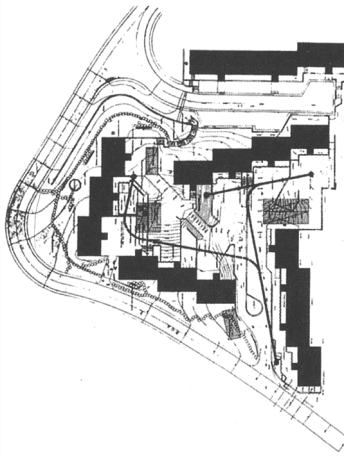
[62] *"Por outro, como ficou indiciado acima, contém implícita uma proposta de reestruturação da vida comunitária e societária, que claramente será bem aceite numa Europa psicologicamente traumatizada pela guerra. Rompendo com os espaços tradicionais, as novas estruturas espaciais rompem igualmente com os sistemas políticos e sociais que os produziram e sustentavam neles parte da sua propaganda e afirmação de solidez. Trazem o ar, o sol, o verde, o futuro, a higiene, a salubridade, a esperança, a crença numa nova era de paz. Representavam por aí o fim do pesadelo e do caos"* (Andrade, 2004:170).

[63] "*«730 000 explorações agrícolas, 620 000 fábricas, 55 000 equipamentos civis, 1 300 000 casas destruídas ou arruinadas, representando 20 % do património imobiliário da nação» francesa havia sido destroçado (Delfante, 1997: 332). No conjunto dos países envolvidos 1,5 milhões de edifícios foram destruídos, e cerca de outros 7 milhões ficaram com danos e prejuízos variados. O aumento demográfico subsequente ampliará ainda mais as necessidades, reforçadas pelo baby boom alguns anos mais tarde"* (Andrade, 2004: 168).

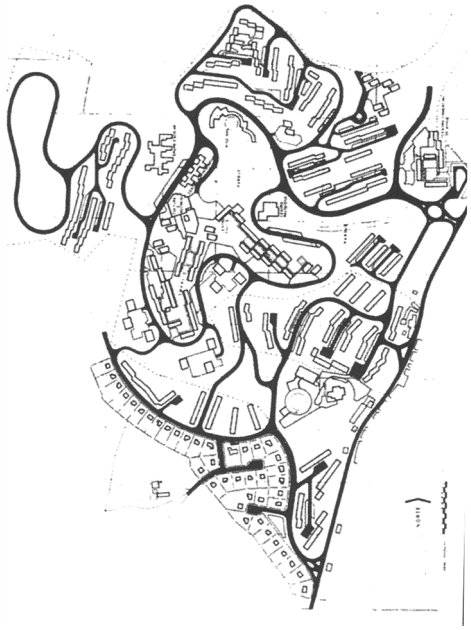
[64] "*Nos processos de prefabricação pesada, a lógica económica e mecanicista irá até ao ponto de determinar a implantação dos edifícios em função dos movimentos e raio de acção de uma grua sobre um carril. Recordo a satisfação com que arquitectos dos anos sessenta encaravam os resultados desta experiencia e o seu orgulho em ter resolvido assim mais um problema (espacial?).*" (Lamas, 1992: 362).



63. Urbanização de Santo António dos Cavaleiros na cidade de Loures.



63. Implantação dos edifícios e esquema de circulação das gruas em Santo António dos Cavaleiros



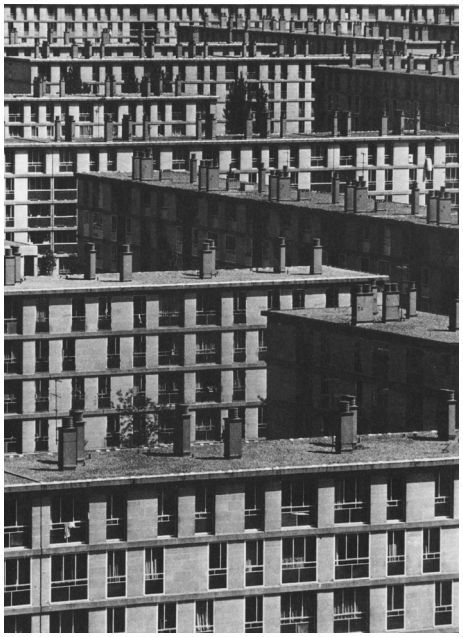
64. Urbanização de Santo António dos Cavaleiros na cidade de Loures.



67. *Grand Ensamble* francês.



66. Demolição do bairro Pruitt-Igoe de Minoru Yamasaki.



65. Bairro de Sarcelles em Paris.

Fundamentações idênticas irão comprimir ao máximo o número de edifícios possíveis de dispor nos *plan masse*[65] que se seguem.

Neste contexto os espaços exteriores residenciais que, como registado acima, ainda alguns anos antes eram tema central de reflexão, de cuidadoso projecto arquitectónico e social, surgem agora não só como de uso exclusivo público, mas como mero resíduo de outras prioridades. Acresce que, da escala da domesticidade anterior se alteram para uma escala até então desconhecida do homem urbano, inexistente mesmo nos grandes espaços públicos de referência das cidades pré-modernistas.

Com símbolos conhecidos na generalização do termo *sarcelitte*[66] ou no epitáfio de Charles Jencks, segundo o qual "*a arquitectura moderna morreu às quinze horas e trinta e dois minutos da tarde de 15 de Julho de 1972*" (Jencks, 1977), já desde o início da década de sessenta se podem encontrar alguns documentos importantes de crítica ao contra-modelo modernista.

Autores como Jacobs (1961), Alexander e Chermayeff (1963, 1965) ou Françoise Choay (1965), foram secundados anos mais tarde por Colin Rowe (1978), Nuno Portas (1987) ou Christian de Portzamparc (1997). Com o aumento da distância crítica sobre os fenómenos iniciais, esta última sintetiza os principais problemas

> *"na separação artificial de funções e actividades conduzindo a dormitórios isolados; nas dificuldades de relação social no espaço condicionado dos blocos como na escala do bairro atomizado; na insegurança dos pais em relação às crianças fechadas nos andares altos sem contacto fácil com o terreno, ou dependentes de ascensores, mas também dos riscos do sistema separativo de veículos e peões; na redução do espaço habitável em tipologias sem prolongamento directo para pátios ou quintais; no anonimato decorrente de edifícios de grande dimensão que não permitiam adaptações ou a apropriação pelos seus moradores; enfim, a perda do sentido de orientação e de identificação de espaços que não eram mais susceptíveis de terem "nome" ou constituíam verdadeiros labirintos"* (Portas, 1987: 113).

Mas já em 1961 Jane Jacobs apresentava uma forte crítica ao contra-modelo modernista[67]. Jacobs considera que a cidade do movimento moderno é baseada em dados abstractos para promover a supressão do modelo tradicional e de sua rua-corredor. Nesta abstracção, que transborda para as propostas, os espaços verdes intersticiais são apresentados como um vazio nocivo no meio dos edifícios, aos quais era possível reportar toda uma série de consequências psicossociais (ver nota [66]).

---

[65] "*O plan masse é uma forma de representação e também da «ideologia» de projectar. O efeito de representação gráfica pretende a ilusão dos volumes através das suas sombras. Enquanto, no desenho da cidade tradicional, as relações se estabelecem pelas regras de traçados, planos marginais e cérceas (…) as regras de composição dos plan masse articulavam outra maneira de projectar. As relações inteligíveis concentram-se no jogo de volumes e no seu equilíbrio abstracto ou sensorial – equilíbrio que vive autonomamente no estirador e no espaço urbano. Apresenta extrema flexibilidade, porque não existem regras que determinem o espaço de cada edifício, o seu volume, forma ou altura. Por isso qualquer plan masse poderá variar indefinidamente com resultados satisfatórios, seguindo as variações de programa ou a fantasia criativa dos arquitectos*" (Lamas, 1992: 372).

[66] *"O termo sarcelitte viria a ser consagrado para descrever o fenómeno da monotonia dos «grandes conjuntos», a banalidade da sua arquitectura [...] com edifícios repetitivos e espaços residuais […] O caso de Sarcelles correu mundo exemplificando os tristes resultados sociais e psicológicos da urbanística operacional moderna […] foi o exemplo do que não se deveria fazer: neurastenia, delinquência juvenil, crimes e prostituição, um enorme tédio e isolamento social da população»* (Lamas, 1992:391)

[67] The Death and Life of Great Amercian Cities; New York: Random House, 1961.

O livro alcançará uma enorme influência entre arquitectos e urbanistas, muito no sentido em que "*Jane Jacobs aproximava-se das questões da morfologia urbana e dava os primeiros passos no sentido de recuperação das formas tradicionais do urbanismo*" (Lamas,1992:394). Identificando, na sua fundamentação, todo um conjunto de graves problemas, agravados pela banalização pragmática e especulativa, propunha como solução alternativa o retorno à rua que Corbusier houvera matado, e à concentração e diversidade que a caracterizavam. Habitações, lojas, bares, restaurantes,… que pudessem promover de novo a pluralidade e riqueza funcional perdidas. Estas seriam fundamentais para o retorno dos contactos sociais inexistentes nos bairros modernistas.

Acrescenta ainda o outro elemento perdido de importância central para este trabalho: o reaparecimento dos espaços exteriores privados, como complemento das funções da habitação e como promotor da sociabilidade, referindo que para tal *"deve* ser nítida a separação entre o espaço público e o privado. O espaço público e o privado não podem misturar-se, como normalmente ocorre em subúrbios ou em conjuntos habitacionais" (Jacobs, 1961:36).

Esta última questão também é presente no trabalho *Community and Privacy* de Alexander e Chermayeff. Reflectindo sobre a preocupação da recuperação da privacidade em espaços exteriores e no seu papel na noção de domesticidade, identificam e analisam os problemas do seu desaparecimento em favor de um espaço contínuo, fluído e indiferenciado. A noção de espaço público e privado, presente até então nas cidades, desaparece porque tudo se torna de uso público face à utopia de que, fazendo desaparecer os limites físicos, simbolicamente se eliminavam as barreiras sociais, pois cada um podia encontrar o outro sem obstáculos. Neste processo, em que os "*urban designers have now begun to replace the suburban no man's land with an urban no man's land*" (Alexander, Chermayeff, 1963:cap.4), as consequências manifestam a antítese das intenções iniciais[68].

Também aqui, à semelhança de Jacobs, uma das recomendações é a do restabelecimento da clarificação dos domínios público e privado, através de uma *inteiramente nova anatomia do urbanismo:*

> *"Such an urban anatomy must provide special domains for all degrees of privacy and all degrees of community living, ranging from the most intimately private to the most intensely communal. To separate these domains, and yet allow their interaction, entirely new physical elements must be inserted between them. It is because these new elements of separation emerge as vital and independent units in their own right that a new urban order may develop from the hierarchy of domains. Only when the habitat of urbanizing man is given such an order shall we*

[68] *"They have created low and high-rise apartment blocks, free standing in their own "green" space, to create, through contrast, the illusion of country. Though the logic of this device seemed admirable at first, the enjoyment of such scattered green spaces has turned out to be largely illusory. They are not large enough to act as public parks, and not small enough to possess the intimate pleasure of the private garden. Everything belongs to everybody with the result that nothing actually belongs to, or is enjoyed by, anybody. Their ownership, administration, and maintenance is neither specifically public nor private. They are the leftover voids between gigantic boxes, where sparsely sprinkled adults and children are equally ill at ease."* (Alexander, 1963: cap.4) [s.i.].

perhaps restore to urban life a fruitful balance between community and privacy" (Alexander, Chermayeff, 1963: cap.1).

Alguns anos depois, Alexander voltará a algumas destas questões, quando em *The City is not a tree*[69], aborda os problemas resultantes da separação artificial das cidades por funções, e da diluição e desaparecimento das diferenças entre os espaços livres de uso público e os de uso privado. Importará reter da obra de 1963 a sua extensão aos contextos da habitação colectiva[70] (uma vez que este tema nunca verdadeiramente desapareceu da unifamiliar).

Esta procura, que estes dois autores empreendem, com o objectivo de encontrar ou contribuir para uma nova forma de encarar o espaço arquitectónico e urbanístico após a verificação de algumas consequências imprevistas na cidade moderna, demarcam este trabalho de uma visão mais nostálgica presente na obra de Jacobs. No entanto ambos se enquadram na linha do que fala Portas quando na *"crise dos conceitos e receitas na arquitectura urbana face à decepção com os resultados das novas urbanizações dos anos 60, leva os profissionais a voltarem a aprender com a cidade, a valorizar sequências de espaços públicos bem identificáveis, animados pela mistura de actividades e gerações"* (1985).

Nesta sequência, trabalhos como *A Imagem da Cidade*, Kevin Lynch 1960, *A Arquitectura da Cidade*, Aldo Rossi 1965 ou *A Paisagem Urbana*, Gordon Cullen 1966, abordarão diferentes pontos de vista na análise crítica aos problemas que se iam verificando.

Cullen, denunciando a falta de sensibilidade deste novo urbanismo[71], pretende ser possível reencontrar uma emoção estética ao manipular elementos da forma urbana de modo a provocarem impactos específicos sobre os habitantes[72]. Para isto, na sequência da influência de Camillo Sitte, procura uma escala acolhedora e humana em elementos e tecidos urbanos anteriores à primeira grande guerra, principalmente medievais.

Por seu lado Lynch aborda a cidade de uma outra forma. Demonstra a existência de uma imagem mental colectiva e estabelece métodos para a inclusão da

[69] "em *The City is not a tree (1965), Christopher Alexander crítica a rigidez e artificialidade das propostas modernistas no que chama de cidades artificiais, com sua subdivisão funcional e formal que impede as relações sociais encontradas nas cidades naturais, onde a pluralidade de usos e de formas (e uma não relação directa entre os dois) permite uma grande riqueza de relações sociais. Alexander ainda aborda o problema da simplicidade da estrutura viária em "árvore", "mentalmente acessível", e de fácil concepção que a tornam superficial ao contrário do diversificado e complexo sistema de semi-reticula.* (Lamas, 1992: 396).

[70] *"...opportunity for firsthand experience that privacy gives can health and sanity be brought back to the world of the mass culture (...) privacy is most urgently needed and most critical in the place where people live, be it house, apartment, or any other dwelling*" (Alexander, 1963: cap.1).

[71] "Há uma grande falta de sensibilidade na construção das cidades, há uma tendência generalizada para recorrer a tanques e carros blindados onde apenas faz falta uma espingarda telescópica" (Cullen, 1972: 13);

[72] *"…se os nossos centros urbanos forem desenhados segundo a óptica de uma pessoa que se desloca (quer a pé, quer de automóvel) a cidade passará a ser uma experiencia eminentemente plástica, percursos através de zonas de compressão e de vazio, contrastes entre espaços amplos e delimitados, alternância de situações de tensão e momentos de tranquilidade.*" (Cullen, 1971: 12).

preocupação com esta imagem na prática urbanística, no reconhecimento de que esta é determinante para o comportamento social e psicológico dos habitantes. Identifica cinco categorias centrais na construção mental desta imagem (vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes); sendo de destacar no âmbito deste trabalho a importância que reconhece aos "limites" na estrutura e forma urbanas. Lynch afirma que um limite pode organizar e estruturar através de seus acessos e dos contactos visuais que permite[73].

A abordagem de Rossi em *A Arquitectura da* Cidade (1965) é significativamente diferente das anteriores cujo objectivo de fundo se revela quase como de manuais de boas práticas. Procede a uma leitura da cidade composta pela arquitectura, como ordenadora do todo urbano, na qual se desenvolvem e estruturam as tipologias que profundamente se relacionarão com a totalidade da forma urbana. Assim, diferentemente da urbanística moderna onde o resultado final deriva da simples agregação de tipologias, a relação deve voltar a ser dialéctica, a forma urbana deve voltar a ter uma relação mutualista idêntica à referida na cidade pré-modernista.

Na promoção do distanciamento ao contra-modelo modernista, Rossi apresenta em alternativa claras aproximações ao modelo tradicional. Seja na identificação da complexidade das relações entre forma e função[74], seja na recolocação da função habitacional como pano de fundo (ao contrário da sua *monumentalização* promovida pelo modernismo), a partir da qual se devem destacar as tipologias arquitectónicas excepcionais e representativas, os seus *elementos primários*. Nesta relação entre as áreas-residenciais e elementos primários, Rossi aborda de forma clara a importância da dualidade da caracterização dos espaços como públicos e como privados no ambiente urbano[75], sendo este composto pela sobreposição e caracterizado por esta separação[76].

---

[73] *"Um limite pode tornar-se algo mais do que um simples obstáculo dominante se permitirmos que dele façam parte algumas qualidades motoras e visuais - se for, tal como antigamente era, estruturado parcialmente com as regiões confinantes. Torna-se então mais uma «costura» do que uma barreira, uma linha de intercâmbio ao longo da qual foram «alinhavadas» duas áreas*" (Lynch, 1960: 113).

[74] "*opõe-se ao funcionalismo como relação determinista entre forma e função, proclamando a autonomia do desenho arquitectónico. Desenho cujas motivações de ordem cultural encontram no sítio – no locus – a energia criativa e projectual da ligação do objecto ao território que o suporta*." (Lamas, 1992: 423).

[75] "*…a relação entre esses elementos primários e áreas-residências corresponde, em sentido arquitectónico, à distinção feita pelos sociólogos entre a esfera pública e a privada como elementos característicos da formação da cidade. A definição dada por Hans Bahrdt em seus Esboços de sociologia urbana pode esclarecer melhor o significado dos elementos primários: "Nossa tese diz o seguinte: uma cidade é um sistema em que toda a vida, portanto também a vida quotidiana, mostra a tendência a se polarizar, isto é, a se desenvolver nos termos de agregado social público ou privado. Desenvolvem-se uma esfera pública e uma esfera privada, que se encontram em estreita relação sem que a polarização se perca. Os sectores da vida que não podem ser caracterizados nem como públicos, nem como privados perdem seu significado. Quanto mais forte se exercer a polarização, mais íntima é a relação de troca entre a esfera pública e privada, e mais urbana do ponto de vista da sociologia é a vida de um agregado. Caso contrario, um agregado desenvolverá em menor medida o carácter de cidade*" (Rossi, 1966: 116) [s.i.].

[76] "*O contraste entre o particular e o universal e entre individual e colectivo sobressai da cidade e da sua própria construção – a sua arquitectura. Este contraste entre particular e universal e entre individual e colectivo é um dos principais pontos de vista de que se estuda a cidade neste livro; manifesta-se sob diversos aspectos, nas relações entre esfera pública e privada, no contraste entre a projectação racional da arquitectura urbana e os valores do locus, entre edifícios públicos e edifícios privados. (…) Sobre este ponto é necessário dizer ainda o*

3.2.Recuperação (cenográfica?) do modelo tradicional

A par com as críticas mais extensas, sistematizadas e fundamentadas, os ecos emocionais e ideológicos de frases como "*il faut tuer la rue corridor*" parecem ter gerado respostas como as de Fernando Montes, afirmando que *"a única maneira de permanecermos modernos é aplicarmos à arquitectura moderna o mesmo tratamento que esta aplicou à arquitectura académica"*[77]. Este sentido, quase vingativo, parece ter colhido junto de personalidades como Culot ou os irmãos Krier, para quem as propostas da arquitectura e da urbanística modernistas não trouxeram nada de bom.

A radicalidade dos irmãos Krier (mesmo distinguindo a teoria de Léon e o mais prático Robert) chega ao ponto de afirmarem, não só um regresso às formas e imagens da cidade tradicional mas, um completo regresso à pré-industrialização, na consideração de que esta última é a culpada da destruição das cidades como representação da inteligência e cultura humana[78].

Desta forma, Léon parece ainda levar mais longe a frase de Montes, negando não só o modernismo como recuando sobre toda a cidade industrial, num regresso a uma "*pre-industrial city (…) excluding the mechanical means of transport*" (Krier, 1984: 43). Conjuntamente com Maurice Culot, Léon divulga estas ideias em publicações como a *Archives d´Architecture Moderne* e a *Declaração de Bruxelas*. Defendem igualmente a importância do restauro e da reabilitação, não só no sentido genérico contemporâneo, mas em mais uma defesa radical de que um dos principais deveres dos arquitectos é o de não construir, em protesto às transformações provocadas pela industrialização[79].

Em Robert, irmão de Léon, provavelmente também pelas lógicas dos condicionalismos práticos de realizar em obra os seus projectos, as posições são bem menos extremas. Formalizando por convicção um regresso ao modelo tradicional

---

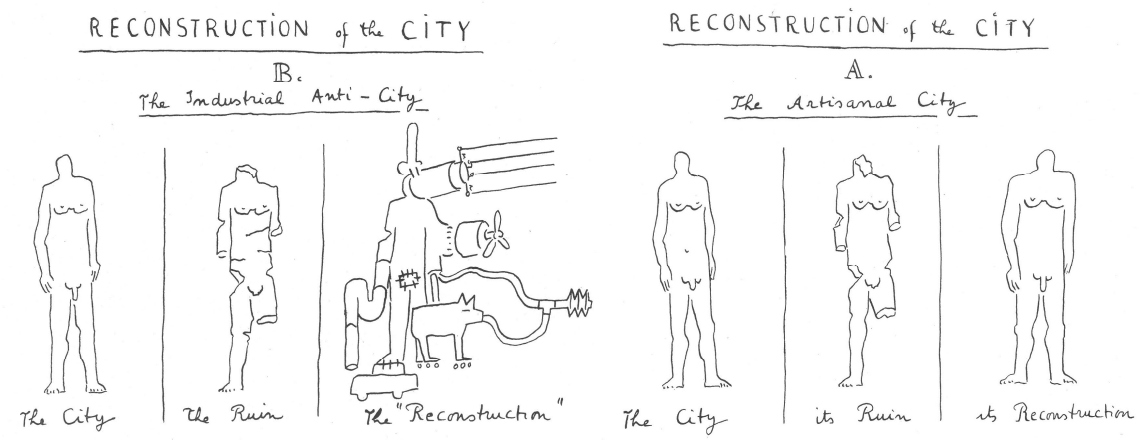
seguinte: embora a divisão da cidade em esfera pública e esfera privada, elementos primários e área-residência, tenha já sido várias vezes indicada e proposta, não teve nunca, contudo, a importância de primeiro plano que merece.

Esta divisão está intimamente relacionada com a arquitectura da cidade, visto que esta arquitectura é parte integrante do homem; é a sua construção. A arquitectura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de factos novos e antigos. O elemento colectivo e o privado, sociedade e indivíduo, contrapõem-se e confundem-se na cidade, que é feita de tantos pequenos seres que procuram uma sistematização e, juntamente com esta, um pequeno ambiente para si mais conveniente ao ambiente geral" (Rossi, 1966: 24-25) [s.i.].

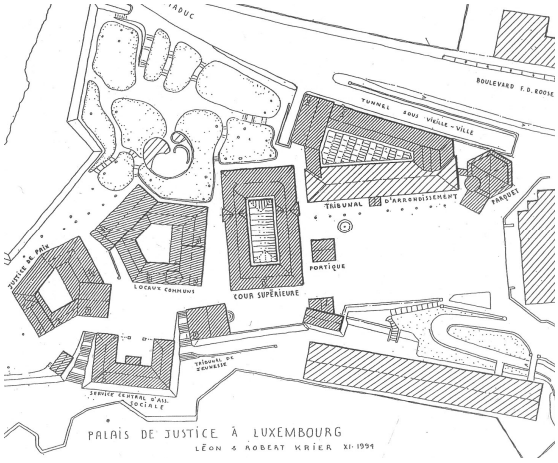
[77] Montes, Fernando, cit. por Lamas, 1992: 387.

[78] "*Industrial production, that is, the extreme development of productive forces, has destroyed in less than two hundred years those cities and landscapes which had been the result of human labour, intelligence and culture. Industrialization of building must be considered as a total failure. (...) It has not reduced the cost of construction; it has not shortened the time of production. It has not created more jobs. (...) It has on the contrary destroyed a millenary and highly sophisticated craft. (...) craftsmanship as an autonomous culture has been destroyed by the industrial and social division of labour*" (Krier, 1984: 36).

[79] "*The challenge of our generation is to refuse to build now. To protest against the transformation and destruction of the cities (…) We have now to recognize the absolute value of the pre-industrial cities, of the cities of stone*." (Krier, 1984: 38).



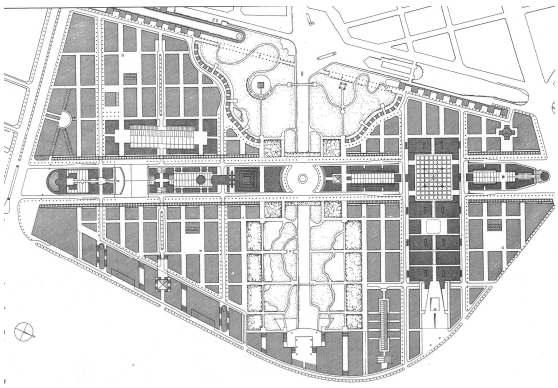
68. A reconstrução da cidade pela industrialização (a direita), e pelo artesanato (a esquerda), segundo Léon Krier.



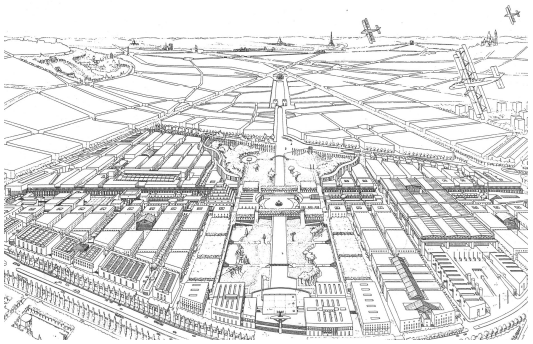
69. Projecto para o Palácio de Justiça de Luxemburgo, de Robert e Léon Krier.



70. Fotografia do Palácio de Justiça de Luxemburgo.



71. Planta da proposta de Léon e Robert Krier para La Vilette.



71. Perspectiva da proposta de Léon e Robert Krier para La Vilette.

em clara oposição à alternativa modernista[80], aceita não só as técnicas de construção actuais como a inevitabilidade do automóvel.

As formas urbanas das suas primeiras propostas, como a da reconstrução dos bairros destruídos pela guerra em Stuttgart (1974), demonstram um retorno aos cânones de composição e imagem da cidade oitocentista com seus quarteirões fechados. No entanto, e sem deixar de se referenciar recorrentemente à importância da recuperação de uma clara distinção e demarcação entre espaços públicos e privados, a partir da década de 80 verifica-se já uma desdensificação da imagem do quarteirão, com rupturas na continuidade periférica do edificado. Deixando entrever os espaços residenciais privados no seu interior, denota um processo semelhante ao verificado na alínea 2.4.1 sobre o Plano de Amesterdão Sul. Em projectos como o do bairro Rauchtrasse em Berlim de 1980 ou o do ordenamento do centro de Amiens em 1984, verifica-se já esta diferente abordagem, aproximando-o de interpretações mais contemporâneas como as que serão abordadas na alínea seguinte.

Mais uma vez encontrando um exemplo que, pela quantidade e reflexão teórica associada, permite alargar a análise para além destes contextos mais pontuais, valerá a pena examinar brevemente a extensa expansão recente de algumas cidades espanholas.

Dentro de um contexto mais geral registrado no livro *1979-1989, 10 anõs de planeamiento urbanístico en España*[81]; a sua concretização efectiva no que diz respeito aos novos tecidos urbanos, baseia-se num explícito "*distanciamiento respecto a la ciudad de bloque abierto construida a lo largo de las décadas de los 60 y 70*" (Hernández-Aja; Lucio, 1995: contracapa). Face a este afastamento "*la referencia formal y la intención urbanística son claras: la recuperación de las características morfológicas, paisajísticas e funcionales de la ciudad clásica […e…] la utilización de trazados reticulares, manzanas cerradas, patios de manzana privados, calles de sección tradicional*" (ibidem).

Da quantidade significativa de exemplos produzidos um pouco por toda a Espanha[82], interessará reter dois aspectos particulares face ao objectivo de reaprender a desenhar/projectar espaços exteriores privados residenciais em contexto de habitação colectiva.

O primeiro, a efectivação na realidade construída do pressuposto teórico segundo o qual:

[80] "*Publicado em 1975, L´Espace de la Ville, de Robert Krier, resumia alguns anos de investigação na Universidade de Stuttgart sobre as morfologias urbanas tradicionais. (…) Robert Krier afirmava uma grande admiração e entusiasmo pela cidade europeia, «tal como se ia configurando antes de sua desagregação motivada pela urbanística moderna», e uma crença inegável e sincera no desenho urbano como processo de resolução dos problemas da cidade*" (Lamas, 1992: 427).

[81] *MOPU (Ministerio de Obras Públicas y Urbanismo) Madrid: Centro de Publicaciones del MOPU, 1989.*

[82] Só em Madrid, ao abrigo do *Plan General de Ordenación* Urbana, são construídas em apenas oito anos (entre 1985 e 1993) mais de 63000 habitações.

"la recuperación del parcelario (original o procedente de los procesos de reparcelación) atiende a la conservación y expresión física pertinente de sus límites y formas. Operación indisolublemente unida a la imprescindible distinción entre los espacio libres de dominio, uso y conservación públicos (el espacio público propiamente dicho) y los espacios libres de dominio, uso y conservación privados o comunitarios (jardines o patios de manzana ajardinados correspondientes a una colectividad de propietarios determinada)" (Hernández-Aja; Lucio, 1995:17) [s.i.].

O segundo, o das relações que esta concretização estabelece com a forma urbana e arquitectónica de cada um dos quarteirões. Na generalidade esta *expresión física pertinente de sus límites y formas*, obtém-se pelo recurso a uma extensa, e quase ostensiva, ocupação periférica do quarteirão. Esta não consideração por alguns dos aspectos que o modernismo introduziu, conduz alguns à leitura de um excessivo formalismo e nostalgia, face à generalização das *manzanas cerradas*. Num texto crítico a esse processo Marti Arís deixa claro aquele que considera ser "*sin embargo, su principal límite* [que] *es hacerlo con la mirada puesta en los valores de la* ***ciudad ochocentista***" (Arís, 1995: 259) [sub. orig.]. Isto é, nesta excessiva *mirada*, as ruas surgem secas, duras e estéreis face à produção de quarteirões massivamente construídos em toda a sua periferia, em muitos casos objecto de um único projecto, com o objectivo de transformar os fragmentados espaços de logradouro em um grande espaço colectivo privado no centro, para usufruto dos moradores deste *edifício-quarteirão*[83].

Se, como acima também se pode verificar (exemplo A, pág.36), este encerramento pode promover uma mais eficaz expressão da intimidade possível de praticar nos espaços exteriores[84], não deixa de atribuir ao espaço público uma situação de quase encarceramento e constrangimento, difíceis de tolerar por alguns face à permanência da validade de alguns valores modernistas.

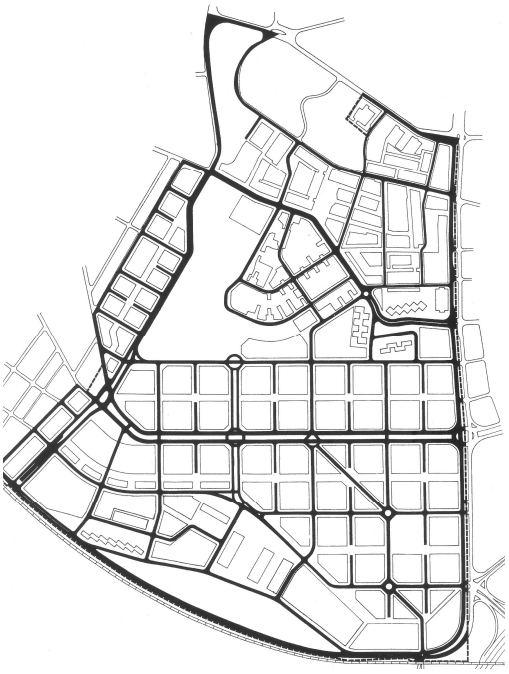
Assim, retomando Arís, se este reconhece que esta extensa experiência espanhola, "*representa un paso adelante indiscutible en la línea de superar la marginalidad de algunos sectores residenciales precedentes y dotar la periferia metropolitana de un grado mayor de reconocibilidad*" (1995: 259),

"los intentos de aplicar, de un modo inmediato y lineal, ciertos procedimientos compositivos típicos de los ensanches clásicos a las localidades periféricas, que carecen de los recursos derivados de la centralidad urbana y de la compacidad volumétrica, tropiezan con graves dificultades que pueden llegar a cuestionar la coherencia del modelo" (idem: 261).

Quer pelas novas exigências, quer pela necessidade de preservação dos valores que o modernismo introduziu e que interessará preservar, acrescenta que resultados mais eficazes e coerentes poderiam vir da consideração conjunta desta "*recuperación de la forma urbana clásica*, com o "*interpretar la realidad y los problemas de la ciudad actual a la luz de la* ***experiencia moderna*** *y de la propia* ***cultura de la periferia***" (Arís, 1995: 259) [sub. orig.].

[83] "*la manzana – y en concreto su corazón, el espacio central ajardinado – se convierten en el centro de la composición y del organigrama funcional del conjunto" (Lucio, 1995: 42).*

[84] "*La privacidad familiar o en todo caso comunitaria (que se asegura homogeneidad y control en el perfil y desarrollo de las relaciones sociales) supone un atractivo muy superior a la continuidad de un espacio público sin restricciones de uso y acceso*" (Lucio, 1995: 76).



73. Plano de expansão da região de Palomeras, Madrid.



74. Fotografia da expansão da região de Palomeras, Madrid



75. Fotografia da expansão da região de Vallecas, Madrid



76. Fotografia da expansão da região de Vallecas, Madrid

Aliás, algo semelhante ao que refere sobre o mesmo aspecto Andrade, sobre a possibilidade de uma maior pertinência para a contemporaneidade na fusão entre "***experiência moderna*** *e a* ***permanência clássica***" (2004: 52) [sub. orig.], ou às próprias dúvidas de Ramon Lúcio[85].

Assim, em suma, se parece aqui possível identificar aspectos importantes no reaparecimento e inequívoca expressão dos espaços exteriores residenciais, estas experiências, mais referenciadas à cidade oitocentista do que a uma reinterpretação crítica conjunta do modelo e do contra-modelo, terão que ser devidamente ponderadas naquilo em que podem concorrer para os objectivos deste trabalho. Face a posturas algo excessivas (no exemplo espanhol) ou mesmo radicais (nos casos de Léon Krier e Culot), que merecem de outros autores comentários sobre a *retórica ou carácter cenográfico*[86], sobre a sua *ingenuidade cultural* e *utopia*[87] ou sobre a sua inadequação às realidades actuais:

> *"nosso mundo, nossos modos, nossas técnicas e nossa economia transformaram-se consideravelmente para que esse retorno desesperado à formas urbanas antigas seja viável e aberto para o futuro, mesmo que fantasiado de arquitectura moderna*" (Portzamparc, 1997: 40).

[85] *"no estaremos ante una mera mutación formal relativamente vacía de contenido, incluso dudosa en cuanto a las desventajas que, frente al bloque lineal clásico presentan: menor homogeneidad en las calidades de la iluminación, soleamiento, vistas, etc.*" (Lucio, 1995: 79).

[86] "*Mas a solução não está na recuperação – seria demasiado fácil, retórica ou cenográfica, como se tem vindo a notar nos últimos anos de pós-modernismos, mesmo por cá"* (Portas, 1987: 114).

[87] "*I continue to be astonished by the cultural ingenuousness of its propounders.*" (Rowe, 1984: 7); "*For Léon Krier, with his genuine simplicity, has accomplished the unlikely act of restoring Utopia. No doubt a very miniature and limited Utopia it is.*" (Rowe, 1984: 8).

As polarizações mais extremas revistas na alínea anterior parecem não deixar de ser consequência do fervor revolucionário, emocional e ideológico associados às várias tomadas de posição de "cada um dos lados da barricada". Ou ainda a simplificações, ainda que simbólicas como as da "morte da arquitectura moderna" de Jencks, contrariada facilmente pela percepção, para o bem e para o mal, de que as propostas modernistas estão ainda bem vivas[88].

Neste contexto, um conjunto de autores parece orientar-se por uma proposta intermédia, por uma "terceira via"[89], pela procura do "melhor dos dois mundos", colocando-se equidistantes, e procurando o equilíbrio, entre as reconhecidas mais-valias do modelo tradicional e as inegáveis vantagens introduzidas pelo contra-modelo modernista. Ao invés de defender taxativamente um modelo e ignorar, ou remeter ao esquecimento, o outro, aceitam e trabalham sobre a coexistência de ambos, até pela verificação de que as nossas cidades são, de facto compostas por misturas indestrinçáveis, em vários graus e escalas, dos dois modelos.

Em *Collage City* de 1978, Colin Rowe assume claramente esta abordagem, reconhecendo explicitamente que a composição das cidades contemporâneas é resultado da sobreposição complexa de ambos os modelos. Apesar de se permitir verificar, através das relações figura-fundo da *gestalt*, que um é o inverso do outro[90], sugere que a escolha não deve ser pela exclusividade de nenhum deles, mas sim pelo ponderado e cuidadoso estudo das qualidades de ambos[91].

> *"In any case the question at this point is not so much whether the traditional city, in absolute terms, is good or bad, relevant or irrelevant, in tune with the Zeitgeist or otherwise. Nor is it a question of modern architecture´s obvious defects. Rather it is a question of common sense and common interest. We have two models of the city. Ultimately, wishing to surrender neither, we wish to qualify both. For in an age, allegedly, of optimal latitude and pluralist intention, it should be possible at least to plot some kind of strategy of accommodation and coexistence*" (Rowe, 1978 :66) [s.i.].

Rowe não chega a elaborar soluções concretas, mas refere-se a uma ponderação entre modelos quando constata que:

[88] *"En cierta medida, las premisas teóricas que están en la base de las propuestas del Movimiento Moderno no han sido superadas y siguen apareciendo como aspiraciones en el debate actual sobre la ciudad*" (Arís, 1995: 260)

[89] *Quase parafraseando a "Ville Age III" de Portzamparc*

[90] *the typical format of the traditional city which, in every way, is so much the inverse of the city of modern architecture that the two of them together might, sometimes, almost present themselves as the alternative reading of some Gestalt diagram illustrating the fluctuations of the figure-ground phenomenon. Thus, the one is almost white, the other is almost all black; the one an accumulation of solids in largely unmanipulated void, the other an accumulation of voids in larder unmanipulated solid*" (Rowe, 1978 :63).

[91] Sobre modelo tradicional diz: *"in spite of its obvious defects, to notice very briefly the apparent virtues of the traditional city: the solid and continuous matrix or texture giving energy to its reciprocal condition, the specific space; the ensure square and street acting as some kind of public relief valve and providing some condition of legible structure" (Rowe, 1978 :63). Quanto ao modernista reconece as vantagens e "defensible presuppositions of modern architecture, light, air, hygiene, aspect, prospect, recreation, movement, openness*" (Rowe, 1978 :63).

"…is quite simply to say that the absolute spatial freedoms of the ville radieuse and its more recent derivates are without interest; and that, rather than being empowered to walk everywhere-everwhere being always the same –almost certainly it would be more satisfying to be presented with the exclusions – wall, railings, fences, gates, barriers- of a reasonably constructed ground plane" (Rowe, 1978: 68) [s.i.].

Ao cruzar as duas citações de Rowe, é possível retirar da análise deste autor a consideração da possibilidade de uma *coexistência pacífica* de uma forma urbana que atenda aos valores modernistas de luz, ar, espaço, verdura, higiene, aspecto, movimento, abertura, perspectivas longínquas, composição volumétrica,… em articulação, ao nível do plano do chão, com uma clara, inequívoca e contínua delimitação entre espaços de uso público e espaços de uso privado, na sequência do que acima se referiu a partir de Jacobs, Alexander e Chermayeff.

Nuno Portas é outro autor que se pode incluir neste grupo que argumenta sobre as vantagens da consideração conjunta de tradicional e modernista. Estruturando o seu influente texto de 1987[92] numa análise do *modelo tradicional ou casamento canónico* e do *contra-modelo modernista ou o divórcio*, conclui com a apresentação do *modelo alternativo ou a união livre*.

Fixando-se "*numa tentativa de revisão dos conceitos correntes do espaço exterior e de edificação, e das suas relações tão profundamente rompidas* (…) *pelo urbanismo e arquitectura moderna*", levanta três hipóteses de abordagem à consideração das formas urbanas deste modelo alternativo:

"A primeira (…) *é a de que* (…) *os edifícios não devem continuar a ser concebidos como o positivo num espaço livre negativo, tal como o sistema viário não deverá manter o estatuto de independência da forma edificada*" (Portas, 1987: 115) [s.i.].

"A segunda hipótese é a de que (…) não é o edifício singular a unidade relevante, mas sim a edificação, ou seja, conjuntos de unidades mais extensos ou repetidos que mantenham, com o espaço público e os espaços privatizáveis, uma relação constante e com significado claro para os moradores ou passantes. (…) Ao optar pela maximização do perímetro, volta a encontrar-se o paradigma do "quarteirão" sob as múltiplas formas, mais fechadas ou mais abertas, que permite, inclusive a recuperação da "moradia" como forma altamente apropriável e de máximo contacto com os espaços adjacentes. (…) a incidência do espaço público que o serve, e de logradouros que o complemente" (ibidem) [s.i.].

"A terceira hipótese é de que as novas formas urbanas se podem reconciliar, em termos económicos, com espaços exteriores mais apropriáveis pelos moradores (para jardinagem, horticultura e recreio, reduzindo a pressão para a segunda residência)" (ibidem) [s.i.].

José Lamas, no contexto do estudo que desenvolve durante o seu doutoramento, recupera a organização das formas tradicionais como contendo uma função estruturadora do espaço urbano, no entanto deixando clara, no que remete para a alínea anterior, a necessidade de se evitar cair no erro da banalização[93] pela

[92] «Conceitos de Desenvolvimento Urbano»; in Jornal Arquitectos; Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses (Ordem dos Arquitectos) Nº 56 e Nº 57, Abril/Maio de 1987.

[93] *"A reconstituição da forma urbana tradicional, proposta nestes últimos anos, também não se pode tornar uma vulgata do desenho para qualquer parte da cidade, como se tratasse de um pronto-a-vestir de utilização em todo terreno. Correr-se-ia o risco de «matar o doente com o abuso da terapêutica» e seria insensato esquecer as*

mera recuperação de seus "feitios"[94]. Mas, mais ainda, é absolutamente explícito na sua consideração articulada entre os dois modelos, quer na análise[95], quer na síntese[96], pois "*no mais, certas combinações entre quarteirões, blocos e até torres poderão revelar-se extremamente ricas e significativas para a organização da cidade*" (Lamas, 1992: 537).

Não sendo o tema central da sua investigação, Lamas não chega a aprofundar as condições desta síntese, ou as condições em que é possível transportar esta informação teórica para o estirador, para o acto de projectar, para a sua tradução específica em desenhos específicos. Mantendo também algumas defesas outros autores como Christian de Portzamparc, Carlos Martí Arís ou Álvaro Andrade, avançam algo mais, sugerindo possíveis abordagens aos factos concretos do contra-modelo modernista e dos seus edifícios isolados no contexto contemporâneo. Isto é, sugerindo pistas para um dos objectivos deste trabalho: como operar sobre os tecidos já existentes no sentido da consideração da inclusão de espaços exteriores residenciais.

Portzamparc expõe sua visão sobre a morfologia urbana da cidade contemporânea na conferência *Ville Âge III* em 1993 no *Pavillon de L´Arsenal* em Paris. Esta *terceira idade* da cidade refere-se, em termos gerais, ao reconhecimento de uma primeira onde se pode englobar toda a pré-modernista, uma segunda definida pela radical revolução referenciada à Carta de Atenas, fundada sobre a inversão da primeira[97], e uma terceira relativa a uma hipótese sobre a situação contemporânea, sobre a qual se propõe discorrer. Nesta,

> *"não somente estamos (…) face a territórios duais, contraditórios, marcados pelas duas Eras precedentes, mas também nossa cultura e nossa bagagem teórica estão marcadas por esta dupla herança, sem que uma nova síntese tenha acontecido*" (Portzamparc, 1997: 40). [s.i.].

---

contribuições da urbanística moderna, que constituíram esforço considerável do pensamento criativo na equação dos problemas urbanos e habitacionais e nas condições de vida dos habitantes" (Lamas, 1992: 537).

[94] "*A reflexão crítica e até a própria experimentação das formas tradicionais permitirão concluir que o que deverá ser procurado não são os «feitios» ou imagens exteriores, mas a relação dialéctica entre os diferentes elementos morfológicos, entre as estruturas formais e as organizações distributivas*" (Lamas, 1992: 538).

[95] "*deverá abordar alguns vectores a lançar no debate disciplinar: o primeiro, será a redescoberta e continuidade com a urbanística formal da primeira metade do século XX, que permitirá numerosas achegas à reflexão actual, tanto mais que já nesse período se defrontavam questões próprias do século XX; o segundo, será o aprofundamento da reflexão crítica sobre a cidade moderna, como atitude cultural inteligente, banindo a recusa simplista*" (Lamas, 1992: 536).

[96] "*Com efeito, a estratégia de reconstituição da forma urbana, como o contexto possível para uma civilização e cidade significativas, dispõe hoje de um conjunto diversificado de morfologias. Entre essas possibilidades contam-se também as tipologias das torres, bandas e blocos, isolados e livremente dispostos no terreno, tal como foram inventados pelos CIAM e pelo Movimento Moderno, e que não podem ser banidos do vocabulário do desenho urbano, sob pena de um empobrecimento formal e projectual da própria cidade*" (Lamas, 1992: 537).

[97] *"a 2ª Era está fundada sobre uma inversão ou, para ser mais preciso, uma reversão da visão de espaço, da topologia segundo a qual foram considerados os cheios e os vazios que formam a cidade da 1ª Era.* (…) Esta reversão topológica é essencial. É ai que se origina toda a transformação, a oposição entre a primeira e a segunda Era. E, curiosamente, este esquema não se apresentou de modo explícito, concebido como tal: começamos a pensar segundo os objectos, como antes pensávamos segundo o esquema da rua, tão natural que era este esquema da rua na 1ª Era que não foi necessário enuncia-lo, que imaginávamos consubstancial à própria ideia de cidade" (Portzamparc, 1997: 38) [s.i.].

Sem o objectivo de elaborar um modelo para abordar a cidade da terceira era[98], Portzamparc, centrando o discurso nas questões da forma urbana, sugere a hipótese de elaborar um híbrido entre os dois modelos a que chama de *îlot ouvert* ou quarteirão aberto. Nele sugere uma ponderação do paradigma do edifício isolado modernista através das regras compositivas e da delimitação entre o público e privado do modelo tradicional.

> *"Se a cultura arquitectónica moderna é esta dos objectos, qual pode ser a cidade destes edifícios isolados? Como eles são separados? Existe uma qualidade do espaço intermédio? É possível reencontrar a universalidade da forma-rua nesta época dos objectos isolados, ou será necessário, sobre este particular, alinhar-se com a 2ª Era que elimina a rua corredor? (…)*
>
> *A quadra definiu a repartição entre o cheio e o vazio, a relação entre o edifício e a cidade. É preciso redefinir estas relações. É esta indagação que me conduziu ao esquema de quadra aberta, o qual sintetiza, em uma única forma, esta dupla herança da 1ª e da 2ª Eras. A quadra aberta permite reinventar a rua: legível e ao mesmo tempo realçada por aberturas visuais e pela luz do sol. Os objectos continuam sempre autónomos, mas ligados entre eles por regras que impõem vazios parciais. Formas individuais e formas colectivas coexistem. Uma arquitectura moderna, isto é, uma arquitectura relativamente livre de convenção, de volumetria, de modenatura, pode desabrochar sem ser contida por um exercício de fachada imposto entre duas paredes contíguas.*
>
> *As fachadas externas deslocam-se com alternância, constituindo uma atmosfera densa e íntima. Os espaços vazios, os intermédios, dão lugar a terraços privativos que permitem passar a luz e o olhar"* (Portzamparc, 1997: 47) [s.i.].

Para Portzamparc, além dos edifícios isolados fazerem parte da cultura arquitectónica actual, a não contiguidade das construções é essencial para se reforçar a pluralidade onde cada edifício pode ser feito por um arquitecto diferente, e simultaneamente não impedir a implantação de edifícios de arquitecturas futuras[99].

A posição deste autor, na organização dos "objectos" modernistas pelas regras de organização dos quarteirões é partilhada por Carlos Martí Arís no texto onde analisa criticamente a *recuperación de la forma urbana clásica* nos novos ensanches da periferia de Madrid. Referindo a necessidade de se reflectir de uma forma crítica e operativa sobre as componentes do modelo tradicional[100], através de uma visão mais abrangente do edificado que compõe o quarteirão[101], onde este não se opõe ao bloco mas, pelo contrário, pode integrá-lo e regrá-lo:

---

[98] "*Dependendo do lugar, a 3ª Era apresenta uma cidade a decifrar, a inventariar, a reciclar, mas também a inventar, a criar. Trata-se de cruzar lógicas e pensamentos diferentes em função dos bairros específicos"* (Portzamparc, 1997: 45).

[99] *"Edificações, objectos, diferentes, separados. Elas são a cultura arquitectónica de hoje. Retornar à parede-meia das edificações antigas nos bairros novos significa impedir a arquitectura moderna de existir. Sem dúvida, devemos pacificar, criar praias de calma, reencontrar a homogeneidade. Mas em todo lugar onde a extrema diversidade instalou-se e onde novas arquitecturas virão, é preciso se colocar a questão: como um todo poderá nascer de partes tão contraditórias?"* (Portzamparc, 1997: 45) [s.i.].

[100] *"Los grandes arquetipos de la forma urbana (calle, plaza, manzana, etc.) tienen una inagotable energía potencial, pero es preciso repensarlos en cada período histórico y redefinirlos a partir de su dimensión abstracta (…) nos damos cuenta de que, en la ciudad contemporánea, el concepto de manzana es susceptible de encarnar nuevos valores y que nos corresponde a nosotros averiguar y desarrollar las formas arquitectónicas que esa mutación lleva implícitas*" (Arís, 1995: 262).

[101] "*pueden ser edificios perimetrales o lineales, agrupaciones en tapiz o casas en hilera, bloques o torres: todos ellos son posibles ingredientes de la manzana entendida ya no como forma cerrada y homogénea sino como unidad residencial compleja y delimitada que resuelve la mediación entre edificio y ciudad. Dicho de otro modo, la manzana, en la ciudad actual, no tiene por que oponerse al bloque ni excluirlo, sino que puede muy bien integrarlo, disciplinándolo a una regla más general de construcción de la ciudad*" (Arís, 1995: 262) [s.i.].

"La ordenación abierta a base de bloques y otros tipos edificatorios afines, ha fracasado cuando la implantación se ha hecho de un modo aleatorio y careciendo de elementos de vertebración urbana, cuando se ha desatendido la delimitación entre espacio público y espacio privado, cuando no se ha establecido, a través de la huella parcelaria, un criterio claro de caracterización o demarcación del suelo. Un concepto más amplio y abstracto de manzana habría de servir para corregir todas esas carencias, sometiendo la edificación abierta, semiabierta o cerrada a un orden arquitectónico que, siendo reconocible, fuera menos esquemático que el de la ciudad ochocentista y no renunciara a la variedad tipo-morfológica que se deriva de la experiencia moderna. Tal vez entonces estaríamos más cerca de una solución acorde con las formas de vida propias de la realidad metropolitana" (Arís, 1995: 262) [s.i.].

Por aqui Arís defende um conceito mais amplo do quarteirão, onde demarcações claras do cadastro limite das parcelas organizariam a coexistência e a *sedimentação* de diferentes edifícios e formas, sejam elas perimetrais contíguas ou isoladas, como as do contra-modelo modernista. Nesta delimitação o autor salienta ainda a importância da demarcação do cadastro na caracterização e separação dos espaços livres públicos dos privados.

Questões semelhantes são ponderadas na dissertação de mestrado de Álvaro Andrade (2004)[102]. Focado nas hipóteses de reencontrar um reequilíbrio entre os espaços livres públicos e privados, analisando a pertinência de uma "união de facto"[103], conclui pela hipótese contemporânea da pertinência de um quarteirão "*visualmente aberto mas estruturalmente fechado (que) poderá conjugar a gestão do «sol, espaço e verdura» com a recuperação mais integral do genoma da cidade clássica*" (2004:226). Isto é:

"com construção periférica não contínua, em blocos de percepção livre; mas ligados, amarrados, atados... por uma substância concreta (o Vazio como Forma de Fernando Távora – v.g. nota de rodapé b, pág.3), um espaço perceptível, identificável, inteligível e conceptualizável, privatizável e apropriável – o logradouro colectivo, o espaço exterior de uso privado, da habitação colectiva.

Um espaço que, na sua capacidade de ser percebido pelo «homem da... "rua"» como contínuo, entre determinados limites (definidos pelos edifícios e pelos elementos morfológicos acessórios (muros, portões, grades, sebes, treliças, diferenças de cota...), agregue e torne coesos esses blocos livres, diferenciado-os da entidade, quarteirão, seguinte" (Andrade, 2004:225).

Em Andrade, sendo inequívoca a afirmação da necessidade do "Espaço Público à cabeça" (2004:224ss.), esta hipótese dos quarteirões da "união de facto", *visualmente abertos mas estruturalmente fechados*, define-se sobre a possibilidade de, reencontradas a medida e a estrutura certa para esse Espaço Público[104], se recuperarem de novo, como objecto de projecto de habitação colectiva, os espaços exteriores privados residenciais.

[102] *Espaços exteriores de uso privado ao nível do solo em habitação colectiva*

[103] A partir do reforço da noção de "união livre" de Portas em 1987

[104] *"Entre a muito reduzida dotação de espaços Públicos que ainda se verifica nos centros tradicionais de algumas cidades, e os estilhaços da explosão modernista que os fez desaparecer em absoluto, pois verificou-se que com o desaparecimento dos Privados desapareceram também os públicos Públicos, estará ainda por investigar e encontrar o ratio adequado à nossa contemporaneidade"* (Andrade, 2004: 225) [s.i.].

Verificando as perdas associadas ao desaparecimento de espaços privados[105], pensa a possibilidade de se instalarem, nos quarteirões assim definidos, fenómenos de territorialidade e apropriação, que não só se constituam como um efectivo e qualificado complemento do habitar entre quatro paredes, como permitam recuperar a noção do *Espaço Privado como componente fundamental da própria noção de Espaço Público*: "*ajudando a esclarecer o espaço privado, por oposição, contribui-se para precisar a significação dos espaços públicos*"[106].

O que se permite verificar aqui, como síntese das reflexões teóricas examinadas, é não só a condição que dá nome ao título desta alínea, de uma aproximação, de uma conjugação, da hipótese da coexistência pacífica entre os dois modelos, mas também que a sua efectivação pode conduzir ao alargamento e enriquecimento do vocabulário formal e espacial com que os arquitectos definem as formas arquitectónicas e urbanas em sede de projecto.

E igualmente, de importância central para este trabalho, a constância do reconhecimento da importância da necessidade de recuperar os espaços exteriores privados residenciais. Quer para a construção de uma *terceira via*, do *modelo alternativo da união livre*, ou de facto, de uma *ville âge III*, quer como definição de um espaço de extensão qualificado e apropriável em contextos de habitação colectiva.

O cruzamento destes dois parágrafos parece também ser fundamental à definição de uma grelha de análise, ainda que mais abrangente e conceptual, no sentido em que alguns textos e opiniões parecem colocar em causa a validade deste problema como um problema de arquitectura. [importa voltar a isto na conclusão cruzando o que neste ponto se dizia com a evidência de que nos exemplos estudados esses espaços são matéria de projecto para os arquitectos, e que em Amesterdão Sul ou no May eles são efectivamente objecto de tratamento e questionamento nos projectos que são desenvolvidos] Isto é surgem dúvidas, mais ou menos explícitas, de que questões semelhantes às que aqui se tratam, e que se poderiam correlacionar com as questões e problemas de implantação, e do que destes remete simultaneamente para a forma urbana e para a forma arquitectónica, não devam, sequer, ser abordados por arquitectos, ou quando muito apenas por aqueles que "optam pelo urbanismo".

[105] "*O desaparecimento da sua expressão física, que assegurava uma caracterização clara e inequívoca da definição morfológica dos espaços privados, e dos privilégios associados – a tradução palpável do "meu/nosso" espaço – por oposição / associação aos públicos – "espaços de todos" – arrastou consigo a impossibilidade de se estabelecerem práticas efectivas e afectivas cuja significação e simbologia não permite, ou não investe de sentido, que decorram em espaços públicos. Isto é em espaços que não se sabe a quem pertencem, e que podem ser acedidos por todos e a qualquer hora, situação ainda genericamente constante nos loteamentos de habitação colectiva entre nós*" (Andrade, 2004: 194).

[106] *SILVA, Luís Pedro (1998); Formas da Cidade Difusa; Porto: Dissertação de Mestrado, F.A.U.P. (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto), cit. in Andrade, 2004: 224.*

Mas quando, por exemplo, as relações interior/exterior, fora/dentro e o questionamento dos dispositivos espaciais e arquitectónicos que participam na construção dessas relações e transições, físicas ou simbólicas, são inequivocamente um tema central de equação quer na habitação unifamiliar, quer no equipamento, entende-se com dificuldade que não o sejam na habitação colectiva.

Em contexto algo diferente importará ainda abordar brevemente alguns exemplos práticos com características que se podem relacionar com esta reflexão ponderada entre os dois modelos.

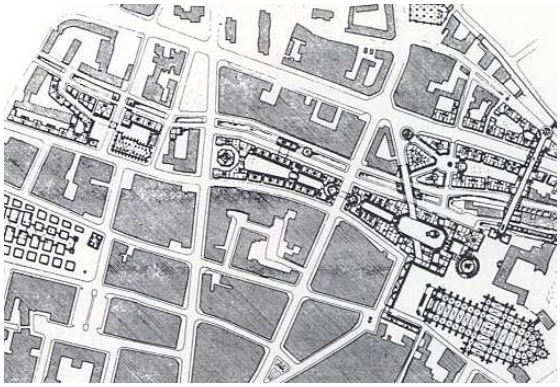
De, ou com, formas mais ou menos explícitas, estes projectos abordam a equação das formas urbanas através de uma ponderação e reinterpretação simultânea dos dois grandes modelos, pelo que presumem, ou propõem, ser as qualidades de ambos. Seja através de quarteirões mais abertos com edificação perimetral, como no projecto de Robert Krier para o reordenamento de Amiens (1984), os nos projectos de Rossi e Ungers para o IBA[107] de Berlim (1987); seja por edifícios isolados organizados dentro de um perímetro delimitado por vias, como o projecto de Robert Krier para o bairro residencial de Rauchtrasse (1984), (também no âmbito do IBA de Berlim), o projecto residencial de Francisco Mangado (1994) em Pamplona, ou ainda o projecto de Manuel de las Casas em Alcobendas, Madrid (1995), como meros exemplos.

A relação entre forma urbana e a estrutura dos espaços não construídos é, principalmente nos primeiros, muito próxima de exemplos como os dos *Hof* vienenses. Ou seja, apesar de a edificação ocorrer no perímetro do quarteirão, os espaços definidos no seu interior são "exteriores". Isto é, permanecem, à semelhança da estrutura modernista, como de irrestrito uso e acesso público.

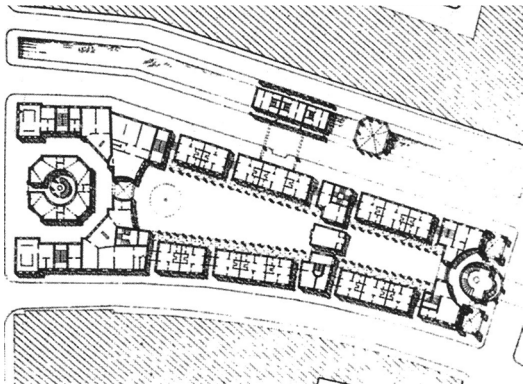
Importa assim, na articulação da análise destes exemplos práticos com o estudo dos documentos teóricos anteriores, notar a sua diferença para uma reflexão mais pela estrutura do que pela forma (com exemplo em Andrade, no quarteirão *estruturalmente* fechado, apesar de visualmente aberto). Isto é apesar de a edificação ser já de implantação perimetral e os edifícios surgirem alinhados pela estrutura das ruas, a hipótese de recuperação do quarteirão, pela ligação do construído através da explicitação de espaços privados, e consequente clarificação mútua dos públicos, não é considerado.

Sendo sem dúvida exemplos de uma hipótese de utilização conjunta dos dois modelos, os autores que se colocam num ponto de vista mais estrutural alertam para novos riscos desta consideração. Assim para Colin Rowe o livre uso e o acesso público

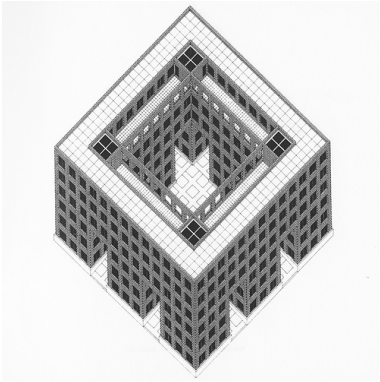
[107] IBA – *Internationale Bauausstellung* - Exposição Internacional de Construção em Berlim.



77. Proposta para o reordenamento do centro de Amiens, Rob. Krier



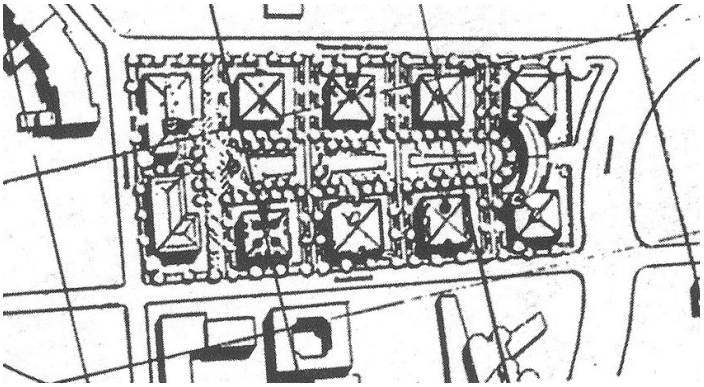
78. Planta de um dos quarteirões da proposta de Rob. Krier



79. Quarteirão projectado no âmbito do IBA de Berlim, por O.M. Ungers.



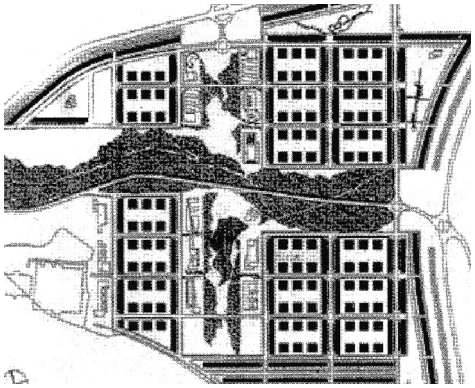
80.Pátio interior público do quarteirão.



81. Quarteirão projectado no âmbito do IBA de Berlim, por Rob. Krier.



82. Os edifícios isolados organizados e alinhados com o sistema viário.



83. Plano de uma área residencial em Pamplona, por Francisco Mangado.



84. Perspectiva actual de parte do conjunto.

dos espaços não construídos no interior do quarteirão gera uma ambiguidade problemática, que não só pode conduzir a sentimentos de insegurança como, principalmente, os define como elementos concorrenciais dos espaços públicos de referência[108]. Ou seja as ruas, praças, jardins, etc., os espaços *públicos Públicos* (Andrade, 2004)[109], correm o risco de se tornar residuais. No mínimo, face à dispersão da procura por uma maior oferta de espaço, dilui-se a concentração de indivíduos nos espaços públicos de referência.

Num outro exemplo, e dando sentido e expressão às suas considerações teóricas, Christian de Portzamparc desenvolve em 1996 o Plano para o ZAC Massena em Paris. Propõem na definição da forma urbana mais geral a implantação de uma malha ortogonal, a partir da qual se definem quarteirões que são ocupados por edifícios soltos entre si mas contíguos à via. Como plano que é, define apenas princípios de orientação para os volumes, a ocupação, o programa, as densidades, as capacidades construtivas, e algumas regras e orientações gerais para a definição da estrutura e da forma dos espaços. Deixando completa liberdade aos arquitectos que desenvolverão os projectos subsequentes a proposta garante, no entanto, a continuidade de um plano contínuo que separa as ruas e restantes espaços públicos dos espaços interiores dos quarteirões.

Para manter a densidade necessária e, ao mesmo tempo evitar a continuidade da edificação periférica, o arquitecto opta pela possibilidade de crescimento em altura, no sentido de garantir a execução de edifícios formalmente soltos entre si. No entanto, o plano determina que estes sejam "amarrados" ao nível do rés-do-chão, no contacto com os espaços públicos, com elementos complementares (muros, sebes, grades, vidros, espelhos de água... Esta articulação entre volumes "soltos" e a continuidade do plano marginal de contacto com o espaço público permitirá, segundo Portzamparc, a simultaneidade do aumento da exposição solar nas ruas, a presença visual qualificadora do verde privado nas mesmas e os elementos formais que possam

---

[108] *"La manzana perimetral, una estrecha franja de edificios que rodean un patio central – del tipo del Karl Marx en Viena – presenta inevitablemente un problema sobre lo que es privado y lo que es público. ¿Son las calles el componente principal del mundo público? ¿O son los patios? En este desarrollo, las calles y los patios existen en una relación precaria y es imposible asignar prioridad a uno de ellos. Además, en una forma de desarrollo tan dispersa en términos de sólidos y tan generosa en términos de vacíos, es fácil sospechar que las calles nunca auspiciarán la animación que presumiblemente se prevé. Y es que las calles animadas requieren una estructura de apoyo de cierta densidad, y la manzana perimetral apenas es capaz de proporcionarla. Al nivel de la calle simplemente no se puede engredar todo ese aparato de entradas, tiendas pequeñas, restaurantes, etc., que requiere una actividad próspera.*

En otras palabras, la manzana perimetral es una construcción sumamente ambigua que sólo puede plantear la cuestión siguiente: ¿pasea uno a lo largo de las calles o a través de los patios? Y yo creo que la respuesta e esta pregunta es muy simple. La ruta preferida será a través de los patios; con lo cual las calles quedarán como algo residual, vacías y escasamente capaces de llamar la atención". Citação do texto *La IBA entre res publica y res privata*, de Colin Rowe, in Igualada, 2005: 162.

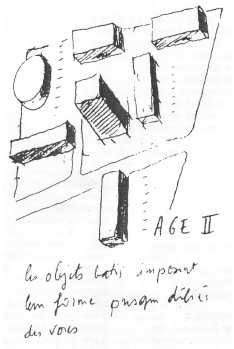
[109] *Sobre os projectos assim definidos, e com referência ao paquebot corbusiano diz Andrade, "mudou apenas, quando muito e muitas vezes de forma superficial, pragmática e tecnocrática, a forma e os modos como estes navios se encontram "atracados", isto é, a forma como o edificado se encontra relacionado com a estrutura urbana e com o Sistema de Espaços Públicos, nos tecidos que define. Terá mudado também algo a forma das "marinas". As ruas parecem mais ruas, as praças parecem mais praças, os jardins parecem mais jardins, isto é, pese podermos considerar ainda faltar caminho a percorrer, vai sendo possível identificar a concretização de pedaços «de um contínuo de espaços exteriores públicos, identificáveis, a ponto de poderem ter nome» (Portas, 1987: 17)" (2004:18).*

potenciar a apropriação residencial dos interiores de quarteirão. Esta apropriação, na sua condição de residencial, retira estes espaços de um uso concorrencial com os públicos, contribuindo, por aí, para um uso mais intenso destes últimos.

O resultado, que hoje em dia já se pode verificar, é o de um ambiente urbano diversificado, reforçado pelos ritmos dos cheios e vazios de edificado, e pelas alternâncias de transparências e opacidades no jogo entre a definição do espaço público e dos privados. Verifica-se, percorrendo as ruas que foram já construídas no contexto deste plano, níveis de equilíbrio entre o domínio público e privado da estrutura em quarteirão e a permeabilidade e flexibilidade características dos edifícios isolados do contra-modelo modernista.



86. *Le Ville Âge I*, Portzamparc



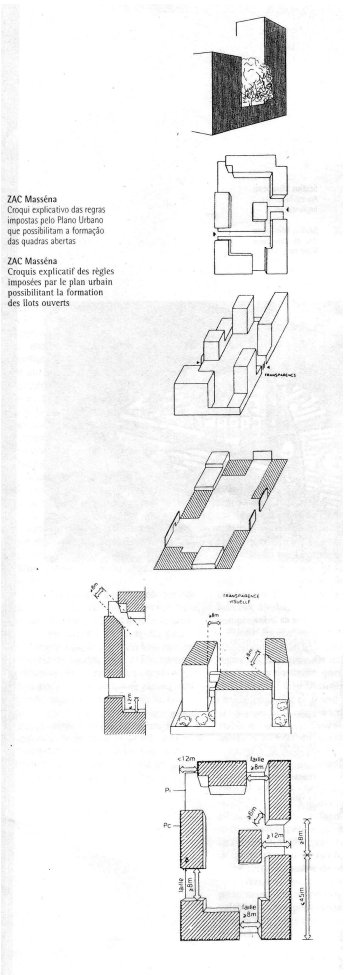
87. *Le Ville Âge II*.



85. Uma das ruas do Zac de Massena, os edifícios isolados "amarrados" por elementos complementares.



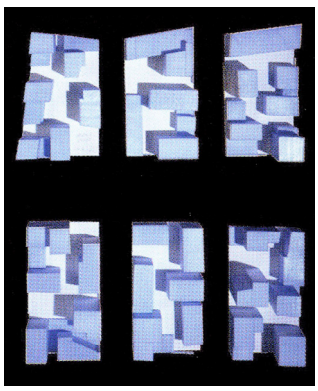
88. Um dos pontos de acesso ao interior de um quarteirão.



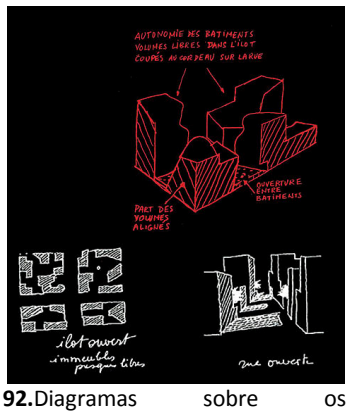
90.*Le îlot ouvert,* os edifícios isolados são organizados perifericamente alinhados com o sistema viário. Com o objectivo de manter um claro limite entre os espaços públicos e os privados, estes edifícios são amarrados entre si através de elementos complementares.



89. Um dos espaços exteriores de uso privado no interior do quarteirão.



91. Diferentes experiências para os quarteirões de massena.



92. Diagramas sobre os quarteirões.

4. Experiências de espaços exteriores na habitação colectiva holandesa e alemã nos anos 20

A reflexão crítica sobre a análise bibliográfica permitiu definir uma série de temas e critérios que se pretendia poderem ser confrontados com outras fontes documentais, em particular projectos ou obras que a possam complementar e evidenciar a partir de algumas soluções concretas.

Face ao objecto e objectivos definidos este passo metodológico elege necessariamente exemplos cujo programa seja de habitação colectiva, que apresentem espaços exteriores de uso residencial (individual e/ou colectivo), e que estes espaços sejam objecto de projecto arquitectónico articulado com o interior da habitação.

A definição destas referências teve como consequências principais duas situações, eliminar alguns exemplos previamente estudados (na medida em que progrediu a investigação sobre os mesmos) e permitir verificar uma maior diversidade do que sistematização. Reflectindo sobre esta constatação não se pôde deixar de considerar que ela é coerente com os próprios processos em curso. Isto é, o arco temporal definido caracteriza-se por um ambiente de experiência e forte indefinição de caminhos, mesmo no seio de processos mais abrangentes e sistematizados.

Não só se trabalhava sobre condições inteiramente novas na história da humanidade, como, também em consequência, era novo o contexto cultural, social e disciplinar em que se trabalhava (vários autores colocam as raízes da consideração da modernidade na arquitectura e no urbanismo em meados do século XIX – vg. Benevolo 1963 – altura em que outros identificam a génese do processo de dissolução do quarteirão – Panerai, et.al, 1986; Arís, 1991).

Assim, quer em Amesterdão, e apesar do papel orientador de Berlage (ele próprio hesitante entre a cidade-jardim na primeira proposta do plano, e a reforma pragmática da cidade tradicional na segunda), quer na obra de May em Frankfurt, é clara a quase simultaneidade temporal em que, face a olhar desta investigação, se verificam propostas com critérios e soluções diferentes. Sabe-se também da história da disciplina que o sucesso de algumas das considerações emanadas dos CIAM, obliterou estes caminhos mais diversos, não tendo permitido que se assistam a amadurecimentos destas linhas de investigação e conclusões muito definidas das várias experiências que aqui se podem encontrar.

Neste contexto centrou-se a análise dos exemplos numa evidenciação da diversidade e das várias hesitações, e na sua correspondência à grelha de análise decorrente do desenvolvimento da investigação.

Nesta, para além dos factores acima apontados (habitação colectiva, espaços residenciais, sentido de projecto desses espaços), se questionam os exemplos a partir da sua referenciação:

- à condição de lógica de mediação entre o quarteirão fechado e o bloco livre;

- à verificação da equação do projecto dos elementos de limite e transição (seja face à forma geral na relação dos espaços interiores com os públicos, com maior ou menor ênfase na continuidade do edificado periférico e, portanto, com maior ou menor aproximação a um ou outro modelo);

- consequentemente, à investigação da maior ou menor proximidade das estratégias gerais de implantação também a um ou a outro modelo;

- em articulação com os dois anteriores, a possibilidade de verificação das potencialidades de uso face às diferenças de exposição visual desses espaços a partir dos públicos circundantes, analisando fenómenos e processos espaciais de transparência ou opacidade;

- considerando-os de uma forma mais interna, abordar os diferentes limites que estabelecem entre si (particularmente quando se assiste ao uso conjunto de individuais e colectivos) e o seu contributo para estratégias mais ligadas à domesticidade ou à vida colectiva;

- na articulação conjunta dos critérios anteriores, refletir sobre o seu posicionamento relativamente às referências teóricas sobre a necessidade de uma clara, eficaz e inequívoca delimitação entre espaços com estatutos diferentes (Jacobs, Alexander e Chermayeff, Rowe, Portas, Portzamparc, Andrade);

- num sentido mais de fundo, mais abrangente e, portanto, de maior pertinência na reflexão conjunta sobre os exemplos, mais do que na sua averiguação individual, a possibilidade de permitirem reflectir sobre outro dos objectivos deste trabalho: a partir da afirmação de Lamas contribuir para a percepção de que "é através da utilização e desenho do logradouro que se faz parcialmente a evolução das formas urbanas do quarteirão até ao bloco" (Lamas, 1992).

Este projecto de Jacob Johannes Pieter Oud[110], enquadra-se nas suas propostas no papel de arquitecto da câmara de Roterdão. Neste cargo, Oud foi responsável por diversos projectos e planos urbanos voltados para a construção de habitações operárias, tais como os quarteirões em Spangen (1918), Tusschendijken (1919), o emblemático bairro de habitações em banda de Kiefhoek (1925), ou o seu último projecto de habitação colectiva como arquitecto da câmara de Roterdão na região de Blijdorp (1930), que nunca chegou a ser construído.

A área-plano, aprovada em 8 de Outubro de 1920 para 1005 fogos, define sete quarteirões rectangulares e um outro que, como é norma no moderno tradicional, se condiciona formalmente para a definição do espaço público de referência. Dos oito previstos apenas seis foram construídos, e quase totalmente destruídos nos bombardeamentos da 2ª Guerra Mundial, restando actualmente apenas parte de um deles.

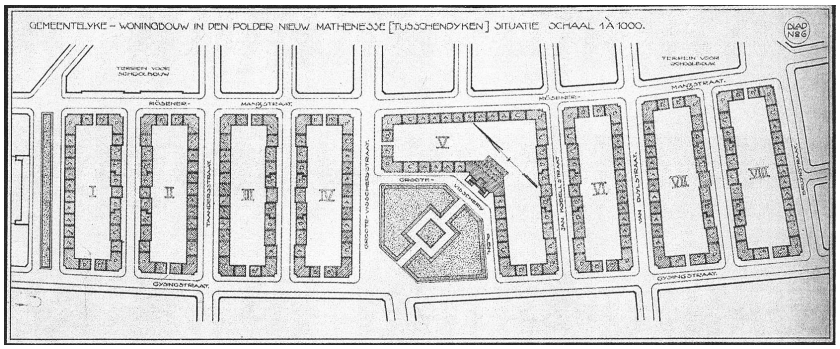
Este bairro apresenta evidentes relações com o que se fazia ao mesmo tempo em Amesterdão[111]. Assim como Berlage, Oud adopta as formas da cidade tradicional em quarteirões com edificação perimetral, contígua e contínua, relacionada directamente com o sistema de espaços públicos, que suporta e organiza os acessos aos edifícios. Como em muitos quarteirões de Amesterdão, para evitar a saturação do tecido residencial e garantir melhores condições da salubridade e higiene, é reservado na implantação um espaço significativo entre os volumes construídos.

A relação entre as formas construídas e as não construídas, públicas e privadas, também apresenta semelhanças aos quarteirões de Amesterdão. A edificação faz a mediação física entre os espaços livres exteriores e interiores, o interior não construído do quarteirão compõem-se por logradouros privados individuais (relacionados directamente com as habitações do rés-do-chão), e um grande espaço colectivo com bancos e brinquedos infantis para as crianças dos moradores.

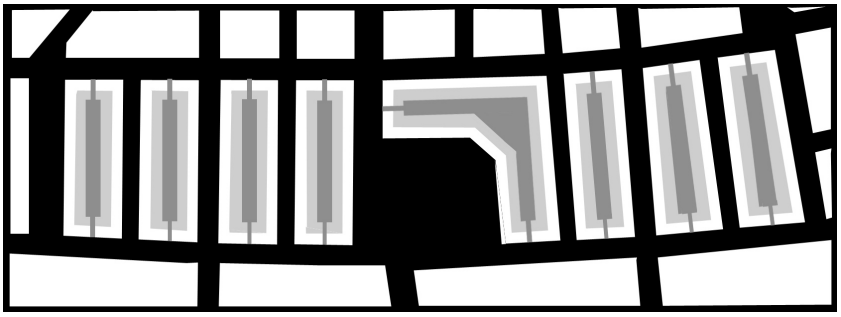
Para além das evidentes influências e semelhanças que se vêm evidenciado há no entanto uma diferença fundamental, processual, que interessa evidenciar. Enquanto em cada um dos quarteirões de Amesterdão a forma edificada é resultado

[110] Jacob Johannes Pieter Oud (1890-1963) foi um dos exponentes da arquitectura holandesa na primeira metade do século XX, sob influência do neoplasticismo do movimento *DeStijl*, e de uma amizade directa com Berlage, que não só foi um dos responsáveis pela sua formação como arquitecto mas também influenciou directamente o trabalho de Oud quando este se tornou City Architect of Rotterdam; *"Jacob Johannes Pieter Oud (1890-1963) es nombrado, en 1918, arquitecto jefe de la ciudad de Roterdam. Aunque en este periodo participa efectivamente De Stijl, en los primeros grupos de casas populares proyectadas para la administración ciudadana – Spangnen en 1918 y Tusschendijken en 1919 – se encuentran sólo pocas huellas de la poética neoplástica, como Van Doesburg no deja de reprocharle*" (Benevolo, 1960: 504);

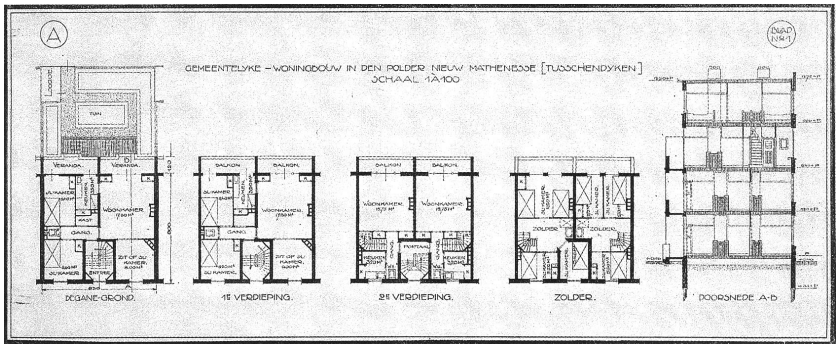
[111] "*Los bloques rectangulares de Tusschendijken, insertos en una ingrata parcelación periférica, derivan evidentemente de modelos berleguianos*" (Benevolo, 1960: 503).



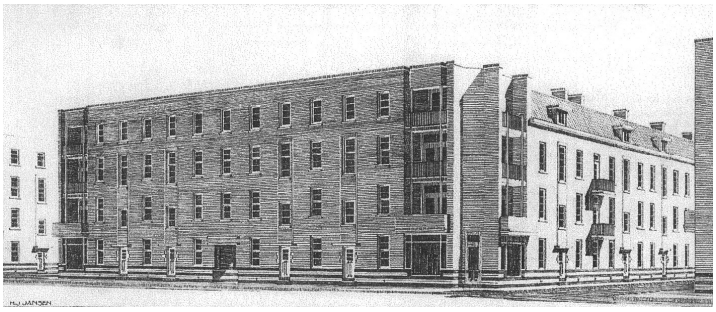
93. Planta do conjunto dos oito quarteirões projectados por Oud.



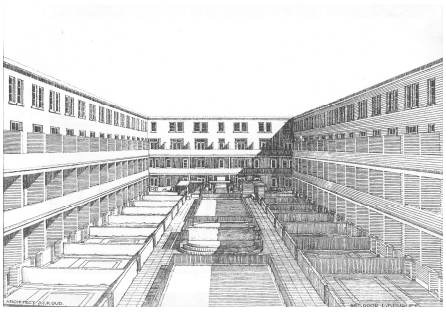
94. Preto, espaços públicos; Cinza escuro, espaços privados colectivos; Cinza claro, espaços privados individuais; Branco, edificação.



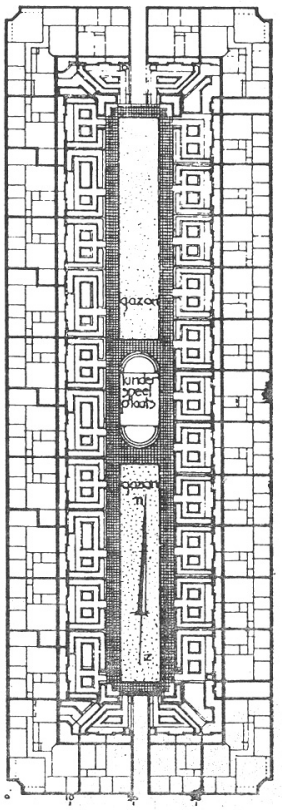
96. Plantas dos fogos, com uma circulação vertical múltipla que serve dois pisos de habitações sobrepostos por um duplex. O desenho do jardim privado individual já aparece aqui pormenorizado e articulado às áreas sociais do fogo do rés-do-chão.



97. Perspectiva externa de um quarteirão.



98. Perspectiva interna dos espaços interiores do quarteirão.



95. Planta de um dos quarteirões, salienta-se o cuidado de desenho com os espaços livres residenciais.

da conjugação de diferentes projectos de diferentes arquitectos, em Tusschendijken a totalidade do quarteirão é apenas de Oud. Facilitando o controlo sobre o projecto, e consequente resultado final, facilitam-se alguns processos conceptuais que segundo o próprio autor são fundamentais nestes projectos.

Para Oud a separação entre os espaços exteriores das ruas e os interiores do quarteirão é uma das exigências fundamentais do habitar, pois permite uma clara demarcação entre o ambiente urbano, congestionado com diversas actividades, e a necessidade de paz e tranquilidade no ambiente doméstico[112]. Permite ainda que estes últimos estruturem as possibilidades de uma efectiva apropriação individual e correspondente diferenciação sem causar problemas às lógicas da linguagem do espaço público[113]. Estas considerações de fundo conduzem-no a um esforço de concretização de uma imagem díspar entre o perímetro exterior e o interior do quarteirão, de acordo com a especificidade dos espaços livres com que se relacionam. Tal imagem, em conjunto com o cuidadoso desenho e projecto dos espaços privados residenciais, facilitado pelo controlo sobre a totalidade do quarteirão, lhe permitem a criação de um ambiente de intimidade e domesticidade que proteja o habitar da exposição pública[114].

A par da distinção da caracterização dos espaços públicos e privados, salienta-se ainda o cuidado nos processos e dispositivos da sua mediação através do edificado. Os acessos aos espaços interiores desde o espaço público ocorrem nos topos dos quarteirões, através de pequenas aberturas no edificado que reforçam a sensação e os sentidos da transição entre as duas esferas. As sensações são ainda reforçadas pelo tratamento dado no interior dos quarteirões a este espaço de entrada. A colocação de pérgulas à frente das passagens, criam uma penumbra que reforça ainda mais o carácter de mediação entre espaços.

Estes espaços são assim para Oud um inequívoco problema de arquitectura e de projecto, entendido entre a especificidade dos seus desenhos e as relações que

---

[112] "*I should like to point out that the most opened-minded acceptance and most lucid rendering of the building programme (the basis of modern architecture in general) has led here to a contrast effect which strikes me - as such – as the architectural hallmark of the truly vibrant, big city. I am referring to the contrast between the practical, organizational requirements of the city as a hive of activity, and need for peace and seclusion in domestic life which this automatically generates.*(…) *The nature of the city (…) is, if you will, hard: to disguise this would result in something that, generally speaking, would not be better, simply more brand";* Oud, 1924 cit. in Taverne et.al., 2001: 231 [s.i.].

[113] "*This preserves the individual expression of each of the complexes, allowing them to manifest themselves as much as possible as separate entities, without however resulting in the disjointed appearance characteristic of contemporary streets*"; Oud, 1922 cit. in Taverne et.al., 2001: 237.

[114] "*Living in the city is a victory over the industry of the city: it calls for protection against that industry. To express this practically and aesthetically was the intention behind the housing blocks reproduced here. "The street equals industry, the inner court equals domestic life. Both strictly separated and totally different in character. As far as the reality is concerned, from what I heard, the residents are generally satisfied";* Oud, 1924 cit. in Taverne et.al., 2001: 231 [s.i.].



99. Imagem do projecto após sua construção



100. Imagem do projecto após sua construção



101. Imagem dos espaços interiores do quarteirão onde verifica-se uma clara delimitação entre os espaços colectivos e indiviuais.



102. Imagem do interior do quarteirão.





103, 104 e 105. Imagens da situação actual do quarteirão que restou após a segunda guerra mundial. Verifica-se que além de se manterem os desenhos do interior do quarteirão, um encerramento que não se sabe se é original ou não.



estabelecem com os espaços nobres e sociais da casa[115] (em oposição a outros exemplos onde a relação se faz com espaços funcionais como lavandarias ou arrumos).

[115] "*The content and design of the inner court received most of Oud´s attention. It was as if he was determined, in the face of all the criticism, to increase his control over the shaping of this communal area and to leave nothing to chance. The private gardens for the ground-floor flats were rigidly enclosed by hedges, giving them a predetermined appearance. The same applied to the laws, which were separated by 'light iron fences' from the encircling footpath (two metre wide concrete slab); to the sand-pit in the centre and especially to the benches for older people in the shadow of the pergolas at either end of the court*" (Taverne et.al., 2001: 241).

4.2. Siedlung Niederrad ou Zick-Zack-Hausen - Ernst May (1926)

Analisando o conjunto das obras de May em Frankfurt, enquanto responsável pelo Departamento de Planeamento e Arquitectura entre 1925 e 1930, pode verificar-se, entre múltiplos outros aspectos, o que elas significam de questionamento e experiência sobre a forma, medida, tratamento e uso dos espaços não construídos na habitação colectiva, sendo de destacar, na sequência de Pastor, que "estos aspectos cualitativos están muy ligados a la consideración del espacio libre como un ingrediente sustancial del proyecto"[116].

O projecto do Siedlung Niederrad[117], revela um resultado formal diferente dos restantes referidos na alínea 2.4.2. Nesta diferença para outros projectos que estão a ser realizados na mesma altura[118], não só se reforça a leitura de diversidade que se referiu, como parece confirmar-se a leitura de outros autores de as obras de May serem significativamente conscientes do sítio em que se desenvolvem (Panerai et.al., 1986:110; Dreisse, 1988:36).

Face a uma pré-existência de estrutura clássica de rua-corredor, o projecto para este quarteirão de Niederrad adopta uma implantação periférica contínua, prolongando a estrutura urbana da envolvente. Um pequeno alargamento a poente, formando uma praceta reforça ainda mais as ligações com as lógicas do modelo tradicional, deste conjunto de vinte e seis blocos contíguos de três pisos, constituídos cada um por seis apartamentos com acesso vertical múltiplo a partir da rua pública.

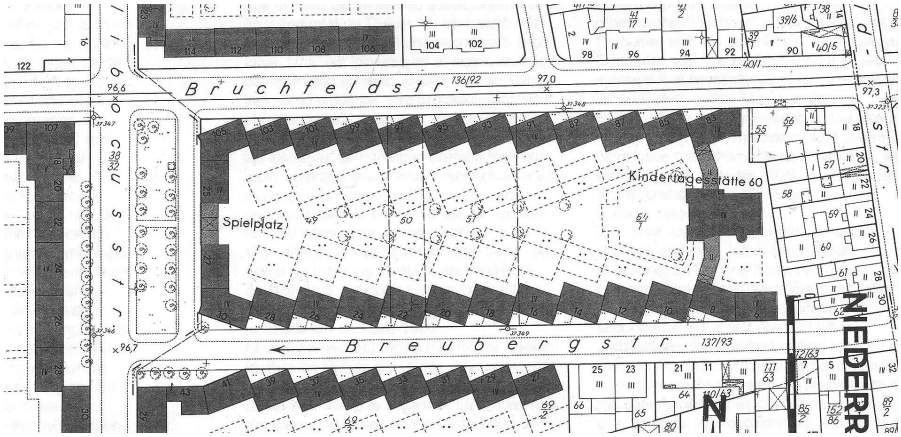
Face a esta decisão de alinhamento e continuidade dos volumes construídos o espaço livre interior resulta em dimensões significativas, correspondendo a objectivos de salubridade, higiene e exposição solar. São aliás, em parte, estes objectivos que fundamentam a forma em zig-zag da fachada, permitindo assim que cada fogo tenha 3 alçados, aumentando quer a exposição quer a ventilação transversal.

Será importante realçar, sobre o significado e o papel deste grande espaço central nas considerações entre o espaço exterior e a organização interna das tipologias, que para além da sua forte presença dimensional, para ele se voltam todos os espaços sociais da casa (cozinhas e salas), independentemente das diferentes

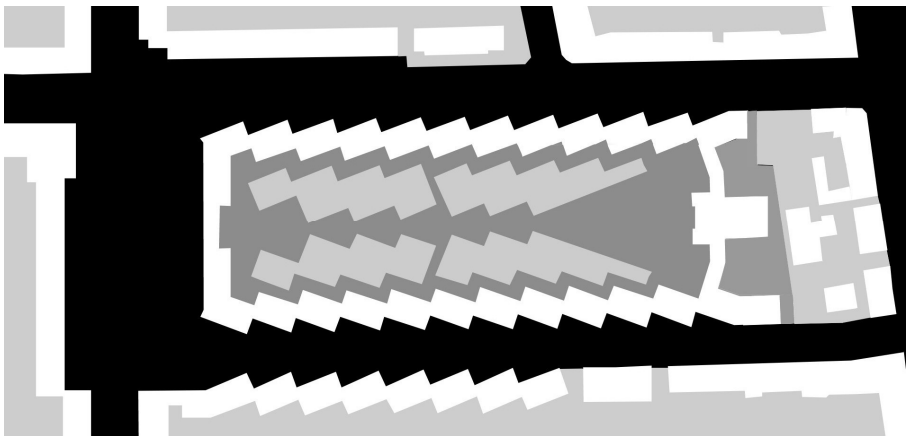
[116] "*En una lectura atenta de las plantas urbanas que los arquitectos de Frankfurt realizan, se aprecia como estos principios modernos no se quedan en simples diagramas abstractos, como frecuentemente se ha querido ver, sino en elaboradas composiciones que exploran los factores cualitativos de la forma urbana consecuentes con las necesidades de la vivienda y los nuevos instrumentos disciplinares. Estos aspectos cualitativos están muy ligados a la consideración del espacio libre como un ingrediente sustancial del proyecto*" (Pastor, 1991: 119) [s.i.].

[117] *também conhecido como Bruchfeldstrasse ou Zick-Zack-hausen.*

[118] *Praunheim, Borneeimer Hang, Riederwald todos de 1926*



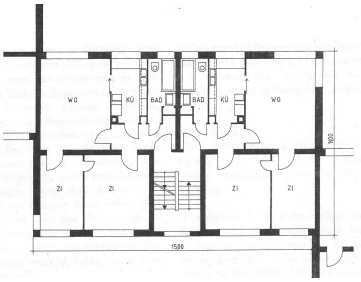
106. Planta do Siedlung



107. Preto, espaços públicos; Cinza escuro, espaços privados colectivos; Cinza claro, espaços privados individuais; Branco, edificação.



108. Fotografia a partir do edifício colectivo a vislumbrar o acesso do espaço livre interior do quarteirão.



109. Planta dos fogos.



110. Fotografia do interior do quarteirão com o edifício colectivo ao fundo. A divisão dos espaços privados individuais e colectivos por sebes permite uma percepção de um único e amplo espaço livre no interior do quarteirão.



111. Perspectiva do projecto.

exposições solares que esta decisão implica face à orientação simétrica das tipologias[119]. Acresce ainda o facto de o conjunto incluir amenidades para os residentes (infantário, enfermaria, vestiários, biblioteca, etc.). A ênfase dada ao equipamento e jardins residenciais demonstra a importância em reforçar uma vida comunitária entre seus moradores.

Nesta relação entre colectivo e individual jogam-se lógicas importantes da consideração simultânea da arquitectura e da sua organização interna e do projecto dos espaços exteriores. Cada um dos blocos "individuais" tem acesso ao pátio a partir da caixa de escadas central (descendo meio piso até à cota da cave, para voltar a subir para o espaço exterior residencial). Esta garantia do acesso directo e confortável de todos os fogos ao espaço central, e a ausência de um contacto directo de jardins privados com os fogos do rés-do-chão, como é corrente em outros exemplos, parece ter condicionado o desenho e a estrutura dos espaços do pátio. Assim um percurso de acesso colectivo margina toda a edificação, e os espaços privados individuais surgem como "ilhas" no espaço colectivo. Cada uma destas ilhas é dividida para cada 4 apartamentos correspondentes do piso 0 e 1, sendo os terraços na cobertura partilhados pelos 2 apartamentos do piso 2[120].

Circundados por espaços de uso colectivo, e separados destes por sebes de baixa altura, estes pequenos jardins privados tornam-se alvo de grande exposição. Se por um lado parecem querer proporcionar um maior contacto visual e social entre os moradores do siedlung, por outro será de ponderar esta exposição face ao condicionamento da apropriação efectiva, como parece indiciar o fraco nível de manutenção actual destes espaços (imagem 114).

Complementam esta estrutura um longo percurso colectivo (aparentemente já foi público[121], embora não tivesse sido possível encontrar qualquer confirmação efectiva), que liga um acesso controlado desde a rua ao centro comunitário que enfatiza o eixo de simetria da composição, e onde o percurso se alarga. A transição entre o público da rua e o colectivo do pátio é feita através de uma abertura no edificado oeste do quarteirão, única parte de apenas um piso. À semelhança do Tusschendijken, todo o processo espacial é muito tratado no sentido de reforçar as transições e mediações.

---

[119] "*The saw-toothed form of the building is characteristic. This is to ensure that enough daylight reaches all of the flats; but that is not the only reason, firstly because all kitchens and living-rooms are situated on the inner court side regardless of orientation and secondly because they are so arranged that the main view is of the centre building. This shows that the inner court was intended to play an important part in community life*" (Dreysse, 1988: 36).

[120] "*The division of the inner court into various areas of use is still impressive today: For each building, four allotments divided by hedges for the ground and the first floor tenants (the second floor tenants have roof gardens most of which remains bare because there is no water supply), and also a grass playground and bleaching lawn, washing-lines and frames for beating carpets near the flats and a communal lawn in the centre. The access from the buildings is very inconveniently through the basements"* (Dreysse, 1988: 36).

[121] *"the inner court areas, unfortunately now closed to the public, were designed in various communal zones"* (Dreysse, 1988: 36).



112. Fotografia do interior do quarteirão, onde percebe-se a divisão dos jardins colectivos e individuais.



113. Fotografia dos terraços que servem de jardins individuais aos residentes das habitações do segundo piso de cada edifício.



114. Na imagem acima salienta-se algum grau de falta de uso dos espaços individuais.



115. As escadas de acesso aos espaços livres exteriores a partir das caves de cada edifício. Importa ainda observar a separação dos jardins individuais dos edifícios.



116. Fotografia da entrada do edifício, que actualmente condiciona a entrada ao interior do quarteirão através de um portão.



117. Fotografia da inserção do edificado na malha pré-existente.

4.3. Nirwana Flats - Johannes Duiker e Jan Wiebenga (1927)

Este projecto será aquele onde o risco de analisar a diversidade, mais do que a procura de uma qualquer sistematização, estará mais em causa. Mais uma vez muito provavelmente fruto do ambiente de rica experimentação que se vivia, o Nirwana Flats é diferente de tudo o resto que se encontrou para o contexto e o arco temporal definido.

Numa altura em que o ambiente urbano era dominado por habitações unifamiliares em banda, ou as mais recentes habitações colectivas de três ou quatro pisos, este conjunto[122], de cinco blocos de sete pisos com implantação desfasada em avanços e recuos, se teria destacado fortemente, com uma imagem geral inspirada nos luxuosos apartamentos americanos da época (Greenberg, 1982; Molema, 1989).

Duiker busca na construção em altura uma estratégia capaz de combinar as vantagens, e economia, inerentes a concentração vertical de habitações. Procura também, as qualidades higiénicas e ambientais dos grandes espaços livres resultantes da liberação do solo ao se construir em altura[123]. Segundo Duiker, habitação colectiva combinada a construção em altura permitiam uma concentração de serviços comuns, e um nível de qualidade de vida aos seus habitantes que a habitação unifamiliar era incapaz de oferecer[124].

No entanto, limitado pelos limites da regulamentação municipal de Haia[125], Duiker conforma-se com uma altura de sete andares, repetidos nos cinco blocos de planta rectangular (25x22 metros) com a implantação desfasada entre cada um, que provoca uma sucessão de cheios e vazios junto ao espaço público de suporte e acesso.

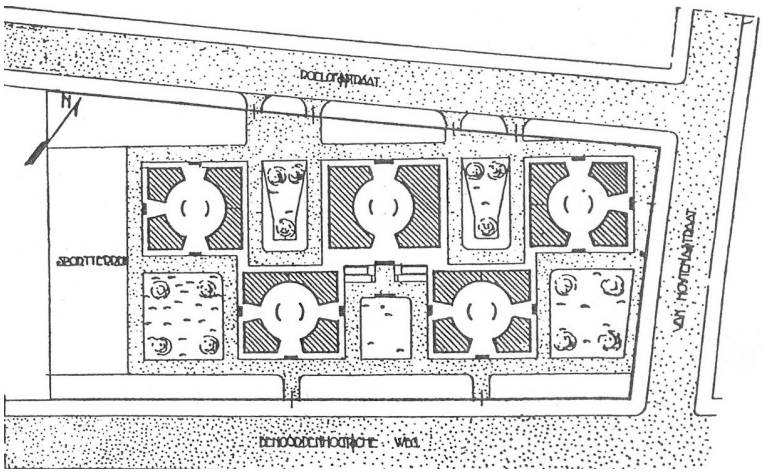
Esta alternância de ritmos conforma espaços "entre", grandes pátios colectivos, confinados pela arquitectura dos edifícios e pelos muros que delimitam o lote e a sua clara demarcação face à rua. A baixa altura deste limite exterior se expõem claramente estes "pátios", permite quer uma melhor insolação da rua quer uma qualificação desta pelo tratamento paisagístico dos espaços privados.

[122] Em projecto, pois na realidade só foi contruído um edifício

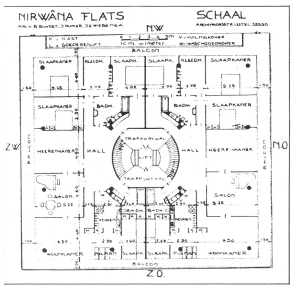
[123] "*Tres años más tarde, en 1930, Duiker publicará el ensayo Hoogbouw como síntesis de sus estudios realizados entre 1927 e 1929. En este ensayo, Duiker identifica y analiza las ventajas de la edificación alta respecto a la baja de la ciudad jardín y presenta su propuesta proyectual de vivienda popular para una densidad de 154 viviendas por hectárea y edificios aislados de 12 plantas. Este trabajo fue reconocido y citado por Gropius en su presentación en el CIAM de 1930*" (Gascón, 1991: 99).

[124] "*Central collective provisions alone may put living onto a higher level which can never be reached in individual housing*" Duiker cit. in Grinberg, 1982: 118.

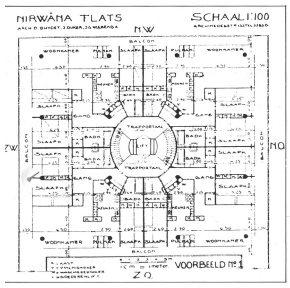
[125] *"Sin embargo, las ordenanzas de edificación no permitían una autentica solución en altura. La altura máxima permitida era de 21 m, con un ático retrasado a 45°respecto a la alienación oficial"* (Molema, 1989: 102).



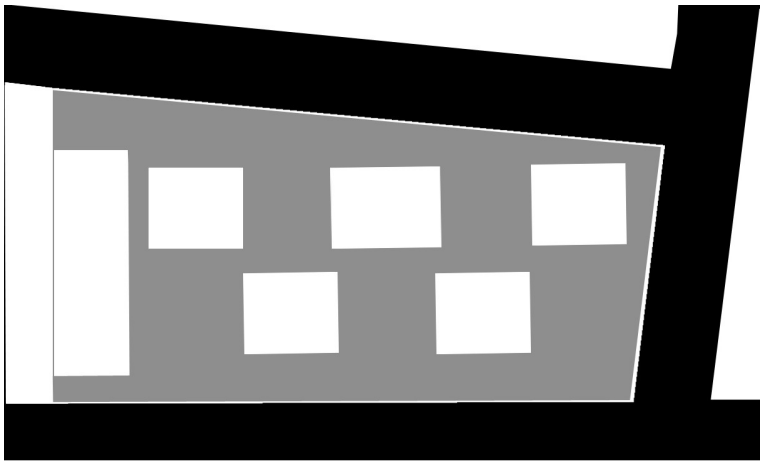
118. Planta de implantação do projecto inicial.



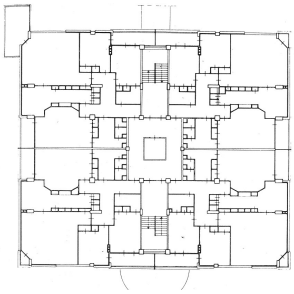
119. Projecto com 2 fogos por piso.



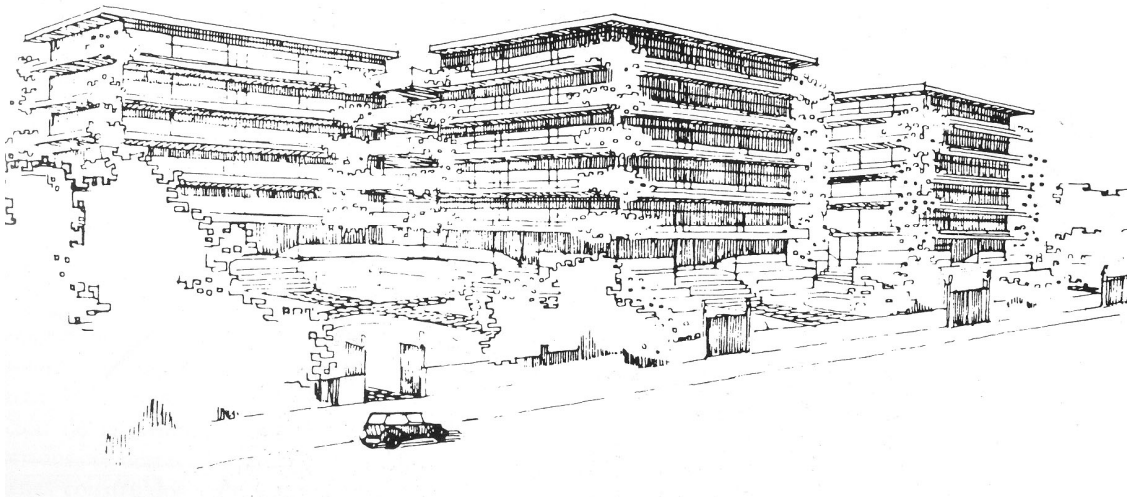
120. Projecto com 4 fogos por piso.



121. Preto, espaços públicos; Cinza escuro, espaços privados colectivos; Branco, edificação.



122. Projecto final, 4 fogos por piso e varandas reduzida.



123. Perpesctiva do projecto inicial onde salienta-se o muro baixo como delimitador dos usos públicos e privados, e os portões como mediadores destes espaços.

Esta visibilidade, a não existência de prolongamentos directos das habitações para o exterior, pela reserva do rés-do-chão para serviços comuns[126], afirmam o carácter colectivo destes espaços, o que ainda se reforça pela presença de um volume mais baixo onde dentro do lote murado surgiria um jardim-de-infância e uma biblioteca.

O processo conturbado de todo o projecto[127] – obra, que teve como resultado final mais expressivo a construção de apenas um bloco-torre, demonstra uma reflexão muito centrada na vida doméstica fora de casa e nos possíveis dispositivos espaciais da sua conformação. Se a obra construída em 1930 nos legou uma única torre isolada, cercada em todos os seus alçados por espaço de acesso público (solução que se tornaria corrente na cidade modernista), o movimento dos edifícios para conformar os espaços, os muros que delimitavam o lote, a hipótese da varanda-galeria que passava em frente a todos os fogos, ligando os cinco blocos, o seu desaparecimento, são claros indícios da reflexão referida, e não podem deixar de estar em pano de fundo sobre o que se reflecte neste trabalho.

[126] "*El proyecto original preveía la instalación de una serie de servicios comunes: cocina centralizada, central de ventilación forzada, cámaras frigoríficas, lavandería, jardín de infancia, biblioteca y en la cubierta, una escuela al aire libre*" (Gascón, 1991: 101).

[127] Desde versões com 5, 6 ou 7 pisos; da passagem de 2 para 4 apartamentos por piso; de varandas-galeria comum a todos os fogos e a todos os blocos por ligações directas entre cada uma delas, à sua substituição por "meras" varandas numa das esquinas, mas que ainda assim deveriam ser contíguas das varandas seguintes



124. Perpesctiva do projecto inicial.



125. Perpesctiva da última versão do projecto.



126. Alçado do edifício construído.



127. Implantação do único edifício construído.



128. Situação actual do edifício.

4.4. Siedlung Heimat - Ernst May e Franz Roeckle (1928)

Parte restante de um projecto mais ambicioso, o projecto de Heimat é desenvolvido por May em parceria com Franz Roeckle[128].

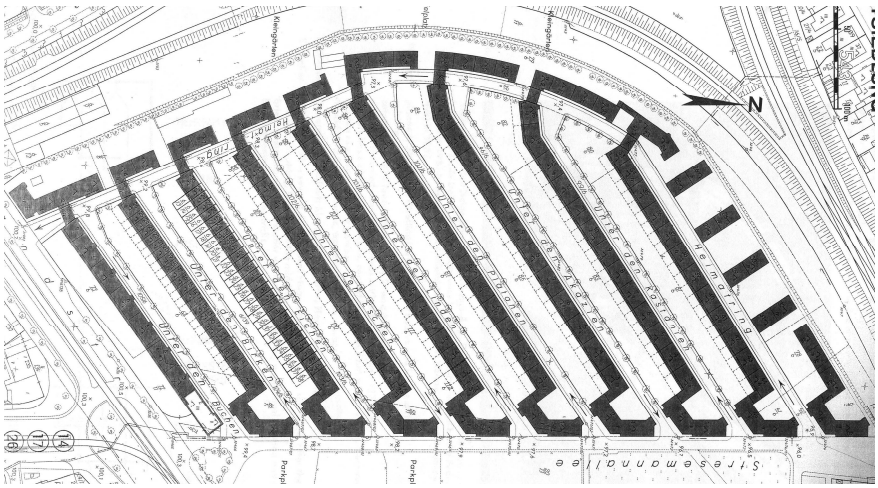
Com o perímetro delimitado a poente e sul por duas vias arteriais e a norte e nascente pela curva de uma linha férrea, o bairro é composto por 1074 apartamentos em edifícios de habitação colectiva e 48 habitações unifamiliares. Estes números são distribuídos por nove edifícios lineares, com 3 pisos, que se inflectem e contorcem e se elevam nos topos para 4,5 pisos. Esta implantação, que não deixa de explicitar uma defesa face a um ambiente urbano agressivo, de linhas férreas e vias de grande circulação (imagem 135) de um "interior" mais íntimo, doméstico e residencial (imagem 138), apresenta algumas interessantes semelhanças com o projecto de Álvaro Siza para o Campo di Marte (imagem 140).

Esta relação desse grande quarteirão com a envolvente é uma das especificidades que também marca a diferenciação deste projecto. Os corpos do perímetro não formalizam apenas uma fachada e uma imagem urbana para o conjunto, como tem um papel primordial na relação da forma urbana com os espaços não construídos, filtrando e mediando as relações e sensações de escala e ambiente. No lado mais agreste da ferrovia a geometria dos corpos evita ao máximo a devassa dos espaços residenciais.

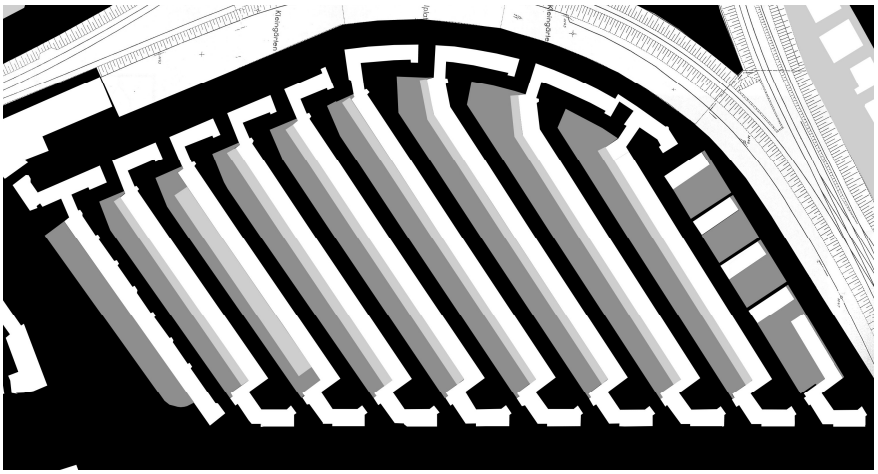
Significativamente um dos questionamentos que neste trabalho se investiga, o entre o quarteirão e o bloco do ponto de vista dos espaços exteriores, aparece aqui de forma mais arquitectónica: o edifício linear, repetido, industrializado, de células idênticas adjacentes, funde-se nos topos com as formas tradicionais dos gavetos, onde a tipologia se condiciona pela forma externa determinada por relações urbanas. Esta fusão, quase frankensteiniana, transborda para a própria linguagem dos alçados: duros e formais nos corpos dos gavetos, claramente de inspiração modernista nos interiores, com a varanda de inverno, quase janela horizontal.

Esta diferença, aqui interpretada sobre volumetrias já bem mais abertas, não pode deixar de se articular com a explícita diferenciação que Oud propõem entre a diferenciação dos alçados públicos, à rua ruidosa, e dos mais abertos, mais suaves, no interior residencial.

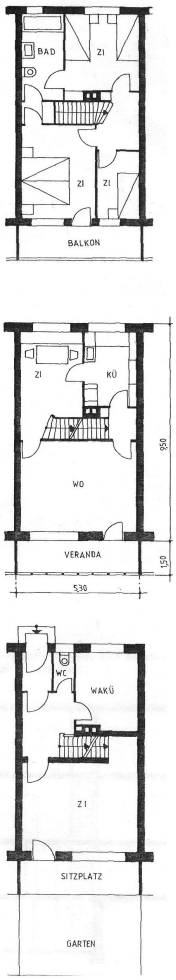
[128] Num terreno com 125 hectares, delimitado em todo o perímetro por linhas ferroviárias, Heimat era o sector noroeste de um grande bairro residencial chamado Riedhof-West. A proposta geral era constituída por quatro sectores que se articulavam através de um grande espaço público central.



129. Planta do Siedlung



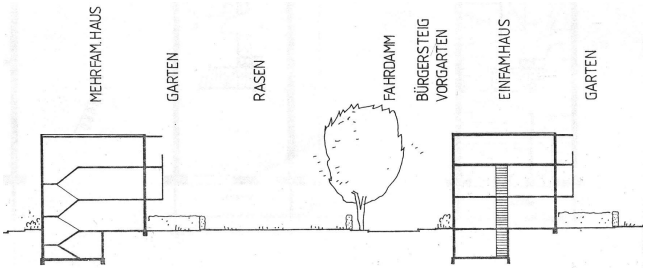
130. Preto, espaços públicos; Cinza escuro, espaços privados colectivos; Cinza claro, espaços privados individuais; Branco, edificação.



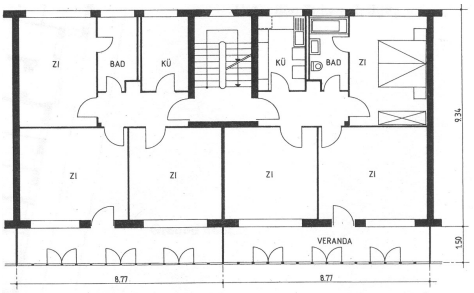
131. Plantas das habitações unifamiliares, de baixo para cima, rés-do-chão, 1º piso e 2º piso.



132. Fotografia aérea do Siedlung onde se percebe claramente a inflexão dos edifícios periféricos na definição dos espaços no interior do conjunto.



133. Perfil transversal dos edifícios de habitação colectiva (esquerda) e de habitações unifamiliares (direita), ambas com jardins privados.



134. Planta dos edifícios de habitação colectiva.

Os espaços livres no interior do Siedlung, formalizados no espaçamento de 30 metros entre os edifícios lineares e de 250 entre os edifícios que definem o perímetro do Siedlung, são compostos por jardins privados de logradouro contíguos ao alçado sul e adjacentes a compartimentos para cada uma das habitações; e jardins colectivos que fazem a mediação, colocando-se entre os individuais e o sistema viário de suporte e acesso às habitações. Os jardins privados são apenas atribuídos aos edifícios lineares que se encontram no interior do bairro. Dos nove, sete são de habitação colectiva e apenas dois de habitações unifamiliares em banda. O tratamento vegetal tem um papel fundamental na caracterização destes vários espaços. Uma linha de sebes e árvores separa a via do espaço verde colectivo, e este por sua vez é separado dos jardins privados por outra linha de sebes.

Estes espaços ao nível do rés-do-chão são complementados em cada habitação, seja uni ou plurifamiliar, por outros espaços exteriores: uma varanda fechada por elementos leves, jardim de inverno, e outra aberta no segundo piso[129].

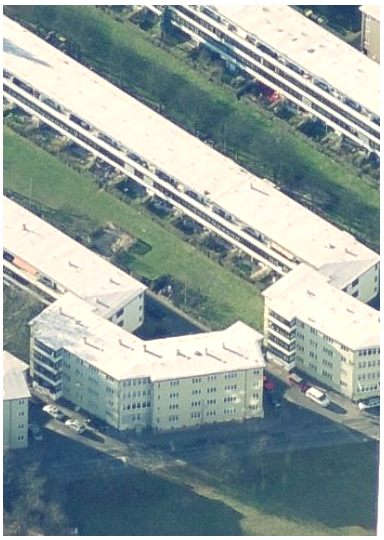
Mais uma vez, na sequência de exemplos anteriores, salienta-se o carácter de experimentação e excepção que este projecto assume não só na obra de May, mas para outras derivações que se iam tornando correntes na época[130].

[129] "*There are two types of housing for the 3-storey rows: one was the one-family house (identical floor plans in a row, not pairs of reversed plans), the other was a unit of 4 flats (two flats with staircase-access on each floor). Both had store-rooms on the ground floor and a garden room on the south side, which was a either for the use of one family or for the use of four families. Two floors of living area were above, either with a veranda (winter garden) or a balcony*." (Dreysse, 1988: 40)

[130] *"Heimat-siedlung is in some ways an exception to the other housing estates in respect of the architectural form, the floor plans and the methods of organization"* (ibidem).



135. Fotografia da edificação periférica que marca a imagem urbana do projecto.



136. Vista aérea da inflexão dos corpos periféricos.



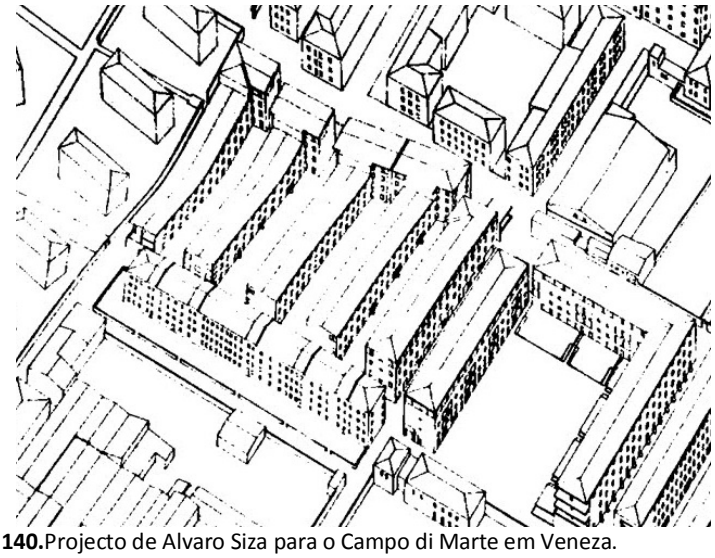
137. Fotografia do jardim colectivo.



138. Via de acesso ao interior do Siedlung.



139. Fotografias do interior de um jardim privado de uma habitação unifamiliar.



140. Projecto de Alvaro Siza para o Campo di Marte em Veneza.

Em 1931 Oud fez seu último projecto de habitação colectiva como arquitecto da câmara de Roterdão. Este projecto fazia parte do plano Witteveen (1929) de expansão da região de Blijdorp e consistia, em termos gerais, na criação de 306 habitações distribuídas em nove edifícios de quatro pisos, e dezoito habitações para idosos em edifícios de um piso. Alterando algumas referências conceptuais, Oud adopta, 12 anos após Tusschendijken, um partido mais próximo da evolução da discussão das vanguardas modernistas[131]. E o faz de uma forma explícita ao alterar a sugestão de quatro quarteirões perimetrais definidos pelo plano Wittenveen[132].

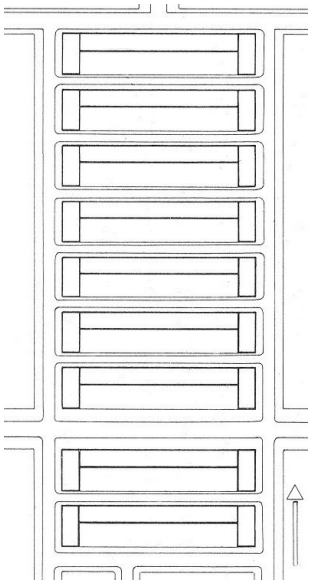
No entanto, apesar desta determinação, ainda é muito claro o processo de experimentação entre o quarteirão e o bloco. Abandonando o quarteirão perimetral e deslocando-se no sentido do *zeilenbau* mantém, à semelhança do Heimat de May, mas invertendo a proporção o controlo do afunilamento dos topos. "*Oud was looking for an acceptable compromisse between the perimeter block and the principal of row housing*" (Taverne et.al., 2001: 307). Esse compromisso entre o quarteirão perimetral e o bloco linear é abordado através das relações estabelecidas entre o edificado, o sistema viário e os espaços livres privados. Com a construção de volumes de um piso (habitações para idosos) nos topos dos blocos habitacionais, não apenas afirma um perímetro edificado contíguo as ruas longitudinais (que limitam o terreno do projecto), mas também delimita o espaço vazio entre os blocos, criando assim um ambiente mais doméstico e intímo nos atravessamentos transversais do projecto, onde se localizam os jardins colectivos privados.

Mais uma vez neste exemplo se registra que os espaços livres exteriores têm um papel importante na organização e caracterização do projecto. Localizados entre os blocos habitacionais, a sua implantação determina-se em conjunto com a dos edifícios. Ao invés dos blocos serem implantados no eixo norte-sul (implantação defendida como ideal pelos arquitectos modernistas[133]), são implantados no eixo este-oeste para os jardins, assim a sul, terem uma exposição solar durante todo dia. Ainda que isso acarrete no condicionamento dos quartos a norte. Outro aspecto interessante é que, tal como em Tusschendijken, Oud posiciona todos os ambientes sociais das habitações

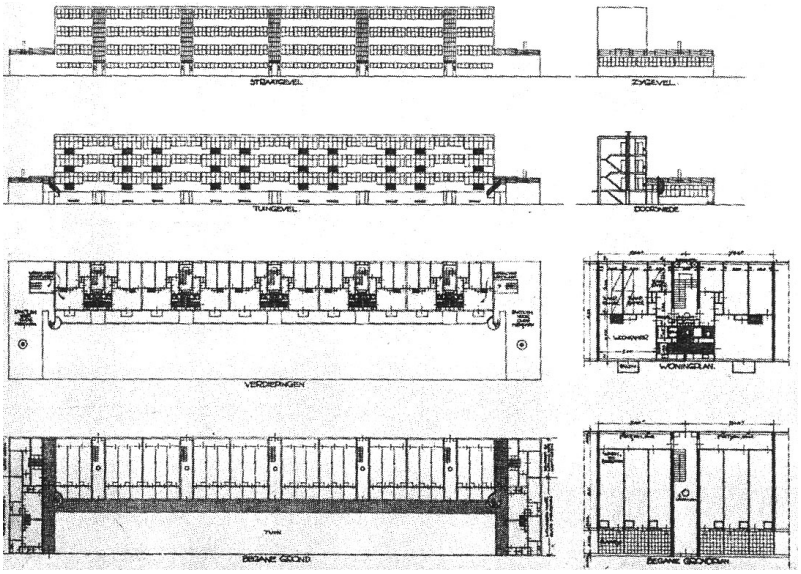
[131] *"It is clear that, architecturally speaking, he preferred the perimeter block, but that new ideas about what constituted good housing forced him to consider the option of the well-oriented, freestanding row. The disadvantage of such blocks, certainly when applied en masse, was that they did not make for a very architectonic street- or townscape"* (Taverne et.al., 2001: 307)

[132] "*ignored the perimeter blocks Witteveen had prescribed for this location and came up with an alternative block organization. From the point of view of both urban and domestic spatial organization, this plan marked a decisive – final – stage in Oud´s reserch in typology and architectural expression of the urban block*" (Taverne et.al., 2001: 304).

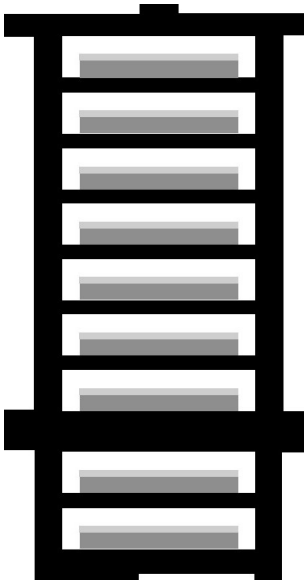
[133] "*Todo o projecto de casa no qual um só alojamento que seja, esteja orientado exclusivamente ao norte, ou privado de sol em virtude das sombras projectadas, deverá ser rigorosamente condenado"* (C.A., 1933: 26).



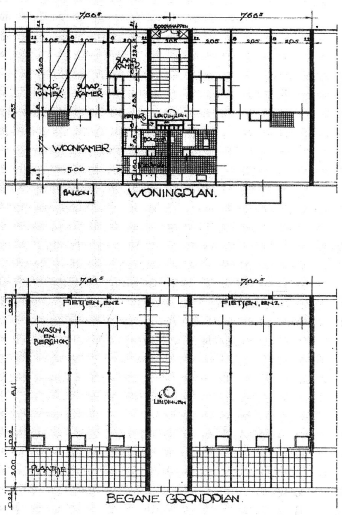
141. Implantação dos edifícios.



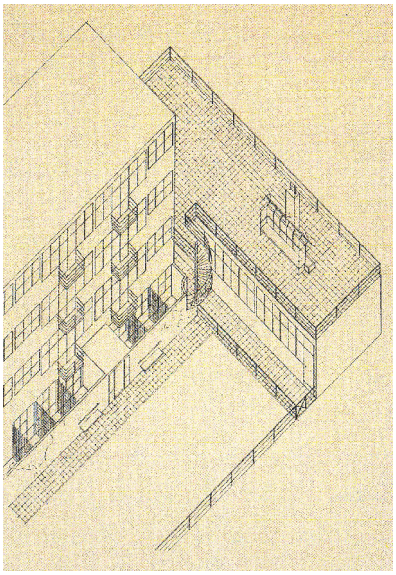
142. Cortes e plantas do edifício.



143. Preto, espaços públicos; Cinza escuro, espaços privados colectivos; Cinza claro, espaços privados individuais; Branco, edificação.



144. Planta tipo e planta do rés-do-chão



145.Espaços para a secagem de roupa separados do jardim colectivo por muros, e este separado do espaço público através de baixas cercas metálicas.

Não é possível apresentar a imagem. O computador pode não ter memória suficiente para abrir a imagem ou a imagem pode ter sido danificada. Reinicie o computador e, em seguida, abra o ficheiro novamente. Se o x vermelho continuar a aparecer, poderá ter de eliminar a imagem e inseri-la novamente.

146. Perspectiva do conjunto dos edifícios.

voltados para sul, e implanta varandas nesses ambientes para um contacto mais directo com o jardim colectivo do respectivo edifício.

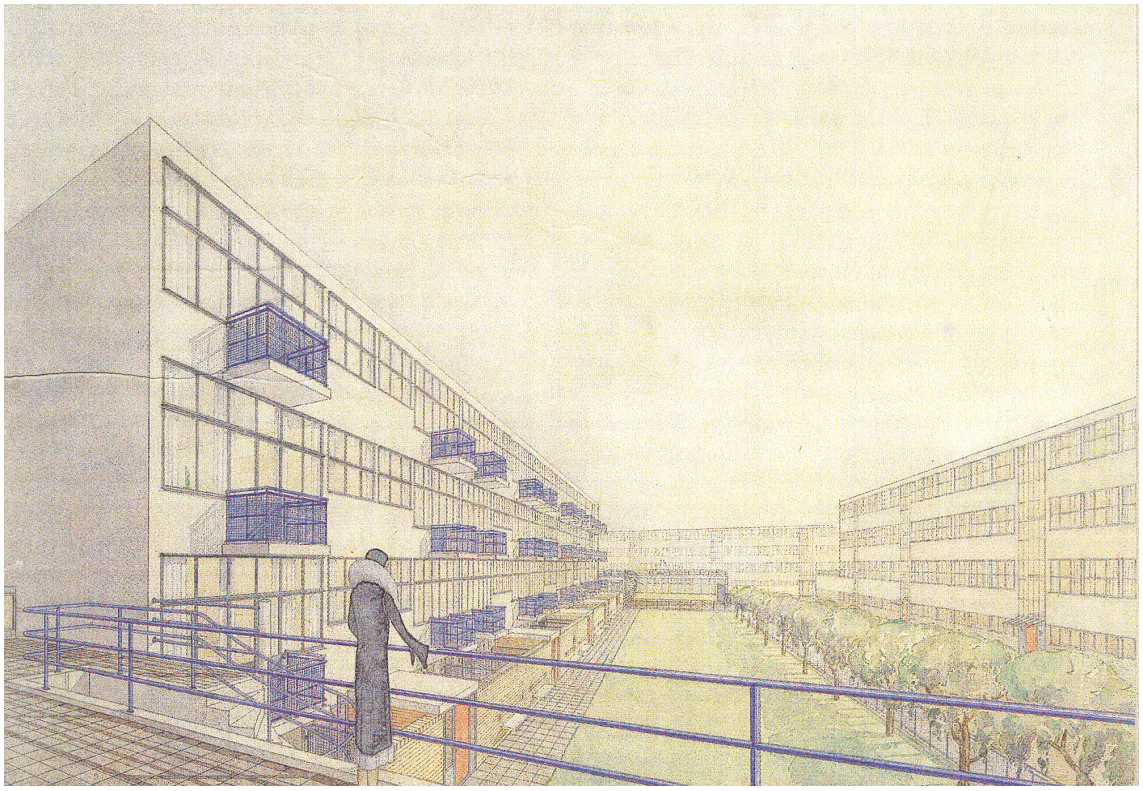
A domesticidade dos jardins não é mera consequência da delimitação desse espaço pelos blocos habitacionais e as habitações para idosos, mas é também conseguida através do tratamento específico da relação com outros elementos de definição dos espaços exteriores. Estipulando apenas um sentido de circulação, para uma redução e controle de seu tráfego, e a separação física para estas vias com uma cerca e uma linha de árvores, define-se uma progressiva passagem e mediação gradual da agressividade da rua para um ambiente doméstico e tranquilo. Pequenos espaços privados adjacentes a espaços funcionais de cada uma das casas (para permanência e secagem de roupas) completam o conjunto de dispositivos espaciais realizados para a filtragem entre o público e o interior da casa.

Neste processo gradual, e já distante da formalização específica do anterior exemplo de Oud, salienta-se a importância do contacto visual entre o jardim colectivo privado e o espaço público da rua e dos passeios, nomeadamente face à qualificação que os primeiros podem emprestar aos segundos[134]. Assumindo este duplo protagonismo de qualificação da rua e da casa (no sentido em que a protege e filtra), a forte presença deste espaço privado colectivo não invalidou a consideração dos já referidos espaços privados individuais. Adquirindo relações menos nobres porque mais funcionais e de serviços (em Tusschendijken eles são prolongamentos directos das cozinhas e salas). A justificação de Oud para estes espaços passa pela qualificação da imagem da habitação colectiva operária através da incorporação no projecto de espaços livres para os habitantes secarem suas roupas[135].

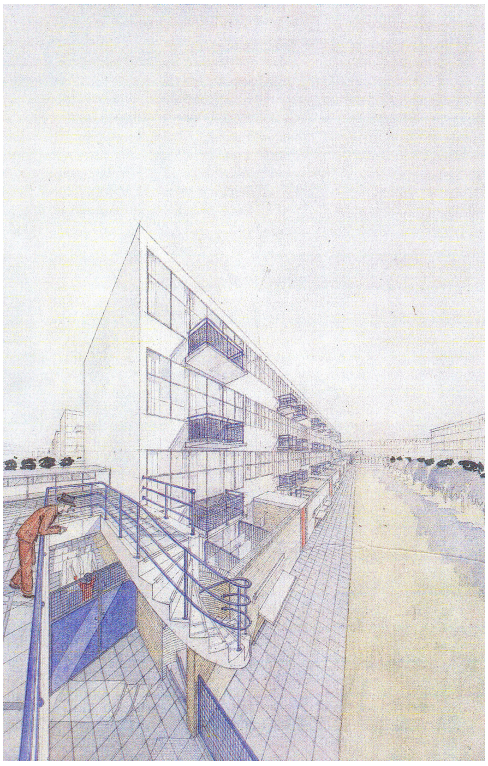
É neste contexto de controle da imagem da roupa a secar que se percebe também a decisão incomum da altura e do material que delimita estes espaços individuais. Em muros opacos e com dois metros de altura, permitem esconder estes usos mais funcionais da vista dos restantes espaços.

[134] "*The advantage of this layout is that the communal gardens are brighten up the street and make it seem wider (…), but all look out front and back over wide expanses in which the gardens are located, while at the same time the street traffic is visible, which is something that this category of residents desires.(…) The garden itself is encircled by a tiled path with the occasional bench: children may play there and for this purpose there are one or two sandpits"* Oud, J.J.P., cit. por (Taverne et.al., 2001: 310).

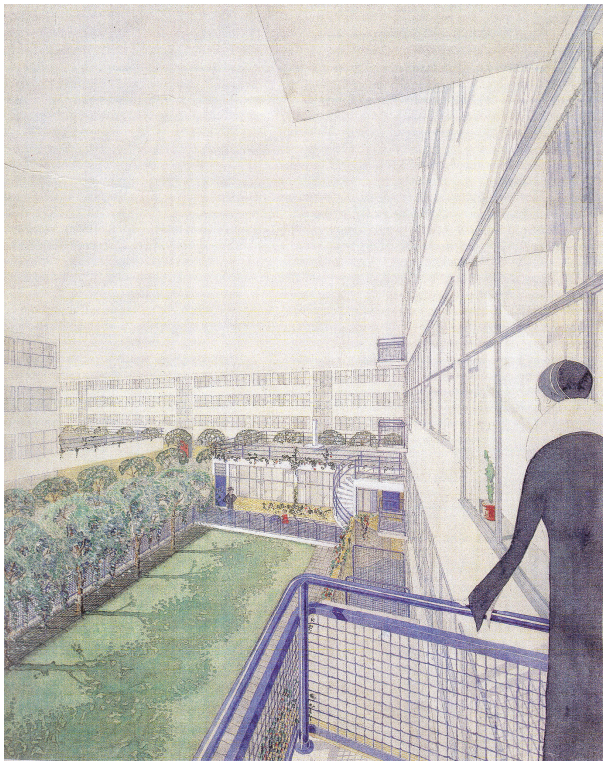
[135] "*The lowest living level is situated +2m above the street level; the +2m-high space below is used to accommodate separate laundry and storage space for each family* (…). *Behind each of these laundry and storage areas is a small fenced-off yard where the residents can hang their wash to dry in the open air. I arrived at the layout for this type because in practice a lack of laundry and storage space is repeatedly redressed by the fact that everywhere one goes one encounters an untidy, messy and vexatious condition that could be remedied by general rules, caused by residents throwing fuel, rubbish etc. into the gardens and hanging washing all over place. Not only does this situation detract from decent and agreeable occupancy, the disorderly picture it present to the outside world lowers the tone of the houses and thus also the whole appearance of the district, resulting in a lowering of the standard of occupants and dwelling. I believe that the solution I now propose will answer this completely, which in this case is all the more important because in the already indicated and still to be explained layout of these blocks I wished to take advantage of the possibilities offered bay `Zeinlenbau´ (row housing) to make the friendliness that usually characterizes the back side of dwellings – as a result of landscaping – subservient to the general aspect."* Oud, J.J.P., cit. por Taverne et.al., 2001: 307.



147. Perspectiva do espaço livre entre os edifícios, onde se localizam os jardins colectivos.



148. Perspectiva dos espaços exteriores privados.



149. Perspectiva dos espaços exteriores a partir da varanda de um dos apartamentos.

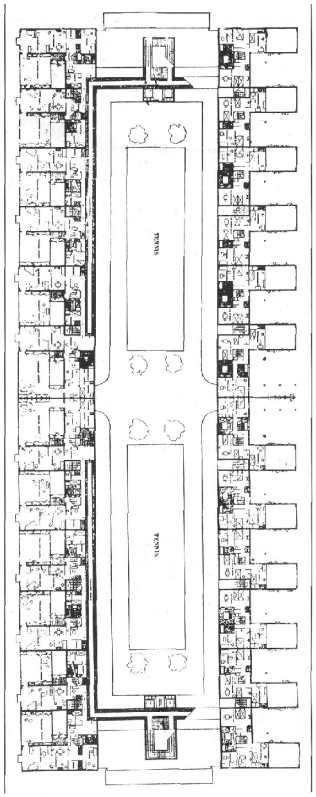
Apesar de nunca ter sido construído, portanto não ter uma nacionalidade específica de concretização este é o exemplo em que o registo da diversidade se agudiza ao ponto de não ser referenciável ao contexto holandês e alemão estudado.

No entanto, se manteve sua decisão de permanência como exemplo de estudo, entre poder referenciar um dos nomes mais importantes em todas as discussões e experiências desta época à reflexão específica sobre a presença de espaços privados como complemento e prolongamento das lógicas do habitar colectivo, e ao significativo facto de se ter tornado um dos principais defensores do seu desaparecimento. Com grande probabilidade de se poder relacionar esta alteração com as enormes polémicas que este projecto, em conjunto com a Ville contemporaine, gerou, não será aqui o espaço e o tempo para este desenvolvimento[136].

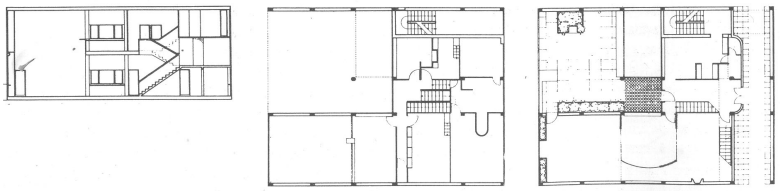
Antes de efectuar uma análise mais específica dos Immueble-Villas será importante salientar que existiram duas versões do projecto. A primeira foi apresentada em 1922 no *Salon d´Automne* de Paris, como um tipo novo de habitação projectado a pedido de uma sociedade imobiliária que tinha como objectivo a realização de *habitações modernas, francesas por estilo e americanas por conforto* (Armesto, 1991: 61). Esta versão do projecto foi publicada no livro *Vers une Architecture* (1923). A segunda versão foi apresentada em 1925 no âmbito da *Exposition Internationale des Arts Décoratifs de Paris*, onde Corbusier, dentro de um protótipo de uma célula dos Immueble-Villas, apresenta também o da *Ville Contemporaine de 3 millions d´Habitants* e o *Plan Voisin*, e publicada no livro *Urbanisme* (1925) de Le Corbusier. As duas versões do projecto apresentam muitas semelhanças mas também diferenças significativas que importa salientar.

A versão de 1922, formaliza um quarteirão de 150 por 55 metros com perímetro delimitado por quatro ruas, e composto por 120 habitações unifamiliares duplex em dois edifícios lineares (de dez pisos), paralelos e unidos a dois núcleos de circulação vertical (elevadores e caixas de escadas), que "encerram" os topos menores. As habitações, com seus jardins privados, se distribuem-se pelos primeiros oito pisos do projecto, e nos dois últimos é executado um remate com habitações diferenciadas e

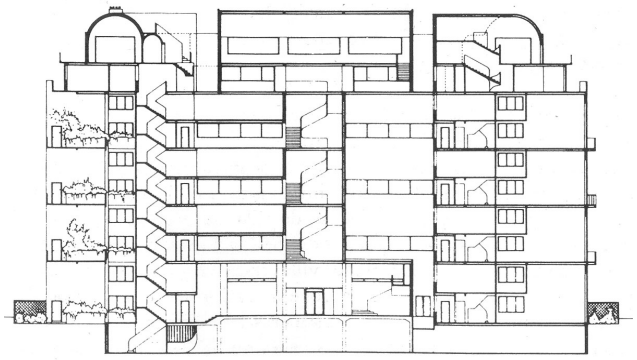
136 "Estas propostas tanto (…) lhe conferiram rapidamente o rótulo de comunista pela adopção do programa funcional e da estética do Immeuble pelos construtivistas russos (na Casa Comunal de Narkonfim, de Mosei Ginzburg e Ignati Milinis, 1928-29) (…como…) «um perigoso agente secreto de Lenine, que estava a converter sub-repticiamente os cidadãos franceses ao comunismo» [von Senger, 1927] (…como…) lhe valerão as críticas dos comunistas franceses por implicarem um governo central forte e serem dirigidas por um corpo de élite de homens de negócios […ou…] "porque não coroei o todo com a palavra de ordem «nacionalização de toda a propriedade»" [ou ainda pelos] «seis porteros harán turnos de ocho horas, día y noche, vigilando la casa, anunciarán por teléfono las visitas y las distribuirán a los distintos pisos por medio de los correspondientes ascensores»[LE CORBUSIER y P. JEANNERET, Œuvre complète 1910-1929, Zurich, 1956, págs. 41-43; cit. in Benevolo, 1960] (Andrade, 2004).



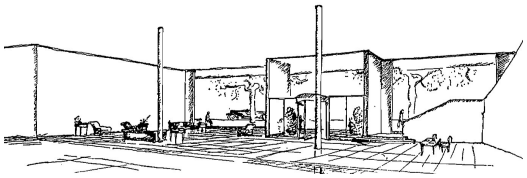
150. Planta da versão de 1922.



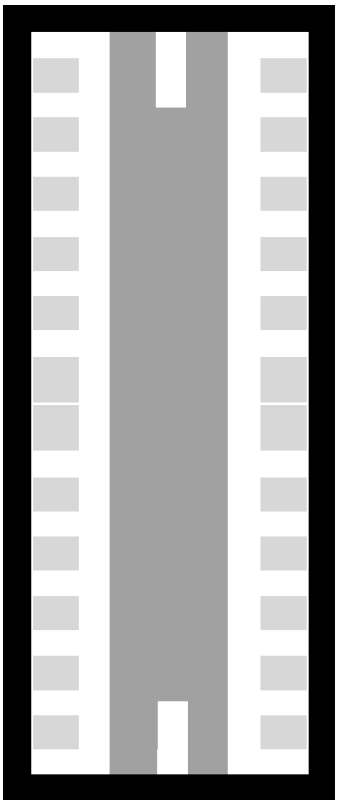
151. Plantas e perfil da tipologia na versão de 1922.



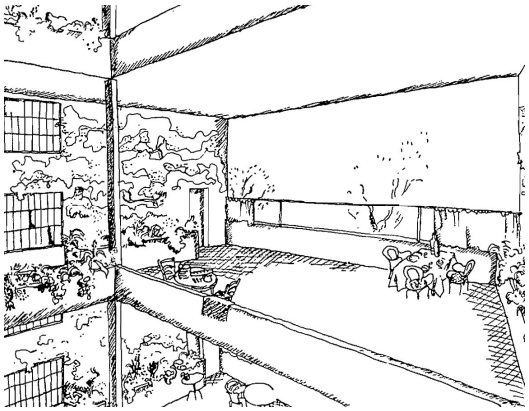
152. Perfil da versão de 1922.



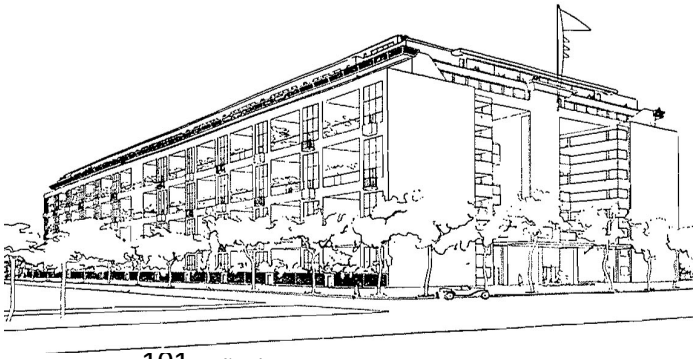
153. Perspectiva do átrio de entrada do projecto.



155. Preto, espaços públicos; Cinza escuro, espaços privados colectivos; Cinza claro, espaços privados individuais; Branco, edificação.



154. Perspectiva do jardim privado das habitações



156. Perspectiva da versão de 1922.

serviços comuns para os moradores, tais como ginásio, pista de corrida, salão comunitário e restaurante[137]. Além destes serviços, a proposta ainda incluía uma série de serviços que a aproximavam de "*um hotel de primera categoria*"[138]. No espaço livre do interior quarteirão (construído sobre um piso subterrâneo de estacionamento), localizam-se ainda mais equipamentos como campos de ténis. O acesso a todo o conjunto é controlado pelo desenho específico dos topos e pela presença de porteiros durante as 24h[139].

Em relação as habitações que compõem o edifício, "Le Corbusier interpretará al pie de la letra la fórmula de copropiedad al proponer un edificio constituido por 120 villas superpuestas" (Armesto, 1991: 61). Estas *villas* são, basicamente, habitações unifamiliares com 168 m² distribuídas em dois pisos, com uma planta em L que envolve um espaço livre privado de 63 m². Este espaço livre é o elemento responsável pela alusão à habitação unifamiliar na sua relação com os espaços livres exteriores privados, que aqui ao invés de aparecer como um logradouro no interior de um quarteirão, surge como grande terraço de pé-direito duplo voltado para o espaço público. Assim como os espaços livres privados de logradouros nos quarteirões tradicionais, estes jardins são descontínuos e separados dos espaços de circulação pela habitação, com uso reservado apenas à habitação que servem. Outro elemento que se pode verificar, ainda na aproximação as estratégias do modelo tradicional é a relação directa do acesso das casas do rés-do-chão com a rua (apesar da duplicação do acesso pelo interior do quarteirão, à semelhança das dos pisos superiores.

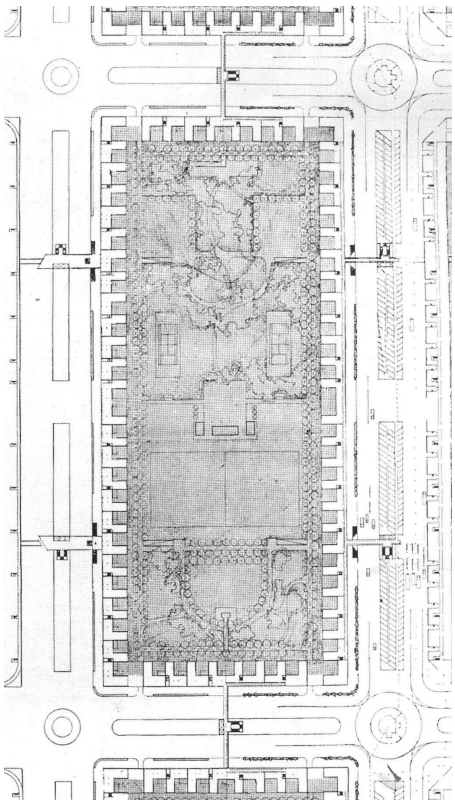
Como assinala Antonio Armesto, é provável que esta versão do projecto tenha sido pensada para um sítio específico de Paris, o que justifica a especificidade de suas dimensões (1991:62). Em 1925, já integrado como componente da sua *Ville Contemporaine* surge então a 2ª versão.

A diferença que mais salta aos olhos será a do significativo aumento das dimensões (para 400x200 m). O volume edificado estende-se à totalidade dos quatro lados do perímetro e os acessos verticais são já deslocados para o exterior, em quatro núcleos concentrados prolongados em galerias exteriores. Face a esta configuração os jardins

[137] "*on the roof there is a communal hall for sports and a 300 yards track. On the roof too there is an entertainment hall for the use of the inhabitants*" (Corbuiser, 1923: 249)

[138] "*una cocina central que permite servir las comidas en un lujoso restaurante o en las propias viviendas; lavandería central; salas deportivas; de juegos e estudio para os niños; sala de fiestas;* (…) *todas las ventajas de un hotel de primera categoría*" (Armesto, 1991:61).

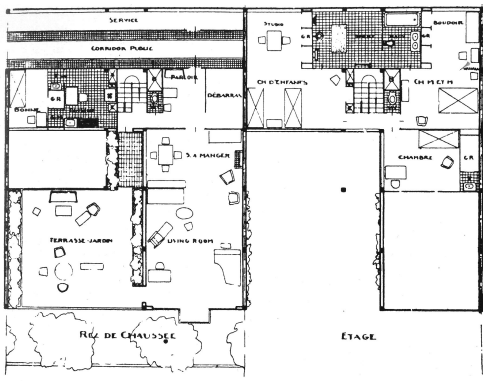
[139] *"The ordinary narrow entrance lobby of the house is replaced by a vast hall, and a porter is on duty day and night to receive visitors and show them to the lifts*" (Corbusier, 1923: 249).



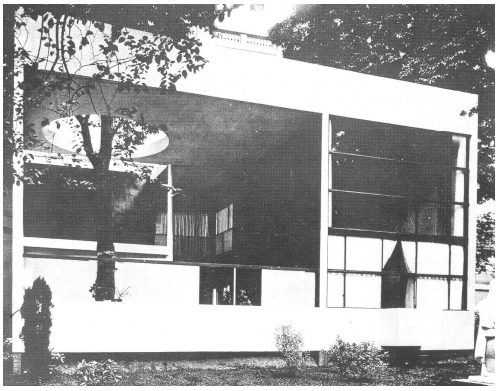
157. Planta da versão de 1925.

Não é possível apresentar a imagem. O computador pode não ter memória suficiente para abrir a imagem ou a imagem pode ter sido danificada. Reinicie o computador e, em seguida, abra o ficheiro novamente. Se o x vermelho continuar a aparecer, poderá ter de eliminar a imagem e inseri-la novamente.

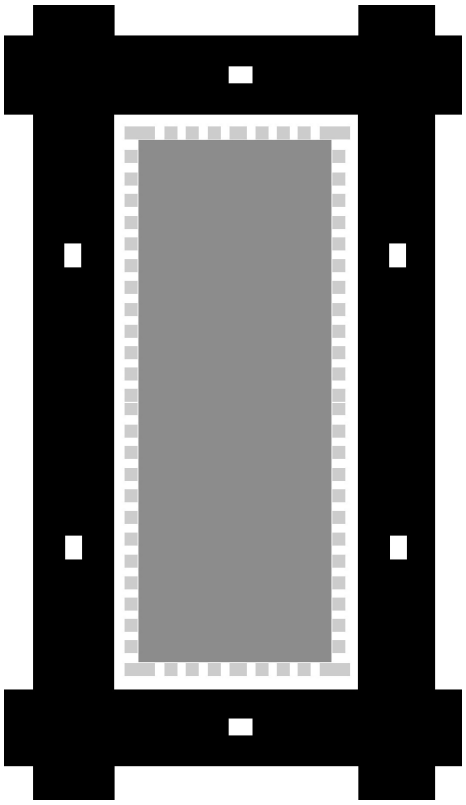
158. Perfil da relação entre o edificado e o viário na versão de 1925.



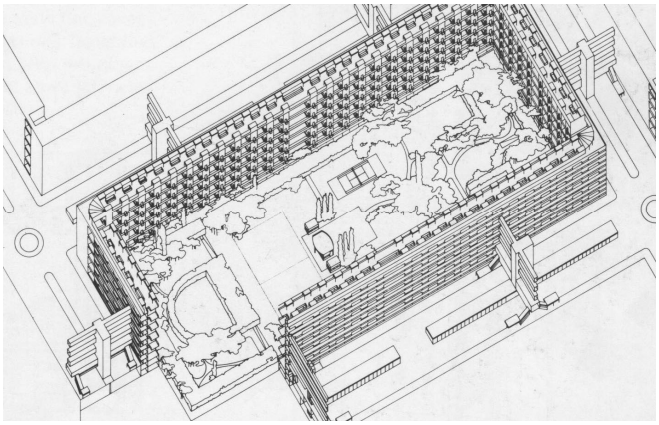
159. Plantas da tipologia na versão de 1925.



160. Pavilhão de L´Espirit Nouveu de 1925, modelo em tamanho natural de uma tipologia



161. Preto, espaços públicos; Cinza escuro, espaços privados colectivos; Cinza claro, espaços privados individuais; Branco, edificação.



162. Perspectiva da versão de 1925.

privados agora se voltam para o interior que, face ao sobredimensionamento passa a ser chamado de grande parque[140]. Voltando, nas palavras do autor, "as costas para a rua", reforça-se o simbolismo e a importância dos espaços internos, mas condicionam-se a diferentes exposições de compartimentos com o mesmo programa.

São também distintas as relações com o sistema público viário, tanto quanto neste 2ª versão todo este é apresentado de forma radicalmente inovadora. As vias de circulação automóvel constituem-se em dois pisos, o inferior para o tráfego de pesados, o superior para ligeiros. Esta proposta para as infra-estruturas urbanas tem também influências na estruturação da forma geral do edificado e no seu programa. Na cota do tráfego pesado, com acesso directo às "caves" do edifício-quarteirão, são colocados os serviços comunitários[141] que se comunicam com as habitações através de caixas de escadas de serviço. Na cota de veículos ligeiros e peões surgem os acessos aos edifícios, caixas de escadas e de elevadores (aos quais o acesso se mantem controlado por porteiros[142]) que se encontram no eixo da via e adjacentes a parques de estacionamento cobertos.

Em síntese, enquanto a segunda versão está intimamente ligada a um conceito global de cidade, da sua estrutura urbana e sistema viário, o que dificilmente permite ser equacionada fora deste contexto, a primeira apresenta relações com os espaços livres públicos e privados que permitiria a sua implantação em um contexto urbano comum. Abordando uma racionalização do quarteirão não apenas pela forma, mas também pelo seu papel estrutural na mediação, delimitação e equilíbrio entre os espaços públicos e privados, o edificado funciona como mediador dos espaços livres públicos, no caso a rua, e espaços livres privados, sejam eles os jardins individuais das habitações, ou o grande jardim de uso colectivo dos moradores.

É interessante que aqui, diferentemente de outras propostas que racionalizam o quarteirão (como Tusschendijken de Oud) o esforço de qualificar a habitação colectiva através da implantação de logradouros privados, ocorre não apenas no rés-do-chão, mas em todas as habitações. O logradouro “descola-se” de sua cota normal e é incorporado como elemento caracterizador das tipologias, o que permite a analogia das habitações colectivas com habitações unifamiliares.

[140] “*As fachadas dão as costas para a rua; abrem para parques de 300X100 metros (cerca de 4 hectares).* (…) *O grande parque fica perto dos apartamentos,* (…) *um campo de futebol, duas quadras de ténis, três grandes locais de jogos, um pavilhão para clube de esportes, bosques livres, gramados*” (Corbusier, 1925: 203).

[141] “*O térreo dos prédios-sobrados é uma vasta fábrica de exploração doméstica: abastecimento, conserto, serviço de criadagem, lavandaria,…*” (Corbusier, 1925: 205).

[142] “*…seis empregados que fazem turnos de oito horas, e, dia e noite, vigiam a casa, recebem e anunciam por telefone os visitantes e os encaminham aos andares pelos elevadores; ficam nos seis magníficos vestíbulos de 30 metros quadrados construídos sobreiros à pista dupla de rolamento. Nessas pistas o trânsito é em mão única em toda a parte e o pedestre apenas tem de atravessar a rua para penetrar nas casas”* (Corbusier, 1925: 205).

Como referido face aos critérios de eleição dos exemplos abordados, a diversidade é bem mais significativa do que uma prevista possibilidade de sistematizações. E isto quer em termos das estratégias gerais com que são exemplo da transição do quarteirão fechado para o bloco livre (entre a maior proximidade ao modelo tradicional, como em Tusschendijken ou Niederrad e, em alguns aspectos o próprio Immeuble Villas; ou ao que virá a ser a generalização dos efeitos da Carta de Atenas, em Blijdorp, Heimat ou na individualidade dos Nirwana flats). Quer na forma como ao longo dos vários exemplos variam as relações, as formas, os processos, os significados, as possibilidades e potencialidades dos espaços exteriores de uso privado. Sem deixar de considerar equivalente riqueza e possibilidades de aprendizagem nas relações com os espaços públicos, e dos dois entre si.

Em relação a estes últimos, com excepção do projecto de Duiker e Wiebenga para os Nirwana flats, com a mediação dos portões e curtos percursos até aos edifícios, e a solução completamente diferenciada do segundo *Immeuble*, com as circulações verticais colocadas a eixo da via pública, todos os exemplos mantêm uma ancoragem directa aos espaços públicos de referência, como estrutura preferencial de suporte e acesso.

Ainda neste contexto, olhando para a imagem geral face à relação com o espaço público, permite-se verificar uma progressiva fragmentação das formas periféricas (entre o completamente fechado de Tusschendijken ou Niederrad, à abertura controlada dos topos de Heimat, que se fragilizam no exemplo de Blijdorp – embora nestes últimos se trate já de conjunto de quarteirões), e portanto também da diversificação e complexificação dos processos e dispositivos espaciais de relação entre público e privado (que é pontuada a meio pela proposta inusitada dos Nirwana flats, explicitamente referenciados aos modelos americanos).

Esta afirmação de progressiva complexificação no entanto não deve desmerecer as soluções específicas de projecto em exemplos como Tusschendijken, Niderrad ou mesmo no Immueble Villas I. Em qualquer um destes, os pontos de relação entre público e privado não são meros planos bidimensionais, mas sim espaços que condicionam os sentidos, reforçam a lógica de transição entre "dois mundos", algo à semelhança dos *propileus* gregos, neste caso entre o irrestritamente público e o da domesticidade. Aliás sobre este ponto de vista quase se poderia falar de simplificação. Utiliza-se complexificação no sentido de registar que assim que são abandonadas as edificações completamente periféricas, os dispositivos apresentam-se muitas vezes como filtros sucessivos, com elementos morfológicos auxiliares (árvores, sebes, cercas, muros, relvados, diferenças de cota,…) que complexificam não apenas as realizações práticas como os processos de filtragem visual e funcional.

Apesar da evidente preocupação de Oud com o cuidado da imagem dos espaços exteriores delimitados em todo o perímetro, entre o plano do chão e os alçados confinantes, pode verificar-se que se complexifica também o questionamento dos diferentes aspectos da imagem e dos diferentes pontos de vista. Assim em Nirwana, Heimat e Blijdorp, onde a separação é efectuada por barreiras físicas e visuais de baixa altura o tratamento vegetal e paisagístico de todos os espaços ganha protagonismo. Os "filtros" se prolongam nas demarcações que definem os diferentes usos e funções dentro dos espaços privados, criando uma sucessiva gradação na aproximação à intimidade do lar, e pretendendo afirmar-se como elementos promotores de vizinhança e sociabilidade[143]. Esta filtragem é ainda complementada pelo edificado, com exemplos muito claros nos volumes de um piso de Blijdorp, ou mais ainda nos topos contorcionados de Heimat, em particular a poente face à linha férrea, com o objectivo de definirem resguardos que buscam a caracterização de ambientes mais aptos ao uso e apropriação residencial.

Como se referiu nos objectivos deste trabalho, todos estes são exemplos claros da importância do "limite"[144] como tema de reflexão arquitectónica.

Considerados mais internamente estes espaços, a sua relação com o edificado ou a articulação entre a dimensão individual e colectiva, recorrendo também a formas e processos semelhantes, apresentam igualmente relações diversificadas que podem permitir qualificar a habitação colectiva, muitas vezes restrita às quatro paredes.

Importará na ponderação de analogias com os espaços privados da habitação unifamiliar, registar que nos exemplos apresentados se verifica sempre a presença de espaços que, ainda que privados, são de utilização colectiva (aliás nos Nirwana flats são até exclusivamente colectivos). Mas também aqui importa relembrar e registar a variedade. Se em qualquer dos outros exemplos se pode registar a coexistência de espaços privados individuais e colectivos[145], a sua consideração e atribuições apresentam-se com sentidos e formalizações distintas.

[143] Dietrich Dreysse cita a baixa altura das sebes como característica potenciadora de contactos entre os habitantes em alguns projectos de Ernst May. *"The low cut privet hedges used to divide the house gardens were intended to encourage contact between the tenants."* (Dreysse, 1988: 36).

[144] "*Um limite pode tornar-se algo mais do que um simples obstáculo dominante se permitirmos que dele façam parte algumas qualidades motoras e visuais – se for, tal como antigamente era, estruturado parcialmente com as regiões confinantes. Torna-se, então, mais uma «costura» do que uma barreira, uma linha de intercâmbio ao longo da qual foram «alinhavadas» duas áreas. Se um limite importante possui muitas relações visuais e também de circulação com a restante estrutura urbana, torna-se uma característica em relação à qual muito pode ser organizado. Um dos processos para aumentar a visibilidade de um limite é o desenvolvimento dos seus acessos ou uso*" (Lynch, 1960: 113).

[145] Não foi possível clarificar em absoluto durante esta investigação a situação inicial do estatuto privado colectivo ou público dos espaços de Tusschendijken e Niederrad. Confirmou-se que na actualidade ambos estão fechados com uso reservado ao conjunto de moradores dos edifícios.

Se em Tusschendijken os espaços individuais se relacionam directamente com as habitações do rés-do-chão (ou nos *Immeuble* com todas), e as habitações dos pisos superiores terão que fazer o percurso pela rua até alcançarem o espaço colectivo, em situação semelhante à de Heimat, já em Niederrad, Blijdorp e nos *Immeuble* o acesso a estes espaços colectivos é realizado através das escadas de acesso a todas as habitações, promovendo uma ligação física, e eventualmente simbólica, mais directa. É também diferente de exemplo para a exemplo a atribuição dos espaços individuais. Quer em Tusschendijken, quer em Blijdorp eles estão reservados a família da habitação confinante; em Niederrad a sua formalização como "ilhas" no espaço colectivo é dividida pelo uso dos quatro fogos dos pisos 1 e 2, e quer em Heimat, apesar de imediatamente adjacentes ao edificado o espaço é igualmente partilhado pelo conjunto de famílias do "lote".

De todo em todo em qualquer dos casos verifica-se o reaparecimento da preocupação pelo tratamento dos limites. Também entre os espaços colectivos e os individuais surge a preocupação com a filtragem. Nos casos de Tusschendijken, Niederrad e Heimat estas separações são feitas através de sebes de baixa altura, que demarcam claramente os limites entre a apropriação individual e a colectiva, sem entretanto impedir um contacto visual e social entre os habitantes, acima referida a partir de Dreysse. No caso de Blijdorp, a separação dos espaços livres privados individuais e o espaço não construído colectivo é feita através de muros altos, com a função estética de controlar a exposição visual dos espaços de secagem de roupa.

Ao longo deste processo mais específico de análise dos exemplos práticos, parece possível compreender o que regista Lamas sobre ser “através da utilização e do desenho do logradouro que se faz parcialmente a evolução das formas urbanas do «quarteirão» até ao «bloco» construído” (1992: 98). Espera-se que o inverso, do bloco livre à "união livre" de Portas, ou "de facto" de Andrade, ou ao *concepto más amplio y abstracto de manzana* de Arís, possa ser também possível.

5. Considerações finais

No decorrer de uma breve abordagem à evolução das formas urbanas residenciais abordada neste trabalho, verificou-se um papel de destaque dos espaços livres privados nas diferentes transformações do tecido urbano ao longo dos tempos.

Estes espaços, muitas vezes residuais (como na cidade tradicional), forneceram solo para a densificação das cidades durante o século XIX. Foi nestes espaços que os quarteirões se densificaram em profundidade, onde foram construídas habitações sob péssimas condições de habitabilidade. O adensamento através da construção dos logradouros resultou em uma caracterização ainda mais residual destes espaços, reduziram-se a saguões de ventilação, ou pequenos percursos de acessos às habitações nos interiores dos quarteirões.

Apesar de aumentarem significativamente de tamanho, a caracterização residual destes espaços, manteve-se nas reformas pragmáticas do século XIX. Em planos como o de Haussmann, onde o protagonista é o espaço público, seu papel é diminuto na procura pela melhoria das condições de salubridade da população. Mesmo na proposta de Cerdà, onde supostamente estes seriam substituídos por espaços públicos, na prática resultaram, muitas vezes, em espaços construídos de suporte ao comércio localizado face à rua.

Mesmo no caso das cidade-jardim, onde a ampliação dos logradouros privados permitiu a descolagem das habitações de seu cadastro, caracterizando sua diferenciada imagem mais "arejada", os espaços exteriores privados ainda se revestem de uma carácter residual, resultantes de acertos do parcelamento e da implantação das habitações unifamiliares.

Entretanto, na cidade compacta, composta por predominantemente habitações colectivas, os espaços livres ganham importância no combate às péssimas condições dos quarteirões saturados. Por razões higienistas diversas cidades condicionaram a construção no interior dos quarteirões, identificou-se a necessidade de controlar os espaços não construídos privados para se evitar a saturação do tecido urbano. No caso de Amesterdão, este controle se traduz na recomendação da abertura de percursos no interior dos quarteirões a partir do espaço público viário, o que possibilita uma maior exposição e controle dos usos destes espaços (cap.2.4, pág.35).

O progressivo aumento da exposição dos espaços livres privados, combinados com a necessidade de se controlar sua ocupação, traduzem-se numa crescente preocupação dos arquitectos com estes espaços e com a sua relação com o edificado adjacente. Desta forma, os espaços livres privados tornam-se objecto de projecto, algo muitas vezes reservado apenas ao perímetro exterior dos quarteirões.

É precisamente esse questionamento destes espaços como objecto central de reflexão disciplinar que se tem como objectivo, e como pretensão ser importante, resgatar.

Funda-se esta pretensão em muito do que foi possível registar neste trabalho. Entre a afirmação de Rossi de que esta questão da relação entre a esfera pública e a esfera privada nunca ter tido "a importância de primeiro plano que merece" e a verificação dos resultados para a qualificação da cidade e da habitação ocorrida no arco temporal que se investigou prioritariamente, parece ser possível registar a importância da atribuição de uma maior consideração nos nossos projectos. Que não seja de "arranjos exteriores" mas de uma atenta preocupação com as possibilidades e potencialidades que estes espaços possam ter para a habitação colectiva. Aliás, como se referiu a espaços, esta importância é recorrente no projecto de habitações familiares. Pensa-se ter aprendido que “estos aspectos cualitativos están muy ligados a la consideración del espacio libre como un ingrediente sustancial del proyecto” (Pastor, 1991: 119).

Algumas questões da contemporaneidade, nomeadamente para um arquitecto brasileiro impõem ainda maior urgência nesta consideração em sede de projecto, seja na reestruturação do existente, seja na obra nova. A realidade parece ser mais forte do que a boa vontade e as boas intenções dos projectistas. Condóminos, promotores e construtores parecem ter chamado a si um papel de definição significativa dos quadros físico e espacial, para a qual na generalidade dos casos não têm competência, nem percepção ou vontade de medir as consequências que transcendem o seu problema pragmático imediatista.

A incorporação dos problemas específicos da corrente tendência para a privatização dos espaços residenciais no estirador poderá servir para aprofundar uma reflexão disciplinar, que permite fazer obstáculo à aparente inevitabilidade de esses outros tomarem o nosso papel e, no caminho, contribuírem para a descaracterização e desqualificação dos espaços urbanos que são de todos ou de alguns.

> *“Necesitamos aprehender las ideas del pasado de las que la arquitectura actual es heredera directa. Necesitamos herramientas útiles que nos ayuden a esclarecer las líneas maestras que nos conducen a nuestro presente y futuro inmediato. Especialmente, si tenemos en cuenta que la mejor manera de predecir el futuro – y la arquitectura es buena muestra de ello – es crearlo.”*[146]

[146] Josep Blanchart in Arís, 1991: 7.

5.2.Contributo para um conceito mais amplo do quarteirão na contemporaneidade

Esta preocupação mais particularizada neste trabalho sobre os espaços exteriores privados de uso residencial, individual e/ou colectivo, tem subjacente, como se refere nos Objectivos, uma vontade de construção de conhecimento que permita contribuir para as possibilidades de realização contemporânea de "un concepto más amplio y abstracto" do quarteirão.

Mais uma vez muito relacionado com a alínea anterior, esta decorre da recorrência de um valor que a FAUP faz compreender profundamente: o sentido da história não só por ela mesma, mas como base de um conhecimento operativo e instrumental para a prática projectual contemporânea.

Assim para este conceito mais amplo e mais abstracto do quarteirão, como renovada unidade significante do espaço urbano, uma das grandes lições será a recusa de posturas extremistas, entre a morte da rua-corredor ou a condenação do modernismo à lixeira da memória. A maior distância temporal, e emocional, pode contribuir para que possa olhar para a história das formas urbanas e arquitectónicas, quase como um dicionário válido em todas as suas entradas. Todas as experiências associadas ao risco de projectar, de *criar futuro*, terão tido consequências positivas e negativas.

Este novo conceito de quarteirão, entre a reflexão de Arís e o exemplo do ZAC Massena de Portzamparc parecem poder produzir vantagens múltiplas. Definição mais qualificada dos espaços urbanos e da sua percepção pelo "homem da rua", quer pelo aumento de insolação e ventilação que permitem considerar problemas de ritmos de composição e de jogos e vazios na conformação dos espaços exteriores, sejam ele públicos ou privados, quer pela presença visual de espaços privados qualificados a partir da rua.

Simultaneamente, do ponto de vista inverso, a possibilidade da definição de espaços onde os moradores da habitação colectiva se sintam em casa fora de casa, se possam expor mais ao contacto com o vizinho que desconhecem do elevador e da caixa de escadas e não percam, no maior enclausuramento provocado pelas soluções recentes de contínua habitação periférica, a visão e o desejo do espaço público.

Estas formas terão com certeza as suas desvantagens e problemas. Não será de todo solução para todas as questões. Mas a liberdade criativa de poder conjugar, de forma reflectida e crítica, os ensinamentos da história, no esforço de transição para as condições do presente, poderão ser mais adequadas do que a persistência em modelos, formas e processos, que a história parece ter denunciado alguma falência.

Neste esforço será de não deixar de lembrar que os exemplos da década de vinte abordados neste trabalho, foram pensados e ponderados em um contexto específico e muito distinto do vivido na actualidade. Mas podem permitir, devidamente ponderados e articulados com outro conhecimento, como aqui se tentou fazer, significar bons exemplos de aprendizagem e de verificação dos valores da diversidade. Para isso será com certeza insuficiente o que aqui se faz. Percebe-se isto desde logo desde o interior da investigação que agora tem que finalizar. Este conhecimento está longe de ser suficiente. Conhecer mais profundamente o "processo inverso", isto é, do bloco livre ao "novo" quarteirão, que aqui só se referiu de forma periférica; ou trabalhar de forma específica sobre os "limites" são apenas duas vontades imediatas. Muito mais, nomeadamente no cruzamento com outras disciplinas.

Esse conhecimento mais alargado poderá melhor sustentar a liberdade de conjugar gavetos, edificação periférica, elementos soltos, torres, blocos, barras, espaços de uso claramente privado, mais ou menos directa e visualmente relacionados com os públicos, sem nunca deixar de afirmar e promover a definição e qualificação prioritária destes. Encontrar a medida e a dimensão certa para cada um, a *coexistência pacífica* de formas urbanas que atendam aos valores modernistas de luz, ar, espaço, verdura, higiene, aspecto, movimento, abertura, perspectivas longínquas, composição volumétrica,… em articulação, ao nível do plano do chão, com uma clara, inequívoca e contínua delimitação entre espaços de uso público e espaços de uso privado, enfim fundir a "*experiência moderna e a permanência clássica*" (Andrade, 2004: 52).

Bibliografia

-**ALEXANDER, Christopher (1965)**; *«The City is not a Tree»;* in Architectural Forum, Maio, 1965. (trad.port. «Uma Cidade não é uma Árvore»; in *Arquitectura*, n.º 94, 1969 – tradução e introdução por C. Duarte).

-**ALEXANDER, Christopher; CHERMAYEFF, Serge (1963)**; *Community and Privacy - Toward a New Architecture of Humanism*; New York: Doubleday & Company, Inc., 1963, London: Pelikan Book, Penguim Books.

-**ANDRADE, Álvaro Fernandes (2004)**; *Espaços exteriores de uso privado ao nível do solo em habitação colectiva : desmistificação ideológica entre o luto do modernismo e a consideração tranquila dos condomínios fechados*; Porto: Dissertação de Mestrado, F.A.U.P. (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto), 2004.

-**ARÍS, Carlos Martí (1995);** *«Ensanches en la periferia, el caso de Madrid»*; in HERNÁNDEZ-AJA, Agustín; LUCIO, Rámon López de (coord.); *Los Nuevos Ensanches de Madrid- La morfología residencial de la periferia reciente*, 1985-1993; Madrid: Gerencia Municipal de Urbanismo, 1995 - pp. 258-262.

-ARÍS, Carlos Martí (1991); *«Las formas de la residencia en la ciudad moderna»*; *in* ARÍS, Carlos Martí (ed.); *Las formas de la residencia en la ciudad moderna: vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*; 2ª ed., Barcelona, ediciones UPC, 2000, pp. 12-48.

-ARMESTO, Antonio (1991); *«Immueble Villas in* ARÍS, Carlos Martí (ed.); *Las formas de la residencia en la ciudad moderna: vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*; 2ª ed., Barcelona, ediciones UPC, 2000, pp. 58-67.

-**BARBIERE, Umberto (1986);** *J.J.P. Oud*; 2ª ed., Bologna: Nicola Zanichelli Editore, 1990; 1ª ed. 1986.

-**BENEVOLO, Leonardo (1963);** *Le Origini del Urbanistica Moderna; Roma: Gius. Laterza & Figli Spa, 1968*; (trad. port.: Benevolo, Leonardo; *As Origens da Urbanística Moderna*, trad. port., 2º edição Lisboa, Editorial Presença, 1987).

-**BENEVOLO, Leonardo (1960)**; *Storia dell'architettura moderna*; Roma: Gius. Laterza & Figli Spa, 1974 (trad.cast.: *Historia de la Arquitectura Moderna* - 5º edición ampliada; Barcelona: Ed. Gustavo Gili, S.A., 1982).

-**BUSQUETS, Joan; CORREA, Felipe (2006);** *Cities X Lines: A new lens for the urbanistic project*; Cambridge: Harvard University, 2007.

-**CASCIATO, Maristella (1987);** *La Scuola di Amsterdam*; Bologna: Nicola Zanichelli Editore S.p.A., 1987 (trad. Ing. : *The Amsterdam School*; Rotterdam: 010 Publishers, 2003).

-**CHARTE D'ATHENES, La [C.A.] (1933)**; [Le Corbusier (Jeanneret, Charles-Edouard) (1943)]; *La Charte D'Athènes*; Paris: Plon et Cie., 1943 (trad.port. «*A Carta de Atenas*», revista Urbanismo, trad. de Maria de Lourdes e F. Castro Rodrigues).

-**CORBUSIER, Le (1923)**; *Vers une Architecture;* Paris: Éditions Crés et Cie, 1923 (trad. Inglês ; *Towards a New Architecture*; Nova Iorque : Dover Publications 1986).

-**CORBUSIER, Le (1925);** *Urbanisme*; Paris: Éditions G. Crés, 1925 (trad. port.; *Urbanismo*; 3ª ed.; São Paulo: Editora Martins Fontes Ltda, 2009 – 1ª ed. 1992).

-**CORBUSIER, Le (1943);** *Manière de Penser l'Urbanisme*; (versão revista e aumentada dos textos publicados em L'Architecture d'Aujourd'hui, Paris: 1946) Paris: Ed. Gonthier, 1966 (trad. port.; *Maneira de Pensar o Urbanismo,* 4ª ed.; Lisboa: Publicações Europa-América, Lda., 1995 – 1º ed. 1970).

-**COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio (1992);** *Dicionário da língua portuguesa*; 6º ed., Porto : Porto Editora, 1992.

-**COSTA, Rui Pedro Teixeira de Sousa (2006);** *100 anos de siedlung's : da morfologia da cidade à tipologia do fogo*; Porto: Prova final, F.A.U.P. (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto), 2006.

-**CULLEN, Gordon (1966)**; *The Concise Townscape*; Oxford: Architectural Press Oxford, 1971.(trad. port. *Paisagem Urbana*; Lisboa : Edições 70, 1984).

-**DREYSSE, Dietrich W. (1988);** *Ernst may housing estates : architectural guide to eight new Frankfort estates : 1926-1930*; Frankfurt: Verlag Dieter Frickle GmbH, 1988.

-**FRAMPTON, Kenneth (1985)**; *Modern Architecture, a critical history*; 2ª ed., London : Thames and Hudson Ltd., 1985.

-GASCÓN, Eduardo (1991); «*Nirwana Flats in* ARÍS, Carlos Martí (ed.); *Las formas de la residencia en la ciudad moderna: vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*; 2ª ed., Barcelona, ediciones UPC, 2000, pp. 96-101.

-**GRINBERG, Donald I. (1982);** *Housing in the Netherlands : 1900-1940*; Delft: Delft University Press, 1982.

-**JACOBS, Jane (1961)**; *The Death and Life of Great Amercian Cities*; New York: Random House, 1961(trad.port.; *Morte e Vida de Grandes Cidades*; São Paulo: Martins Fontes Editora, 2000).

-**JENKS, Charles (1977)**; *The Language of Post-Modern Architecture*; New York: Rizzoli

-**IGUALADA, Javier Pérez (2005);** *Manzanas, Bloques y Casas, formas construidas y formas del suelo en la ciudad contemporánea*; Valencia: Editorial de la UPV (2005).

-**KRIER, Leon (1984);** *Houses, Palaces, Cities*; London: Architectural Design AD Editions Ltd, 1984.

-**KRIER, Léon (1999);** *Choice or Fate*; London: Andreas Papadakis Ltd., 1999 (trad. Port.: *Arquitectura : escolha ou fatalidade* ;Lisboa: Estar-Editora Lda., col. Teorias e fontes da arquitectura, 1999).

-**KRIER, Rob (2003);** *Town spaces : contemporary interpretations in traditional urbanism*; Basel: Birkhäusen publishers for architecture, 2003.

-**LAMAS, José M. Ressano Garcia (1992)**; *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*; 4ªed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica; 1ª ed. 1992.

-**LUCIO, Rámon López de (1995)**; «La recuperación de una forma urbana clásica»; in HERNÁNDEZ-AJA, Agustín; LUCIO, Rámon López de (coord.)*; Los Nuevos Ensanches de Madrid- La morfología residencial de la periferia reciente, 1985-1993*; Madrid: Gerencia Municipal de Urbanismo, 1995.

- **LYNCH, Kevin (1960)**; *The Image of the City*; Cambridge (Massachussets) The MIT Press, 1960 (trad. port. *A Imagem da Cidade*; Lisboa: Edições 70, 1982).

-**MACHADO, José Pedro de (1989);** *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*; Volume 5, 5ª ed., Lisboa: Livros horizonte, Lda.,1989; 1ª ed. 1952.

-MERLIN, Pierre; CHOAY, Françoise (1988); *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement* ; Paris : Presses Universitaires de France, 1ª ed.

-**MOLEMA, Jan (1989)**; *Jan Duiker: Works and Projects*; Rotterdam: Uitgeverij 010 Publishers (trad. Esp.: *Jan Duiker: Obras y Proyecto*; Barcelona: Gustavo Gili, 1989).

-MUMFORD, Lewis (1961); *The City in History – Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*; Nova Iorque: Harcourt Brace and Worl, 1961; (trad. port. *A Cidade na História – suas Origens, Transformações e Perspectivas,* 2ª ed. Brasileira; São Paulo: Martins Fontes, 1982).

-MUMFORD, Lewis (2000); *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*; Cambridge (Massachussets) The MIT Press, 2000.

- **PANERAI, Philippe; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean Charles (1986)**; *Formes Urbaines: de l'îlot à la barre*; Paris: Bordas, 1980 (trad. Ing. : *Urban forms, the death and life of the urban block.* Oxford, 2004).

-PASTOR, José Ramón (1991); «*Siedlung Heimat»; in* ARÍS, Carlos Martí (ed.); *Las formas de la residencia en la ciudad moderna: vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*; 2ª ed., Barcelona, ediciones UPC, 2000, pp. 118-125.

-**PORTAS, Nuno (1980);** «*Cerdà e os traçados.*»; in revista Arquitectura, Nº138, Lisboa; in PORTAS, Nuno (2005); *Nuno Portas: Os Tempos das Formas, Volume I, A Cidade Feita e Refeita*; Guimarães: Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, 2005; pp. 67-83.

- **PORTAS, Nuno (1987);** *«Conceitos de Desenvolvimento Urbano»*; in *Jornal Arquitectos;* Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses (Ordem dos Arquitectos) Nº 56 e Nº 57, 1987; in PORTAS, Nuno (2005); *Nuno Portas: Os Tempos das Formas, Volume I, A Cidade Feita e Refeita*; Guimarães: Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, 2005; pp. 105-119.

-**PORTAS, Nuno (1985);** «*Notas sobre a intervenção na cidade existente*»; in *Sociedade e Território*, n.º 2, Porto, 1985; in PORTAS, Nuno (2005); *Nuno Portas: Os Tempos das Formas, Volume I, A Cidade Feita e Refeita*; Guimarães: Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, 2005; pp. 171-183.

-**PORTZAMPARC, Christian de (1993)**; «*La Ville Âge III*»; in *Conférences «Paris d'Architectes», Pavillon de L'Arsenal 1994*; Paris: Éditions du Pavillion de l'Arsenal, Les mimi PA n.º5, 1994 pp. 9-53.

-**PORTZAMPARC, Christian (1997);** «*Ville Âge III*»; in *Revista Óculum 9* ; Campinas : Edições Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1997, pp. 34-35 (trad. port. *Terceira era da cidade*, por BENFATTI, Denio Munia).

-**RAMOS, Rui Jorge Garcia (1990);** *Relatório : o quarteirão como ideia da cidade* ; aula teórico-prática; Porto: F.A.U.P., (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto), 1990.

-**RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane (1992)**; *La ville: vers une nouvelle définition?*; Paris: L'Harmattan, 1992 (trad. port. *A Cidade: Rumo a Uma Nova Definição*; Porto: Edições Afrontamento, col. A Cidade em Questão nº9, 1994).

-ROSSI, Aldo (1966); *L'Architettura della Città*; Padova: Marsilio Editori, 1966 (trad.port. *A Arquitectura da Cidade*; Lisboa: Edições Cosmos, 1977).

-**ROWE, Colin; KOETLER, Fred (1978);** *Collage city*; Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology Press, 1978.

-**ROWE, Colin (1984);** «The revolt of the senses»; in KRIER, Leon (1984); *Houses, Palaces, Cities*; London: AD Editions Ltd, 1984 - pp. 6-9.

-**SILVA, Jorge Henrique Pais da** (2005);Dicionário de termos de arte e arquitectura / Jorge Henrique Pais da Silva, Margarida Calado ;2005

-**SILVA, Henrique Pedro Pereira da (2007);** *O lugar do espaço de transição no espaço público*; Porto: Prova final, F.A.U.P. (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto), 2007.

-**SHERWOOD, Roger (1978);** *Modern Housing Prototypes*; Cambridge: Harvard University Press, 1978.

-**TAVERNE, Ed; WAGNAAR, Cor; VLETTER, Martien de (2001);** J.J.P. Oud: The Complete Works : 1890-1963; Rotterdam: Nai Publishers, 2001.

-**TESTA, Peter (1984)**; *The Architecture of Alvaro Siza*; Cambridge: Massachussetts Institute of Technology, Department of Architecture, Program in History, Theory and Criticism, 1984 (ver. port. A Arquitectura de Álvaro Siza. Porto: Edições da FAUP, 1988 – tradução de José Quintão).

-**TORRES, Alexander Russel Neto (2006)**; *Inside out : o interior de quarteirão como espaço urbano*; Porto: Prova final, F.A.U.P. (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto), 2006.

Créditos das imagens

01. Igualada, 2005: 12.
02. Rossi, 1966:118.
03. Biblioteca Nacional Digital, http://purl.pt.
04. Arís, 1991: 19.
05. Igualada, 2005: 13.
06. Grinberg, 1982: 35.
07. Grinberg, 1982: 35.
08. Panerai et.al., 1986: 12.
09. Panerai et.al., 1986: 5.
10. Panerai et.al., 1986: 21.
11. Panerai et.al., 1986: 23.
12. Panerai et.al., 1986: 15.
13. Lamas, 1992: 217.
14. Lamas, 1992: 220.
15. Arís, 1991: 18.
16. Panerai et.al., 1986: 32.
17. Arís, 1991: 21.
18. Arís, 1991: 20.
19. Panerai et.al., 1986: 50.
20. Panerai et.al., 1986: 38.
21. Lamas, 1992: 335.
22. Igualada, 2005: 25.
23. Igualada, 2005: 25.
24. Igualada, 2005: 25.
25. http://nl.wikipedia.org/wiki/Plan_Zuid
26. http://nl.wikipedia.org/wiki/Plan_Zuid
27. http://nl.wikipedia.org/wiki/Plan_Zuid
28. http://nl.wikipedia.org/wiki/Plan_Zuid
29. Panerai et.al., 1986: 83.
30. Panerai et.al., 1986: 83.
31. Panerai et.al., 1986: 83.
32. Goggle maps, http://maps.google.pt/
33. Goggle maps, http://maps.google.pt/
34. Goggle maps, http://maps.google.pt/
35. Goggle maps, http://maps.google.pt/
36. Bing maps, http://www.bing.com/maps/
37. Panerai et.al., 1986: 87.
38. http://www.sandravanbeek.nl/Zomerdijk/
39. Sherwood, 1978: 135.
40. Lamas, 1992: 255.
41. Arís, 1991: 33.
42. Arís, 1991: 34.
43. http://www.capitalieuropee.altervista.org/1/115.html
44. http://www.capitalieuropee.altervista.org/1/115.html
45. http://www.celle.de/index.phtml
46. Bing maps, http://www.bing.com/maps/
47. Dreysse, 1988.
48. Panerai et.al., 1986: 105.
49. Dreysse, 1988.
50. Panerai et.al., 1986: 92.
51. Dreysse, 1988.
52. Panerai et.al., 1986: 104.
53. Panerai et.al., 1986: 104.
54. Arís, 1991: 35.
55. Lamas, 1992: 341.
56. Corbusier, 1943: 132.
57. Corbusier, 1943: 133.
58. Corbusier, 1943: 80.

59. Panerai et.al., 1986: 115.
60. Sherwood, 1978: 120.
61. http://bsb.hd1.com.br/projetos.html
62. http://www.damtp.cam.ac.uk/user/yuri/fotosbsb_arquivos/AsaNorte0.jpg
63. Bing maps, http://www.bing.com/maps/
64. Lamas, 1992: 360.
65. Lamas, 1992: 393.
66. http://aliciapatterson.org/APF0801/Cohn/Cohn.html
67. http://www.ville-en-mouvement.com/plateforme_insertion/articles_parutions_uk.htm
68. Krier, 1984: 38.
69. Krier, 1999: 43.
70. http://www.ecocompactcity.org/District/Eco_Compact_District.html
71. Krier, 1984: 75.
72. Krier, 1984: 74.
73. Hernández-Aja, 1995: 217.
74. Hernández-Aja, 1995: 221.
75. Goggle maps, http://maps.google.pt/
76. Hernández-Aja, 1995: 79.
77. Lamas, 1992: 431.
78. Lamas, 1992: 431.
79. http://www.e-c-o-l-e.com/classics/ungers/
80. http://www.architectureinberlin.com/?page_id=169
81. Lamas, 1992: 430.
82. Bing maps, http://www.bing.com/maps/
83. Igualada, 2005: 182.
84. Bing maps, http://www.bing.com/maps/
85. Portzamparc, 1997: 36.
86. Portzamparc, 1997: 37.
87. Google Street View, http://maps.google.com/help/maps/streetview/
88. http://www.vivercidades.org.br/
89. http://www.chdeportzamparc.com/
90. Portzamparc, 1997: 42.
91. Busquets, 2006: 164.
92. Busquets, 2006: 164.
93. Taverne et.al., 2001: 240.
94. Elaborada pelo autor.
95. Barbiere, 1986: 82.
96. Taverne et.al., 2001: 241.
97. Taverne et.al., 2001: 239.
98. Taverne et.al., 2001: 239.
99. Barbiere, 1986: 83.
100. Barbiere, 1986: 83.
101. Igualada, 2005: 23.
102. Igualada, 2005: 23.
103. Bing maps, http://www.bing.com/maps/
104. Google Street View, http://maps.google.com/help/maps/streetview/
105. Google Street View, http://maps.google.com/help/maps/streetview/
106. Dreysse, 1988.
107. Elaborada pelo autor.
108. Panerai et.al., 1986: 109.
109. Dreysse, 1988: 36.
110. Panerai et.al., 1986: 109.
111. Dreysse, 1988:35.
112. http://www.ernst-may-haus.de/maybiografie/
113. http://www.ciam1929-2009.de/referenten
114. Texas university, http://collections.lib.ttu.edu/
115. Texas university, http://collections.lib.ttu.edu/
116. http://www.ernst-may-haus.de/maybiografie/
117. http://de.wikipedia.org/wiki/Frankfurt-Niederrad
118. Grinberg, 1982: 121.
119. Molema, 1989:104.
120. Molema, 1989:104.
121. Elaborada pelo autor.

122. Molema, 1989:107.
123. Grinberg, 1982: 121.
124. Arís, 1991: 100.
125. Sherwwod, 1978: 105.
126. Sherwwod, 1978: 106.
127. Goggle maps, http://maps.google.pt/
128. Google Street View, http://maps.google.com/help/maps/streetview/
129. Dreysse, 1988.
130. Elaborada pelo autor.
131. Dreysse, 1988:40.
132. Bing maps, http://www.bing.com/maps/
133. Dreysse, 1988:40.
134. Dreysse, 1988:41.
135. http://de.wikipedia.org/wiki/Ernst_May
136. Bing maps, http://www.bing.com/maps/
137. http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Heimatsiedlung,_Unter_den_Buchen.jpg
138. http://de.academic.ru/dic.nsf/dewiki/593080
139. http://www.gibsonhomes.de/en/offers/1369_frankfurt_sachsenhausen_3_bedroom_cosy_family_home_town house_with_garden.html
140. http://arkitectos.blogspot.com/2009/08/edificio-no-campo-di-marte-giudecca.html
141. Igualada, 2005: 60.
142. Barbiere, 1990:114.
143. Elaborada pelo autor.
144. Taverne et.al., 2001: 307.
145. Taverne et.al., 2001: 304.
146. Arís, 1991: 39.
147. Taverne et.al., 2001: 309.
148. Taverne et.al., 2001: 308.
149. Taverne et.al., 2001: 305.
150. Corbusier, 1923: 246.
151. Arís, 1991: 64.
152. Arís, 1991: 63.
153. Corbusier, 1923: 249.
154. Corbusier, 1923: 248.
155. Elaborada pelo autor.
156. Corbusier, 1923: 249.
157. Corbusier, 1925: 209.
158. Corbusier, 1925: 206.
159. Arís, 1991: 63.
160. Arís, 1991: 58.
161. Elaborada pelo autor.
162. Sherwood, 1978: 97.